

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO MULTIDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**ENTRE OS BRECHÓS E A INTERNET: CIDADANIAS FLUIDAS E IDENTIDADES
MEDIADAS POR PRÁTICAS CULTURAIS PRESENCIAIS E VIRTUAIS DOS
MODS DE CURITIBA – PARANÁ**

DANIELE PRATES PEREIRA

PONTA GROSSA – PARANÁ

2008

DANIELE PRATES PEREIRA

**ENTRE OS BRECHÓS E A INTERNET: CIDADANIAS FLUIDAS E IDENTIDADES
MEDIADAS POR PRÁTICAS CULTURAIS PRESENCIAIS E VIRTUAIS DOS
MODS DE CURITIBA – PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Multidisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Estado do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas

Orientadora: Prof. Dra. Andréa Paula dos Santos

PONTA GROSSA – PARANÁ

2008

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Processos Técnicos BICEN/UEPG

P436e Pereira, Daniele Prates
 Entre os brechós e a internet : cidadanias fluidas e identidades
 mediadas por práticas culturais presenciais e virtuais dos Mods
 de Curitiba - Paraná. / Daniele Prates Pereira. Ponta Grossa, 2008
 157f

 Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas),
 Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 Orientadora: Profa. Dra . Andréa Paula dos Santos

 1. Mods curitibanos. 2. Práticas e apropriações culturais.
 3. Atos de consumo. 4. Juventude. 5. Cidadania cultural. I.Santos,
 Andréa Paula dos. II. T

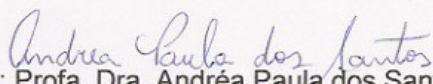
CDD : 306

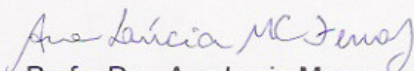
TERMO DE APROVAÇÃO

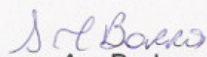
DANIELE PRATES PEREIRA

"ENTRE OS BRECHÓS E A INTERNET: CIDADANIAS FLUIDAS E IDENTIDADES MEDIADAS POR PRÁTICAS CULTURAIS PRESENCIAIS E VIRTUAIS DOS MODS DE CURITIBA - PARANÁ".

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:


Orientadora: Profa. Dra. Andréa Paula dos Santos
Universidade Estadual de Ponta Grossa


Profa. Dra. Ana Lucia Marques Camargo Ferraz
Universidade de São Paulo


Profa. Dra. Solange Ap. Barbosa de Moraes Barros
Universidade Estadual de Ponta Grossa

My Generation (The Who)

Minha Geração

People try to put us down
As pessoas tentam nos colocar pra baixo
Just because we get around
só porque nós vivemos por aí
Things they do look awful cold
as coisas que eles fazem parecem terrivelmente frias
I hope I die before I get old
e espero que eu morra antes de ficar velho
(talkin bout my generation)
(falando da minha geração)

Ele realmente era um Mod (Relespública)

Me perguntar, se é essa a questão?
Meu coração na frente da razão
Nunca mais tão jovem quanto ontem
Você morreu antes de envelhecer
Nunca mais tão mod quanto ontem
Você morreu antes de envelhecer
Envelhecer, envelhecer...

Deus e os Loucos (Anacrônica)

Todo dia me conhece
Outras horas vai me ver
Mas o que já me parece é que talvez
Eu seja o louco de vocês

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente, todas as pessoas que de certa forma participaram e contribuíram de maneira relevante para a elaboração e realização deste trabalho. Em especial, os sujeitos que foram reais atores sociais da cena Mod curitibana, e que prontamente deram voz ao grupo que escolhi conhecer e estudar, a estes, muito obrigada.

Obrigada também, a algumas pessoas que de maneira concreta tiveram alguma parcela de esforço nesse meu caminho de construção, entre eles: Matheus Prates Pereira, Heloisa Prates Pereira, Livia Molinari Jorge Comandulli, Liriane Melina Camargo, Franciele Scarsi, Yeda Priscila, Bárbara Rufatto e Rosicléia Fachin.

Agradeço também a Coordenação do Curso de Direito da Unioeste Paraná – Campus de Francisco Beltrão, em nome da Professora Andréia Benedetti, por entender minhas ausências nesse processo, e possibilitar a mim, aos demais professores e aos alunos uma forma de trabalho cooperativa em que todos saímos ganhando.

Enfim, agradeço por todas as palavras e atitudes de incentivo, e pelos momentos de compreensão de todos aqueles que me apoiaram e que neste momento, podem ver o resultado dos grandes esforços e rupturas por que passei. Principalmente, um grande obrigada a meus pais, por estarem comigo e participarem também das transformações que a construção do conhecimento científico traz a nós mesmos.

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada teve como tema de estudo o grupo cultural curitibano dos *Mods*, cujo termo, surgido na Inglaterra, significa *Modernism/Modism*. Problematicamos algumas das práticas culturais relacionadas aos processos de identificação dos Mods presentes no Brasil, com cena característica no Paraná, de maneira mais visível e organizada em Curitiba. Nosso referencial teórico-metodológico foi construído em torno dos debates sobre a pós-modernidade e as especificidades da dinâmica fluida e intercultural das identidades na contemporaneidade, destacando a importância das práticas e das apropriações culturais como formas de expressão e socialização e de posicionamento sobre os sentidos de pertencimento aos grupos. Sentidos e significações que envolvem a construção do discurso sobre o próprio grupo, as maneiras de ver a realidade cotidiana e as relações dos outros grupos culturais, em diálogo e tensão nos espaços virtuais e presenciais de coexistência comunitária. Noções de identidade, comunidade, subjetividade, estetização do cotidiano tornam-se chaves para compreender como esses indivíduos promovem suas ligações com idéias e práticas de cidadanias culturais que acontecem em meio aos atos de consumo. Aqui definidos como um dos principais aspectos da ação desses sujeitos para expressarem sua identidade e marcarem sua diferenciação em relação aos outros. Nossa análise aponta dilemas, contradições e ambigüidades no desenrolar dos processos de identificação e das práticas culturais dos mods curitibanos. Sobre tudo quando estes exercem suas identidades em cenas virtuais e presenciais em que a mediação de tecnologias e produtos culturais em circulação transformam e pluralizam os sentidos de pertencimento. Criam-se cidadanias culturais fluidas que se encontram, por um lado, entre práticas contemporâneas que, ao mesmo tempo, reafirmam identidades e comunidades fixas e negociam a fluidez, a plasticidade e a fragilidade permanente das formas de expressão e das relações humanas em jogo. Assim, os mods curitibanos, ao se expressarem e conviverem com outros grupos, transformam os significados desses atos, sobretudo os de consumo e sociabilidade cultural, redefinindo – permanentemente e mesmo à revelia de seus sujeitos – práticas e fronteiras entre sujeitos e grupos.

Palavras chave: Mods curitibanos, práticas e apropriações culturais, atos de consumo, juventude, cidadania cultural.

ABSTRACT

The present research studies the cultural group of *Mods* from Curitiba, its name comes from England and means *Modernism/Modism*. We bring to discussion some cultural practices related to the identification processes of the Mods in Brazil, with a specific scene in Paraná state, visually and organized mainly in Curitiba. Our theoretical and methodological references were based on debates about post-modernity and the specificities of dynamic fluid and intercultural identities in the contemporary world, giving emphasis to the importance of cultural practices and appropriations as ways of expression, socialization and positions related to senses of belonging to groups. Senses and meanings that involve the constructions of speeches about the group itself and the way to see the daily reality and the relations with other cultural groups dialogues with the tension in virtual and presencial spaces of community coexistence. Ideas of identity, community, subjectivity, daily estetization, become keys to understand how these individuals develop their links with ideas and practices of cultural citizenship that happen related to consumption actions. In this research, the consumption acts are defined as a main aspect of the individuals' actions to Express their identity and Mark their difference to the others. Our analysis shows dilemmas, contradictions and ambiguities during the identification processes and cultural practices of the Mods from Curitiba. Mainly when they act in the virtual and presencial scenes, where the mediation of Technologies and products transform and pluralize the sense of belonging. Fluid cultural citizenship are created in these processes, due to contemporary practices that at the same time firm fixed identities and communities and negotiate the fluidity, plasticity and fragility that are permanent in ways of expression and human relations in the game. So far, the Curitiba Mods, expressing themselves and getting along with other groups transform the meanings of those actions, mainly the consumption and cultural sociability ones, redefining – in a permanent way and even contradictory way – their practices and the border between individuals and groups.

Key words: Mods from Curitiba, cultural practices and appropriations, consumption acts, youth, cultural citizenship.

Você também pode acompanhar o desenvolvimento da presente pesquisa através através do seu computador.

Além de apresentar os conteúdos deste trabalho de pesquisa, a presente mídia também apresenta fontes audiovisuais, como músicas e vídeos que poderão ser ouvidos e/ou visualizados.

Coloque-o no *drive* do seu computador e navegue.

(incompatível com sistemas de rede com senhas de bloqueio).

SUMÁRIO

LISTA DE FOTOS.....	10
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2 QUEM SÃO ESSES “CARAS” DE TERNINHO, ESTILIZADOS, QUE FREQUENTAM OS BARES DE ROCK’N’ROLL CURITIBANOS? OS MODS CURITIBANOS E A NECESSIDADE DO RECONHECIMENTO DO OUTRO.....	17
2.1 EU.....	17
2.2 HISTÓRIA ORAL DE VIDA E MEMÓRIA: CIÊNCIA E ARTE DO INDIVÍDUO.....	24
2.3 OS COLABORADORES DA PESQUISA, QUE FALARAM SOBRE A “SUA GERAÇÃO”, SOBRE SI MESMOS E SOBRE A CENA MOD CURITIBANA: ELES.....	31
2.3.1 Fabio Elias.....	31
2.3.2 Daniel Lopes e Juliana Negreiros.....	32
2.3.3 André Valdevino.....	33
2.3.4 Angela Zolet Palma.....	34
3 TENSÕES ENTRE AS SUBJETIVIDADES E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS: OS MODS EM DIFERENTES CONTEXTOS	37
3.1 MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: BASES DE ANÁLISES CRÍTICAS DAS MUDANÇAS SOCIAIS E CULTURAIS PARA O UNIVERSO MOD.....	37
3.2 OS INDIVÍDUOS PÓS-MODERNOS, OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E A FORMAÇÃO DE GRUPOS CULTURAIS: DOIS CONTEXTOS MODS INGLESES, SEUS DIFERENTES SENTIDOS E A CHEGADA DESSA CULTURA AO BRASIL.....	44
4 IDENTIDADES FRAGMENTADAS: A MÚSICA COMO ELEMENTO DE APROXIMAÇÃO DOS SUJEITOS PERTENCENTES AO GRUPO DOS MODS.....	79
5 CENA MOD CURITIBANA: O CONSUMO E A ESTETIZAÇÃO DO COTIDIANO COMO FORMA DE ALÍVIAR AS TENSÕES DO DIA-A-DIA.....	87

5.1 PONTO COMUM ENTRE OS MODS DE TODOS OS TEMPOS: O CONSUMO E A BUSCA POR UM ALÍVIO DE TENSÕES.....	87
6 DISCONEXÕES ENTRE O ESPAÇO E O TEMPO: OS MODS DE CURITIBA NA CIBERCULTURA.....	111
6.1 MUDANDO A CENA: A FLUIDEZ DA EXPRESSÃO CURITIBANA PRESENCIAL DOS MODS.....	111
6.2 INFORMAÇÃO E INTERAÇÃO: CIBERMODS DESTERRITORIALIZADOS.....	116
7 CIDADANIAS CULTURAIS: OS MODS APRESENTAM SEUS DILEMAS E CONTRADIÇÕES.....	124
DESFECHO.....	135
REFERÊNCIAS.....	143
ANEXOS.....	150

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Daniele.....	17
Foto 2	12ª Festa POW.....	19
Foto 3	Fabio Elias.....	31
Foto 4	Daniel Lopes e Juliana Nogueira.....	32
Foto 5	André Valdevino.....	33
Foto 6	Angela Zolet Palma.....	34
Foto 7	Obras de Andy Warhol: Caixa de Sabão Brillo – 1964 (polímero sintético e silkscreen sobre madeira, 43,2x43,2x35,6, coleção particular); Díptico de Marilyn – 1962 (acrílico sobre tela, dois painéis de 205,4x144,8 cada, Tate Gallery).....	42
Foto 8	Mapa de casas noturnas londrinas.....	52
Foto 9	Bar Flamingo; Propaganda Noite com Rolling Stones.....	53
Foto 10	Avião do Ministério de Defesa com o logotipo	54
Foto 11	Mod target: alvo mod.....	54
Foto 12	Competição de luzes.....	56
Foto 13	The Who.....	57
Foto 14	Garotos Mods.....	59
Foto 15	Garotas Mods.....	60
Foto 16	Imagem Out Casts.....	65
Foto 17	Imagens brigas entre mods e rockers.....	66
Foto 18	Quadrophenia.....	68
Foto 19	Imagem Propaganda Noite Revival.....	70
Foto 20	Imagem scooterismo + modzines.....	72
Foto 21	Show em Carnaby St.....	73
Foto 22	Álbum Mudança de Comportamento IRA!.....	76
Foto 23	Imagem Motorrad.....	92
Foto 24	Propaganda Bang.....	95
Foto 25	Parca, cena mod Curitiba, Yeda.....	98
Foto 26	Ambiente retro.....	101
Foto 27	PX 200 e Parkas Verdes.....	106
Foto 28	Relespública.....	106

Foto 29	Tarja Preta.....	106
Foto 30	Criaturas.....	107
Foto 31	Mordida.....	107
Foto 32	Faichecleres.....	107
Foto 33	Os Dissonantes.....	107
Foto 34	Bar James e Kitinete Bar.....	112
Foto 35	Trabalho de Campo e Anacrônica.....	140

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente, a pós-modernidade, nome que adotamos para nos referirmos ao contexto contemporâneo, nos apresenta uma sociedade complexa, na qual as relações sociais tornam-se instáveis, principalmente para sujeitos que se encontram sob a denominação genérica da categoria juventude, uma das que mais parecem estar em condição social de transitoriedade.

Observa-se, então, em relação aos indivíduos, uma tentativa de retomar identidades e movimentos do passado, e, através de uma re-significação, adaptá-los a uma nova realidade, trazendo para o presente algo ilusoriamente seguro, baseando-se na idéia de comunidades, que se tornam coesas, mesmo que temporariamente, pelos mais diferenciados fatores. É sob esse panorama que analisamos os Mods de Curitiba, capital paranaense, bem como os processos de identificação dos indivíduos com o grupo, e suas práticas culturais, como forma de se tentar firmar identidades.

Tentamos entender, com este trabalho, como os jovens, em meio à instabilidade, à insegurança e à fragilidade das relações humanas no contexto de grandes transformações contemporâneas, estão construindo novas formas de sociabilidade, criando novas culturas urbanas, buscando informações e divertimento, e por que motivos acabam se identificando com movimentos do passado, como o grupo dos Mods, formando na atualidade, múltiplos cenários culturais. Quisemos, além disso, compreender como se constroem os processos de identificação dos indivíduos pertencentes ao grupo dos Mods em Curitiba, Paraná, sobretudo, como surge essa cena, sua dinâmica cultural, e quais os pontos comuns, as ambigüidades e as contradições que esta faz emergir dentro do grupo.

Entendemos ainda que os processos de identificação característicos dos Mods curitibanos e o posicionamento desses jovens apresentam multiplicidade de contradições e tensões entre os discursos produzidos e as práticas e atuações dos mesmos no mundo, compreendendo ambos como constituintes da complexidade da realidade na condição de representações em diálogo e disputa permanente pelos sujeitos deste grupo.

Estudamos a presente temática porque há atualmente grande preocupação entre historiadores e cientistas sociais, sobretudo sociólogos e antropólogos, em entender as expressões de grupos sócio-culturais urbanos, como por exemplo, o

funk, o rap, o hip-hop, o tradicionalismo gaúcho, as escolas de samba, o heavy-metal, entre outros. E, nesse sentido, acreditamos ser importante que grupos com menor visibilidade e com especificidades históricas e culturais, como os Mods, sejam incluídos nesse contexto, marcando a diversidade e a complexidade das formas de sociabilidade em construção na contemporaneidade.

Sabemos que atualmente, a participação em grupos culturais é inclusive incentivada pelo Estado, e levada à população através dos chamados órgãos não governamentais (ONGs). Outros são institucionalizados como os CTGs (Centro de Tradições Gaúchas). Porém, esses incentivos na tentativa de direcionar os jovens para caminhos considerados como produtivos, em termos de socialização, seriam outro foco de pesquisa, que não a buscada por este trabalho. O que queremos entender são grupos como os Mods curitibanos, que se formam sem normas postas por líderes ou por um arcabouço institucional formal. Observamos que os próprios indivíduos, através de suas experiências que entrelaçam discursos e práticas, forjam processos de identificação que acontecem com referência central às suas subjetividades, construídas em meio às suas condições sócio-econômico-culturais, recriando normas de inclusão e exclusão em constante negociação, conforme aponta o presente trabalho.

Partimos da prática metodológica denominada de observação participante, com a qual demos início ao trabalho, também baseado na metodologia de história oral de vida, através da qual os sujeitos foram entrevistados com ampla liberdade para expressar suas opiniões e sua vivência dentro do grupo, valorizando a interação entre as subjetividades da pesquisadora e dos sujeitos da pesquisa. Construímos, assim, uma etnografia sobre o grupo, como o objetivo de apresentar uma visão dos mecanismos de organização, dos comportamentos, das formas expressão e dos produtos culturais produzidos e consumidos pelos seus participantes.

As fontes audiovisuais e virtuais – aqui compreendidas como um conjunto de representações composto por imagens, músicas, vídeos e documentos da internet, produzido e/ou em processos de circulação, consumo e/ou apropriação pelo grupo – foram analisadas como parte mais importante dos discursos e das práticas culturais em pauta para o entendimento de uma cena que reivindica seu surgimento desde 1950, na Inglaterra, e que se coloca em outro contexto histórico e cultural, como o brasileiro e curitibano do início do século XXI. De forma que a presença das fontes

audiovisuais e virtuais neste corpo textual é fundamental para que cada leitor possa se apropriar das representações dos Mods curitibanos e suas releituras e interpretações das representações dos Mods ao longo do tempo, em seus variados contextos de produção e circulação sócio-cultural.

Iniciamos este trabalho com uma apresentação pela qual se conhece a pesquisadora, o caminho metodológico escolhido, e, principalmente, os sujeitos colaboradores da pesquisa que, de alguma forma, estão ligados com os Mods e com a cena Mod na capital paranaense.

Para analisarmos as entrevistas separamo-nas em blocos temáticos que foram distribuídos pelos capítulos de acordo com os temas, os quais foram discutidos à luz de perspectivas teóricas situadas no debate sobre os impactos dos dilemas da modernidade/pós-modernidade na contemporaneidade. A conversa entre pesquisadora, pressupostos teóricos e sujeitos participantes, se dá no corpo do texto valorizando a alteridade, tentando colocar em pé de igualdade as falas dos sujeitos e as dos estudiosos e teóricos. Reconhecemos que cada um detém conhecimentos específicos sobre suas próprias experiências e construções discursivas e pontuamos que estes não precisam mais ser hierarquizados, pelo menos desde os estudos e as críticas produzidas a partir da segunda metade do século XX, no contexto acadêmico e filosófico chamado de pós-estruturalista, que favoreceram deslocamentos, descentralizações e pluralizações das visões sobre a realidade social e cultural.

Entendemos assim, o grupo dos Mods curitibanos, como mais uma das manifestações culturais híbridas ou interculturais do mundo contemporâneo, ao mesmo tempo um fenômeno urbano metropolitano e da chamada cultura da mobilidade nos ambientes virtuais, baseado especialmente em autores como Nestor Garcia Canclini, Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Apontamos também os dilemas e as divergências presentes na tentativa do grupo em conviver com a delimitação de uma identidade coletiva fixa e a fluidez dos processos de identificação na pós-modernidade, onde existem espaços desterritorializados que potencializam diferentes formas de socialização e identificação, cuja interação e a diversidade geram aos atores sociais possibilidades de novas formas de cidadania para além daquelas que mais reconhecemos como legítima e formal, ou seja, uma cidadania cultural, para alguns uma cidadania do consumo, este visto como prática social

complexa, não mais restrita a uma dimensão de simples passividade e oposição aos modos de sociabilidade da sociedade contemporânea.

É necessário que se diga que a forma como apresentamos o trabalho segue as normas propostas para trabalhos científicos, porém, ao mesmo tempo, tenta agregar a este discurso acadêmico alguns aspectos que emergem perante a utilização das fontes audiovisuais e virtuais, com suas significações complexas advindas do entrelaçamento de formas e conteúdos das expressões discursivas das práticas culturais. Tentamos, neste trabalho, romper com a dualidade entre forma e conteúdo das fontes e também da escrita científica corrente, apresentando uma opção intencional por um certo destaque à estetização dos conteúdos, de acordo com as linguagens disponíveis pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

Esta maneira de apresentar o próprio discurso da dissertação pretende favorecer a crítica e a análise dos limites dos discursos e das formas de expressão que as próprias ciências sociais ainda definem como parâmetro para tratar de temas como o nosso. Em nossa pesquisa, esse discurso acadêmico mais tradicional com suas categorizações clássicas, duais e fixas sobre juventude, grupos culturais, cidadania, identidade foi posto em cheque e não pôde sobreviver aos processos interdisciplinares, complexos e plurais de desconstrução, construção e análise de conceitos, fontes, e temas em pauta. Dessa forma, o estudo e a análise das práticas culturais de estetização do cotidiano, característica fortemente presente, porque constituinte dos grupos Mods, nos direcionou e desafiou a exercitar no próprio corpo do trabalho de que maneira podemos tentar dialogar e compreender as representações deste grupo questionando e transformando nossas próprias representações acadêmicas.

Nesse sentido, construímos a apresentação dos sujeitos colaboradores de forma que pudesse lembrar e evidenciar os dispositivos contemporaneamente utilizados para a construção das identidades virtuais, tais como se colocam os perfis existentes no ciberespaço, ambiente em que grande parte do grupo se encontra, conhece o contexto Mod, interessa-se por este movimento de suposto retorno a épocas que não vivemos, e passa a interagir. Por esse motivo também, apresentamos o trabalho através de mídia (CD-ROM), e o desdobramos numa performance musical e num blog na internet.

Assim, esperamos que este trabalho, mais do que ser de leitura ou visualização “agradável”, de conteúdo “informativo” ou “criativo”, possa se apresentar como o esforço de diálogo entre práticas acadêmicas e culturais ditas juvenis ou urbanas, proporcionando uma maior compreensão crítica tanto sobre as primeiras como sobre as segundas. Talvez assim possamos dizer que tivemos o privilégio, no início do século XXI, graças aos programas de pós-graduação multidisciplinares que se formaram, de vivenciar as possibilidades frutíferas de compreensão crítica dos processos de identificação dos grupos culturais do mundo atual e das novas formas de cidadania em construção, com suas novas, complexas, ambíguas e contraditórias formas de sociabilidade e expressão que permeiam nosso cotidiano em permanente transformação.

2 QUEM SÃO ESSES “CARAS” DE TERNINHO, ESTILIZADOS, QUE FREQUENTAM OS BARES DE ROCK’N’ROLL CURITIBANOS? OS MODS CURITIBANOS E A NECESSIDADE DO RECONHECIMENTO DE SI E DO OUTRO NOS GRUPOS JUVENIS

2.1 EU



Foto 1 Daniele: Eu, no Festival Acorde Curitiba Rock, festival que aconteceu em 12/2006, reunindo diversas bandas, que apresentaram-se desde a manhã até a noite do domingo, entre elas, Faichecleres e Relespública, ícones da cena juvenil curitibana, e também da cena Mod. Foi a participação em ambientes como este que me fez conhecer o grupo e ao mesmo tempo, fez nascer o interesse por esta pesquisa.

Fonte: Arquivo pessoal de pesquisa, 2006.

Foi a primeira pergunta que fiz a mim mesma, quando comecei a perceber que sempre que eu saía à noite, para alguns bares de rock’n’roll em Curitiba, os encontrava, conversando com seus amigos e amigas, rindo, bebendo, todos se divertindo.

Vestiam geralmente calças jeans, tênis da marca “All Star”, camisas ou camisetas, gravatas (ou não), tudo com um corte “retro”. Os cabelos sempre estilizados, bem cortados; mesmo os compridos eram bem cortados. Muitas roupas compradas em brechós, às vezes acessórios, como bótoms, chapéus; para as garotas, camisas, saias ou calças jeans, sapatinhos boneca, os mesmos tênis “All Star” e bótoms, colares de pérolas, fitas nos cabelos. Enfim, todo um universo estetizado e curioso para mim e para outros que circulavam nesses lugares.

Sou graduada em Direito e, durante a graduação, a maioria dos incentivos à pesquisa eram disciplinares, lineares, e voltados às análises dos grupos sociais sob parâmetros legislativos ou de constitucionalidade. Cursei especialização em Direito Tributário e, foi neste momento, em que passei a pesquisar de forma mais concreta, com o apoio de um grande orientador. Porém, a pesquisa disciplinar do Direito ainda não era suficiente para mim. Assim, quando decidi por fazer um mestrado, quis me direcionar as Ciências Sociais Aplicadas, um curso multidisciplinar, onde finalmente pude buscar novos parâmetros de compreensão para questões relevantes sobre o mundo em que vivia, os lugares que eu freqüentava, as pessoas e os grupos com quem tinha afinidade e identificação, para poder entender melhor o meu próprio contexto de vida e de formação profissional e acadêmica.

Dessa forma, e com a curiosidade aflorada em relação àquelas pessoas que eram reconhecidas como Mods, iniciei minha pesquisa científica sobre eles. Era o ano de 2005. O projeto para a presente pesquisa foi aprovado pelo Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas na metade do ano de 2006, revelando a confluência entre as transformações da sociedade contemporânea e os processos de formação acadêmica que buscam compreendê-las.

Em especial, eu encontrava os Mods, agora sobrepondo minha nova significação de sujeitos da minha pesquisa, em bares como Motorrad e Empório São Francisco. Soube de início que, no Empório São Francisco, bar famoso freqüentado por grupos de classe média de Curitiba, a presença desses jovens era comum, já que toda quarta-feira apresentavam-se as bandas Faichecleres e Relespública, ambas com influências de sons dos anos de 1950 e 1960. Conversando, acabei por descobrir que aquelas pessoas que se interessavam por esse tipo de música e vestiam-se com roupas de brechó se definiam como Mods.

Participando desse ambiente de diversidades culturais, e sempre buscando saber novidades sobre o grupo, tomei conhecimento da existência de uma festa, que se realizava todo mês, em um bar chamado Nico. Era o que se conhecia como uma festa Mod, chamada festa Pow¹.

¹ De acordo com André Mod, um dos nossos sujeitos de pesquisa, o nome da festa: POW tem dois motivos. O primeiro deles é que o reflexo da palavra em um espelho possibilitaria a leitura da palavra Mod. O segundo motivo seria uma cena do filme *Quadrophenia* (1979), em que o personagem Jimmy encontra com uma garota no mercado, e coloca um cartaz de uma festa na cesta de compras dela, no qual se lia POW. Aqui percebemos um traço marcante da complexidade e da polifonia presente nos processos de identificação deste grupo cultural, a exemplo de outros (HALL, 2000; CANCLINI, 2000; BAUMAN, 2005). O nome de uma festa, algo que demarca o local presencial da sociabilidade

O Nico Bar ficava no Centro de Curitiba, na Rua João Negrão, 45, e as festas eram organizadas por grupos independentes, com diferentes temáticas, dentre elas, a Festa Pow. Em 10 dezembro de 2005, foi realizada a 12ª Festa Pow, que, como era realizada mensalmente, nessa época tinha a periodicidade de um ano. O bar poderia ser considerado *underground* (o termo significa subterrâneo), pelo que entendemos um lugar rústico, sem investimentos com decoração, freqüentado por um público alternativo despreocupado com popularidade, pois está fora do circuito da moda; com a particularidade do local ter sido uma antiga agência bancária, e a pista de dança estar no lugar do antigo cofre.



Foto 2 12ª Festa Pow: Na primeira imagem, podemos perceber a venda de bótons que acontecia dentro da Festa Pow. Num segundo momento, temos um jovem vestido com camisa, gravata e calça reta, com blusa de lã sobreposta, num estilo “brechó-chique”. Na terceira imagem, temos os jovens na Festa Pow, dançando na pista de danças. O ambiente é escuro, pois a pista é dentro de um antigo cofre de banco. Percebemos desde este momento a atitude do grupo em re-significar o local, que antes era uma agência bancária. Essas re-significações, tanto nas roupas como nos ambientes revelam a ligação do grupo com o pós-modernismo como movimento estético.

Fonte: Lopes, 2005.

As pessoas usavam roupas com apelo retrô e dançavam na pista. Vendiam-se bótons. As bebidas eram variadas, mas consumiam principalmente cervejas. Um DJ discotecava² com vinis e compactos e, em algumas festas, as primeiras pessoas ganhavam um cd com algumas músicas que seriam ouvidas na noite.

do grupo e de sua visibilidade pública, é construído de maneira que forma e conteúdo precisam significar algo que apenas possa ser compreendido por pessoas ligadas ao grupo ou que sejam capazes de reconhecê-lo, bem como as suas referências culturais. Estas transitam da dimensão estética do olhar do espelho (reflexo do eu) ao filme sobre o tema, como marcas mais do que explícitas do esforço da definição de uma identidade do grupo para ser vista e reconhecida por pessoas que possam compartilhar essas significações.

² Discotecar é a ação realizada pelo DJ (disc jockey), quando em uma festa seleciona as músicas através de discos de vinil e compactos, tocando-as durante um período de tempo, chamado “set”. Nas festas, cada dj tocava seu set, utilizando-se de seus próprios vinis, valorizando essa prática que era comum nos anos de 1950/1960. De acordo com André Mod, a mídia entende que DJ é techno

Para mim, cada vez mais esse universo tornava-se interessante. Qual o sentido daquelas festas? Qual o sentido de reviver e recriar cenas do passado na atualidade? Em que lógica esse ambiente de socialização se organizava? E as pessoas, como sentiam-se pertencentes a esse contexto? E por que motivos eram reconhecidas como Mods? É importante assinalar aqui que, naquele primeiro momento de observação participante, em que emergem certa empatia e identificação com o grupo, em nenhum momento passou pela minha cabeça questionar o sentido estabelecido por eles de que, de fato, naquela prática cultural, reviviam e recriavam cenas do passado na atualidade. Essa observação precisa ser demarcada nesse momento da etnografia para, posteriormente, ser possível a consideração de como pude analisar criticamente os processos de construção da identidade do grupo Mod curitibano, ou seja, como se forjavam as marcas e as práticas culturais que definiam sentidos de pertencimento ao grupo e de coerência no tempo e no espaço.

Contudo, neste momento, foi visível que a pesquisa não poderia continuar apenas na observação participante. Seria necessária uma aproximação com os sujeitos participantes deste grupo, a fim de ouvir suas próprias percepções e experiências, com a finalidade também de entender como as práticas sociais daquelas pessoas possibilitavam a criação de uma identidade coletiva tão visível.

Assim, a pesquisa acabou revelando uma grande complexidade. Conta com elementos de pesquisa exploratória (verificação da existência dos Mods no Brasil, mais especificamente em Curitiba - Paraná); histórica (entendimento de grupos semelhantes no passado, o que início se confundiu com o entendimento da existência do próprio grupo no passado, conforme a construção histórica que este faz de si mesmo, considerando a forma como apresentam a evolução de suas estruturas ao longo do tempo e as apropriações em Curitiba); social e antropológica (busca da compreensão da dinâmica de um grupo cultural) e também teórica (estudo e análise de categorias conceituais que possibilitassem o entendimento dos processos de identificação do grupo). Além desses elementos, um dos focos mais importantes, a pesquisa de campo, que visava dar voz aos sujeitos que pertenciam

(estilo musical eletrônico), mas que os primeiros DJs eram de rock, na época de 1950 e, posteriormente, vieram os DJs de festa que tocavam com compactos. Dessa forma, poderíamos contrapor a fala de André com a posição de CANCLINI (2005), que afirma que os sujeitos contemporâneos não são consumidores passivos, mas que se apropriam dos objetos de consumo e acabam consumindo junto com estes seus significados, de forma que conhecer a história da música re-significa até mesmo sua atividade de DJ.

ao grupo e que terminou por apresentar o resultado de um diálogo e de uma interação entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa.

Assim, definimos o universo de estudo como a cena Mod em Curitiba/PR, vista como representativa de fenômenos sócio-culturais relevantes. O recorte histórico é a sociedade atual, num contexto conflituoso entre o que se define como moderno e pós-moderno, possibilitando dessa forma as discussões sobre as identidades dos grupos e dos sujeitos frente a esse contexto. A metodologia primeiramente escolhida para o trabalho de campo foi a “história oral de vida”, onde o sujeito é participante e colaborador da pesquisa, em honra à alteridade, ou, valorização do outro.

Entendemos que, como o Mod é um grupo de expressão sócio-cultural, a representatividade dos sujeitos não é institucionalizada; as hierarquias formais não existem; embora existam jogos de poder, como em todos os grupos sociais. Dessa forma, o grau de representatividade dos sujeitos no grupo acontece através do próprio reconhecimento, principalmente dos demais participantes do grupo. Assim, tornou-se difícil o estabelecimento de um critério “totalmente objetivo” para a escolha dos sujeitos, se considerarmos apenas termos de institucionalização como parâmetro de decisão. Decidi então, estabelecer critérios de objetivação que partiam do reconhecimento das subjetividades, escolhendo para entrevistar alguns sujeitos que, pela observação participativa, pareciam ter respaldo na cena Mod curitibana. Estes foram os sujeitos iniciais, ou os chamados “pontos zero” da minha rede de colaboradores.

Assim, escolhi como pontos zero: Fabio Elias, vocalista da banda Relespública, que atraía Mods ao bar Empório São Francisco; Daniel Lopes, mais conhecido como Danimod, que discotecava nas festas Pow, juntamente com Gabba – Gabriel Nogueira, que foi o idealizador da Pow, mas que não foi encontrado para participar da pesquisa, já que, de acordo com informações, se encontrava na Inglaterra, e apenas retornava ao Brasil esporadicamente.

Fabio Elias indicou como possíveis referências o próprio Gabba; Ivan, da banda Mordida; Rafael, da banda Criaturas, que antigamente formava a banda Tarja

Preta; Danimod e André Mod, que discotecavam na Pow; e Elvis. Também comentou sobre o Fabz, responsável pelo website <www.ocrepusculo.com.br>³.

Com essas indicações, percebi o início de formação de uma rede, pois já tinha a intenção de entrevistar Danimod, que foi, naquele momento, também indicado por Fabio Elias. Gabba, como comentado, não foi encontrado e, em contato via e-mail, não obtive respostas, provavelmente por este encontrar-se envolvido com objetivos profissionais diversos, já que, de acordo com informações, estaria estudando para concurso de diplomacia. Não estabeleci contatos com Ivan e Rafael, pois sabia que encontravam-se em São Paulo, com as bandas. Conversei com Elvis, em festa no bar chamado Retrô, mas o mesmo afirmou apenas gostar do estilo retrô, porém não quis participar por não se considerar pertencente ao grupo (embora o próprio Fabio Elias, pertencente ao grupo reconheça-o como tal). Assim, considerei como colaborador da pesquisa também, André Mod, dentre as indicações de Fabio, que aceitou o convite desde o primeiro momento. Fabio Elias também citou algumas jovens como participantes do grupo, como Cecília, da banda Laboratório São Paulo; Liana e Claudinha, porém, sem saber indicar os sobrenomes, sendo que não consegui encontrá-las.

Conversando com Daniel Lopes, segundo “ponto zero” das redes de entrevistados em construção, este indicou-me sua esposa, Juliana, pois se conheceram através de um fórum de discussão sobre músicas dos anos de 1950/1960. Além dela, citou Edgar Scandurra (da banda IRA) e Rodolfo, de São Paulo, o que tornaria o acesso mais difícil, sem contar que em princípio isso desviaria o recorte da pesquisa, especificamente delimitado para a cena curitibana. Daniel também indicou: Ângela, uma jovem que havia morado em Curitiba e participado da cena, mas que havia ido embora para a cidade de Pato Branco; Moon, baterista da banda Relespública; e Walter Chinasky, da banda Laboratório São Paulo, novamente distante. Como já havia a participação de Fabio Elias, da banda Relespública, resolvi então trabalhar apenas com Ângela como mais uma colaboradora da pesquisa, que aceitou participar, principalmente possibilitando assim o contato com papéis de gêneros diferentes no interior do grupo, considerando que a facilidade de estabelecer diálogo e colaboração masculina foi

³ Website contendo fotonovelas (histórias contadas através de fotografias, que são apresentadas durante um período de tempo, através de capítulos). O próprio website possui em sua interface símbolos Mod.

muito maior do que a feminina, ponto a ser analisado posteriormente. Tentei conversar também com Fabz, Fabiano Viana, que disse aceitar participar da pesquisa, mostrou-se empolgado de início, mas não apareceu a nenhum dos encontros marcados. Assim, como sujeitos colaboradores, por representatividade definida no grupo, ou seja, sujeitos significantes para os sentidos de pertença dos Mods na cena curitibana, temos: Fábio Elias, Daniel Lopes, Juliana Nogueira, André Valdevino e Angela Zolet.

Ressaltamos que, embora não exista um recorte específico de gênero, de faixa etária, ou de classe social, decidimos desta forma por levar-se em consideração o critério que consideramos mais relevante, o reconhecimento dos colaboradores pelos próprios sujeitos do grupo. Entendemos que se trata de um grupo juvenil, sem estabelecimento de faixas etárias, até porque trata-se de um grupo constituído no contexto já mencionado da pós-modernidade, com certa relativização da importância de critérios apenas neste sentido. A cultura Mod foi apropriada por pessoas que a vivenciaram na época e no local de seu nascimento (1950 na Inglaterra), bem como tardiamente no Brasil e em outros países, sendo resignificada por muitos jovens de diferentes gerações e da contemporaneidade que se identificam com eles. Jovens estes que, concordando com Maria Teresa Castelo Branco (2003), são sujeitos especiais, pois encontram-se em condição social provisória. Provisória porque a juventude passa, e social porque essa passagem não tem limite de idades pré-fixadas, podendo permanecer por um período longo. Esse conceito se aplica aos jovens em geral, colaboradores ou não desta pesquisa. Para Branco (2003), a juventude é um dos momentos da vida em que se é possível observar de forma mais visível a intensidade das transformações na construção das identidades.

Ainda compartilhando desse fundamento, de acordo com Groppo (2000) a juventude, ou os jovens num sentido amplo, são um grupo heterogêneo, que não podem ser definidos estabelecendo-se apenas limites etários. Para este autor, os jovens formam uma categoria singular:

Podemos definir a juventude como uma categoria social. Tal definição faz da juventude algo mais do que uma faixa etária ou uma “classe de idade”, no sentido de limites etários restritos – 13 a 20 anos, 17 a 25 anos, 15 a 21 anos etc. Também, não faz da juventude um grupo coeso ou uma classe de fato, aquilo que Mannheim chama de grupo social concreto. Não existe realmente uma “classe social” formada, ao mesmo tempo, por todos os

indivíduos de uma mesma faixa etária.

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social (novamente no sentido dado por Manheim). Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. (GROPPO, 2000, p. 07-08).

É essa juventude, fragmentada e fluida, fruto de um contexto contemporâneo, que se busca entender sem limitações de idade, mas sim por meio de parâmetros sociais do que significa vivenciar experiências de juventude, independentemente de marcos que possam ser fixados apenas pela idade biológica. Sarlo (2000, p. 36) afirma em *Cenas da vida pós-moderna*, que “a primeira juventude se prolonga depois dos 30 anos. Um terço da vida se desenvolve sob o rótulo de juventude, tão convencional quanto quaisquer outros rótulos. Todo mundo sabe que esses limites, aceitos como indicações precisas, costumam mudar o tempo todo”.

Escolhidos, portanto, os sujeitos, em número de 5 (cinco), foram gravadas as entrevistas e o trabalho foi tecnicamente guiado pela linha do tempo de vida, ou seja, o colaborador contou sua história, desde a infância até os dias atuais, valorizando os acontecimentos de sua vida por grau de importância. Apenas alguns temas ou perguntas de corte foram selecionados, caso estes não fossem espontaneamente abordados pelo entrevistado.

As entrevistas foram transcritas e textualizadas, e os colaboradores leram as transcrições, confirmando o texto ou modificando palavras que não haviam sido corretamente entendidas, estabelecendo o sentido que desejavam às entrevistas, autorizando-as por escrito (vide anexo). Para a análise das falas dos sujeitos, as entrevistas foram tematizadas, ou seja, os assuntos de maior relevância foram agrupados, proporcionando uma visão mais crítica sobre o grupo, que dialogam com os teóricos que discutem as categorias relacionadas às temáticas.

2.2 MEMÓRIAS DE JOVENS MODS CURITIBANOS ENTRE A FLUIDEZ DO PRESENTE E A DESCARTABILIDADE DE PASSADOS RECENTES: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

Estamos acostumados a valorizar apenas coisas consideradas grandiosas. Grandes feitos, pessoas famosas, e esquecemos da importância das pequenas coisas que constroem nosso cotidiano. Precisamos em alguns momentos reinventar nossos olhares, e perceber que todos nós fazemos história e somos sujeitos de nossas realidades, todos somos atores sociais.

O Mod, como uma expressão cultural inglesa, surgida nos anos de 1950, pode ser analisado através de documentos históricos relacionados a esse contexto. Todavia, os Mods no Brasil ou em Curitiba formam uma outra cena, observada numa nova realidade que ainda não tinha sido estudada. Em nossa escolha por estudá-lo, criamos uma documentação baseada em fontes orais, que se juntou à análise dos documentos produzidos e apropriados pelo grupo, sobretudo fontes audiovisuais, musicais e virtuais.

Assim, para entender o grupo dos Mods em Curitiba, seria impossível estabelecer significações apenas a partir do estudo de livros, notícias ou músicas em circulação entre esses sujeitos.⁴ O que justificou a necessidade do trabalho de campo foi a compreensão de que era importante conhecer os sentidos das práticas e produtos culturais deste grupo a partir das suas próprias experiências e de suas narrativas sobre elas.

Dentro desse contexto, Portelli afirma:

A História Oral como uma arte do indivíduo, portanto, leva ao reconhecimento não só da diferença, como também da igualdade. A diferença é, antes de mais nada, aquela entre as numerosas pessoas com quem conversamos, porém, compreende, também, o elemento de serem diferentes de nós – constituindo essa a razão primordial que nos motiva a procurá-las. (PORTELLI, 1997, p. 18).

Essa valorização das diferenças é fundamental para o presente estudo, afinal, os processos de identificação são totalmente influenciados pelas subjetividades de quem pesquisa e dos sujeitos da pesquisa, que só poderiam ser verificadas através da liberdade garantida para o nosso diálogo com as falas destes colaboradores. Embora o grupo tenha pouco respaldo visível em termos nacionais – o que poderia levar ao questionamento do porquê estudá-lo – não partimos de uma perspectiva apenas de representação numérica. Em nosso estudo, levamos em consideração que a valorização das diferenças e da diversidade está presente nesta análise da

⁴ Especialmente os livros disponíveis fazem referência ao contexto do Mod inglês dos anos de 1950, não existindo publicações brasileiras.

dinâmica cultural de um grupo com expressões praticamente metropolitanas. E isto, para nós, é significativo, bem como a demarcação de que o que importa neste estudo é estabelecer a igualdade no diálogo sobre as diferenças.

Para entendermos os processos de identificação do grupo Mod curitibano, a partir de práticas de produção documental ligadas à história oral de vida, precisamos fazer uma reflexão sobre o conceito de memória, pois estão interligados. Além do que, nos vemos diante de um certo paradoxo: como justificar a importância de se estudar uma memória de jovens? Fixar sentidos para memórias de pessoas jovens se coloca aqui num contexto contemporâneo de diluição de fronteiras, de fragilidade de relações, de sentidos de pertencimento fluidos⁵. Enfim, um panorama de rápidas e profundas transformações que modificam noções de tempo e espaço, em que o presente mais recente corre risco de tornar-se passado descartável, sem sequer compor significações para que os sujeitos continuem a viver suas experiências em referência a projetos comuns, perspectivas individuais ou coletivas.

Assim, trabalhar com memórias juvenis pode significar a valorização dessas experiências num patamar de reconhecimento da validade destas contra a sua descartabilidade, até mesmo reforçada por conta da transitoriedade da condição de ser jovem. Lidar com essas memórias nas histórias narradas, nos revelou que as experiências vividas pela juventude podem nos dizer muito sobre os dilemas do nosso tempo presente, cujo mercado coloca a cultura juvenil numa significação mítica, glamourosa. Segundo Sarlo (2000), prevalece a insistência de um imaginário sem asperezas, brilhante, que transforma os sujeitos em principais consumidores de novos produtos desta cultura juvenil, que pode ser problematizada ao ser estudada e desconstruída, apontando limites, ambigüidades, contradições.

De acordo com Pollak (1992), a memória é um fenômeno construído de forma social e individual, consciente ou não. Isso porque, cada indivíduo forma suas identidades através de suas experiências pessoais, gravando aquilo que lhe é mais relevante, e excluindo o que lhe incomoda. Para Meneses (1992) a memória é um processo permanente de construção e reconstrução. A elaboração da memória se dá no presente, tentando responder necessidades do indivíduo em relação ao

⁵ Essas características fazem parte de um diagnóstico comum sobre o mundo contemporâneo, estudado por diversos autores que são críticos desse contexto, embora cada um deles se utilize de terminologias diferentes para se referirem a ele, como: modernidade líquida (Bauman: 2001), supermodernidade (Auge: 2005), hipermodernidade (Lipovétski: 2004), pós-modernidade (Jameson: 1996 e Sarlo: 2000), modernidade tardia (Giddens: 1991), globalização (Canclini: 2000).

próprio presente. Para este autor, a memória armazena as informações de forma seletiva e forma a imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade pessoal e coletiva. É a partir dessas noções de memória, importante para a formação identitária dos indivíduos, que uma parte do trabalho de campo foi norteado pela metodologia da história oral de vida. Nesse sentido,

A experiência de vida como prática das realidades do sujeito marca a presença existencial no relacionamento com o mundo, que, visto através de observações participantes empíricas nos vários encontros, vai descobrir os sentidos das histórias de vida. Desta forma, a abordagem empírica e experimental como vivência individual não apaga a realidade mas a incorpora (VARGAS, 2002, p. 1).

Entendemos que uma das maneiras de perceber a construção das identidades com o Mod, é justamente pelas histórias de vida dos sujeitos que, tendo liberdade, subjetivamente selecionam, ao contar suas vidas, que sentidos de pertencimento ao grupo têm relevância em suas experiências.

De acordo com Meneses:

[...] os praticantes da Historia Oral e outras disciplinas que privilegiam as histórias de vida, estão atentos ao fato que uma autobiografia nunca é estática, nem se desenvolve para simples adoção de elementos novos, na seqüência do tempo, mas comporta contínuas reestruturações de eventos passados (MENESES, 1992, p.36).

A metodologia da história oral de vida tem como objetivo obter dos sujeitos a sua própria verdade, num discurso de alteridade, de quem a conhece em outras perspectivas que dialogam com as demais fontes sobre o cotidiano dos Mods curitibanos.

Sabemos também que todo discurso está repleto de representações, construídas também conforme as experiências individuais culturais e sociais de cada sujeito. Por isso, tematizamos as entrevistas realizadas com os sujeitos, e apresentamos neste trabalho, as falas dos sujeitos divididas por áreas temáticas, as quais tentamos mixar com as discussões teóricas pertinentes, tentando expor as representações presentes nestes discursos, polifonicamente.

As próprias representações sociais presentes nos discursos podem ser apropriações de outras representações que estão presentes na realidade. Percebendo a existência dessas representações, no processo de análise

procuramos identificar algumas delas, quais as que são comuns ao grupo e quais apresentam divergências.

As representações sociais são simultaneamente representações e expressões do real, pelo indivíduo e por seu grupo e, no mesmo momento em que são expressadas, renovam e complexificam a realidade, modificando-a (FOUCAULT, 2004). As representações que compõem os discursos encontram-se entre o individual e o coletivo. Nesse sentido também relata Paulilo (1999), que o sujeito social pertence a um grupo cuja história é pessoal ao mesmo tempo em que é intraindividual, possibilitando a criatividade, originalidade e poder de transformação da realidade. Assim, as representações, sob forma de discursos, partem dos sujeitos e grupos, podendo transformar a realidade, e da mesma maneira, outras representações podem transformar a realidade dos sujeitos. Inevitavelmente, as representações sociais existentes nos vários discursos partem e agem também sobre a subjetividade, a formação do sujeito, e participam ativamente nos processos de identificação, outro motivo pelo qual se faz necessária a análise do grupo pelos próprios participantes.

Ainda sobre a noção de representações, temos Chartier (2006), em consonância com Foucault, afirmando que a realidade não é uma referência objetiva, que se encontra fora do discurso, ela é construída através da linguagem, como um sistema de signos que produzem significações múltiplas e instáveis.

Ao partir para o processo de análise e tematização das entrevistas, percebemos nas falas dos sujeitos a referência contínua a músicas, bandas, filmes e à internet. Muitas das apropriações de representações mediadas no grupo acontecem, segundo os discursos desses sujeitos, por meio da cultura audiovisual e virtual que, no decorrer do processo de análise, foram se apresentando como característica marcante das novas formas de interação juvenil no mundo contemporâneo. A análise desses entrelaçamentos de linguagens também é importante para o entendimento dos jovens e, dentre eles, os participantes do grupo cultural Mod. Assim, o presente trabalho torna-se também, um mapeamento histórico e etnográfico sobre a formação de um grupo cultural Mod em Curitiba, Paraná, e suas formas de expressão e socialização, que são mediadas pela cultura audiovisual e virtual, utilizadas como diferentes linguagens que compõem, portanto, o discurso dos sujeitos deste grupo.

Para entendermos a utilização dessas linguagens como composição dos discursos, é necessário traçarmos um panorama sobre algumas viradas, ou, rupturas, nas ciências humanas no final do século XX, já sistematizadas nos mais recentes balanços teóricos feitos por Terry Eagleton (2005) e Fredric Jameson (2006). Alguns teóricos chamam de primeira virada a “virada lingüística”, que abre espaço para a análise dos grupos tendo em vista a construção de seus discursos. A segunda virada é reconhecida como “virada cultural” sociológica e antropológica, a partir da concepção dos grupos como reconstrutores das representações que apropriam no seu cotidiano. A partir dessa virada cultural, passamos a entender as culturas como plurais, mixadas e recriadas a todo momento. Para Eagleton:

Existem, no entanto, muitas e muitas desculpas para subestimar a importância da cultura em nosso tempo. Se a cultura começou a ser mais crucial para o capitalismo na década de 1960, tornou-se totalmente indistinguível dele por volta dos anos 90. É isso, realmente, parte do que queremos dizer com pós-modernismo. Num mundo de presidentes atores de cinema, mercadorias eroticamente enfeitantes, espetáculos políticos e uma indústria cultural expressa em multimilhões de dólares, cultura, produção econômica, hegemonia política e propaganda ideológica pareciam haver se fundido num único e indistinto todo. Cultura sempre tinha sido a respeito de signos e representações; mas agora tínhamos uma sociedade inteira que permanentemente desempenhava papéis diante do espelho, amarrando tudo que fazia num vasto mega-texto, moldando, a todo momento, um fantasmagórico espelhamento de seu mundo, duplicando-o ponto por ponto. Isso era conhecido como computadorização. Ao mesmo tempo, cultura, no sentido de identidade, havia se tornado ainda mais urgente. (...) (EAGLETON, 2005, p. 78-79)

Assim, com a evolução tecnológica, essa concepção foi ampliada, gerando uma nova virada. A terceira virada, característica do século XXI é a “virada visual”, que proporciona análise de documentos audiovisuais como produtores de signos e sentidos que influenciam diretamente nas relações sociais. Assim, foi possível contextualizar as novas visões sobre as culturas, acompanhando o dinamismo das relações sociais, acelerados pela emergência da rede de comunicações virtual, pela evolução dos meios de comunicação e pelo desenvolvimento do mercado de produtos culturais.

De acordo com Knauss (2003), uma definição para recursos visuais é a diversidade de imagens, processos de visualização e de modelos de visualidade. Representações como práticas de significado. Tal concepção, segundo o referencial comentado pelo autor, é adotada por teóricos que estudamos, como Michel De Certeau, Roger Chartier e Stuart Hall, que entendem que as imagens e mediações

tornam a sociedade possível. Da mesma forma, Knauss (2003) apresenta uma definição mais restrita baseada nas idéias de Nicholas Mirzoeff, estudioso da cultura visual, entendendo-a como cultura dos tempos recentes marcados pela imagem digital e virtual sob domínio da tecnologia. A visualidade é uma ponte entre representação e poder cultural na era da globalização.

Consideramos, portanto, com esses autores, que a partir dessa ruptura, os recursos visuais (fotografia, propagandas, charges, logotipos e demais símbolos, etc.) e audiovisuais (cinema, tv, vídeo, games, internet, etc.) tornaram-se alguns dos nossos principais documentos de pesquisa. De acordo com Knauss (2003, p.100): “[...] deixar de lado [as fontes visuais] pode significar também não reconhecer as várias dimensões da experiência social e a multiplicidade dos grupos sociais e dos seus modos de vida”. Retomando as idéias de Chartier (2006, p. 34): “A cultura de uma comunidade será, portanto, a totalidade das linguagens que lhe são próprias”.

Com seus símbolos e estetizações, percebemos os Mods curitibanos como formadores de um grupo que parece buscar realização em práticas e produtos culturais se apropriando de tradições que aconteciam em outro contexto e são reinventadas por esses discursos, repletos de divergências, ambigüidades, conflitos que conformam as práticas destes sujeitos.

Assim, todas essas expressões dos Mods de Curitiba, bem como os processos que levam os sujeitos a identificarem-se com o grupo, são analisados neste trabalho, a partir da observação e da análise da polifonia dos discursos dos sujeitos participantes do grupo e do mapeamento crítico dos produtos culturais apresentados pelo grupo, com a interação permanente de diferentes signos de linguagem em práticas discursivas. Embora esses produtos e símbolos não sejam analisados através de teorias semiológicas ou semióticas (tais análises seriam um novo trabalho de pesquisa), é preciso reconhecer que necessitam fazer parte das análises desse universo recriado na atualidade pelos Mods curitibanos, sendo que essas análises não podem ser deixadas de lado.

Nesse sentido, nossas perspectivas teórico-metodológicas trouxeram uma grande complexidade para o desenvolvimento desta pesquisa. Isto porque nos deparamos com o aparente paradoxo de se estudar memórias de jovens, que articulam várias linguagens em discursos sobre seu cotidiano, seu grupo cultural, suas identidades e subjetividades expressas em práticas e apropriações culturais. Dessa forma, em meio a fluidez do presente e a descartabilidade do passado

recente, recriam a si mesmos e ao seu grupo identitário em processos de identificação que levaram a problematização da minha própria subjetividade, da minha identidade como pesquisadora e da forma como ela se expressa no processo de construção de um conhecimento sobre o outro.

2.3 OS COLABORADORES DA PESQUISA, QUE FALARAM SOBRE A “SUA GERAÇÃO”, SOBRE SI MESMOS E SOBRE A CENA MOD CURITIBANA: ELES

2.3.1 Fabio Elias



Foto 3 Fabio Elias: Vocalista e guitarrista da banda Relespública em apresentação no Bar Empório São Francisco, em Curitiba, PR, 2007. Observamos alguns traços de expressão e visibilidade de uma identidade Mod, tais como o uso de costeletas, o óculos com aros fortes de inspiração retrô ou vintage, e a camiseta com o nome da banda inglesa The Who, referência obrigatória neste grupo, impressa com um dos seus logotipos que marcam a estetização de cada detalhe da escrita que se combina com a imagem. Neste caso, a flecha que sai de uma das letras aponta para cima e significa, para o grupo, vanguarda, no sentido de uma prática cultural voltada para o novo e o diferente. Aqui, um paradoxo se apresenta numa cultura audiovisual em que referências que foram novidade no passado recente tentam ainda ser apropriadas hoje como vanguarda.

Fonte: Arquivo pessoal de pesquisa, 2006.

Eu já conhecia Fabio Elias, então foi fácil estabelecer o primeiro contato em relação à pesquisa, que aconteceu pela internet. O Fabio é vocalista da banda Relespública que, segundo o grupo, possui influências Mods. Também é moderador da Comunidade Curitiba Mods no website de relacionamentos Orkut, ou seja, o responsável pela organização dos fóruns, das enquetes, das comunidades relacionadas e da adesão ou não de membros à comunidade, tendo certo poder de controlar os discursos que circulam, mantendo ou apagando conteúdos propostos

como temas de discussão pelas pessoas. Fabio é solteiro, músico, com 32 anos. Nasceu e cresceu em Curitiba, mora no Bairro Cabral, um bairro de classe média, onde me recebeu em seu apartamento, que pertencia a seus pais, onde mora sozinho. Segundo ele, por ser o filho mais novo, acabou ficando com o apartamento, onde, inclusive, possui seu estúdio particular.

2.3.2 Danimod e Juliana

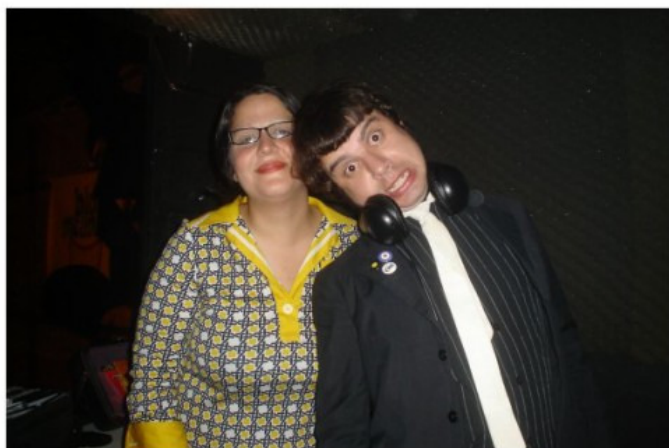


Foto 4 Danimod e Juliana: casal se diverte na 12ª. Festa Pow, em que Daniel discotecou, prática cultural de destaque no grupo, evidenciada pelo fone de ouvido no pescoço. Nesta imagem, podemos perceber nas roupas uma das formas de expressão da cultura Mod curitibana. Juliana está vestida com uma camisa com cores fortes evidenciadas no contraste entre a gola e a estampa geométrica. Detalhes estéticos, como o que vemos na gola da camisa representa uma característica própria da década de 1960, de mesclar aspectos de roupas antes vistas como exclusivamente masculinas no vestuário feminino. Os óculos retrô de aros escuros, próximos em estilo ao usado por Fabio Elias, também revelam esse apelo ao unissex, com produtos que podem ser utilizados por ambos os sexos. Daniel veste um casaco preto com corte reto que aproxima muito aos utilizados naquela época pelos jovens Mods e outros ícones da cultura jovem que surgia a partir do rock, como Beatles, The Who e Rolling Stones, que também influenciaram os cortes de cabelo com destaque para franjas. No peito, bótoms que fazem referência a bandas de rock; filmes cult; símbolos, como a flecha do logotipo da banda The Who, estampada na camiseta de Fabio; e mensagens que demarcam claramente as identidades ligadas a cultura juvenil do rock, tais como “Rock Boy”, “Rock Girl”, “Essa é a minha geração”. Ou ainda outras que tenham apelo pin-up (sensual-divertido). As mensagens dos bótoms revelam a necessidade de afirmar a identidade num tom irônico, divertido, o que também pode ser notado na expressão de Danimod. Essa imagem foi escolhida dentre as que estão em exibição num site de fotos (Fotolog) da Festa Pow, que é produzido por ele.

Fonte: Lopes, 2005.

Indicado para a pesquisa por Fabio, Daniel, conhecido como Danimod, é de Santa Catarina e veio morar em Curitiba. Formado em Publicidade e Propaganda, resolveu mudar de rumos, e está se formando novamente em um curso de Chef de Cozinha. Atualmente, trabalha em um Café e Bistrô. Trabalhou na organização das Festas Pow e Bang e fez vários sets como DJ, fazendo discotecagens. É casado com Juliana, com quem tem duas filhas. Ela é carioca, professora de inglês, que

acabou vindo morar em Curitiba por ter conhecido Daniel num fórum de discussão sobre música Mod, mais especificamente sobre a banda Zombies, da cena musical Mod inglesa dos anos de 1960. Receberam-me em sua casa, e Juliana chegou depois de iniciada a entrevista, somando suas palavras às falas de Daniel. A decoração da casa já denunciava o estilo retrô do casal, com objetos decorativos cilíndricos e redondos, tapete com listras, vinis e cds pendurados nas paredes, com quadros dos Beatles e da Marilyn Monroe, dando ao ambiente traços identitários relacionados ao grupo cultural que participam. Mudarão para a Inglaterra ainda no fim de 2008, onde pretendem viver com as filhas.

2.3.3 André Mod



Foto 5 André Mod: no grupo Mod curitibano, André tem uma posição de destaque, pois é DJ e discoteca nas festas. A foto, cedida por André também está presente no seu perfil no Orkut. Cabelos curtos, camisa social preta, gravata com estampa geométrica, calça jeans, expressão pouco amistosa. Todos esses elementos tornam visível a insatisfação de André com a banalização da utilização de símbolos estéticos que identificam e diferenciam as pessoas que pertencem ao grupo dos Mods, tais como terninhos, bótons e cabelos com franjas ou costeletas. Para ele, esses marcadores de visibilidade dos sujeitos do Mod, ao se transformarem num modismo, fazem com que portá-los perca o significado original desejado. Motivo pelo qual passa a utilizar jeans, coturnos, casimetas, cabelos bem curtos, num visual que se aproxima ora dos chamados hard Mods dos anos 1960/1970 como dos Punks ingleses, que vieram ao final da década de 1970, com os quais os Mods ingleses se mesclaram, criando o chamado *Mod Revival*. A imagem e a significação construídos por André nos mostram a complexidade do grupo que apresenta identidades em constantes processos de transformação, a partir de diferentes apropriações dos mais variados contextos Mods. Essa inconformidade de André demonstra a postura até mesmo radical dele, na tentativa de contestar a diluição de sua própria identidade em meio à cena curitibana, e contrapõe sua construção com as apresentadas anteriormente, de Fabio, Daniel e Juliana, que levam essa crítica para um tom mais irônico. No caso de André, a crítica busca a rigidez, a determinação de parâmetros para o reconhecimento da identidade Mod num sentido de possível intolerância à interculturalidade e fluidez dos grupos culturais do mundo contemporâneo.

Fonte: Valdevino, 2006.

André Luiz Tiago Diego Manuel Valdevino, conhecido como André Mod e também apontado para ser entrevistado por Fabio, nasceu e cresceu em Curitiba, solteiro, 28 anos, publicitário e bibliotecário. O uso do nome André Mod nos mostra a atitude do sujeito em assumir essa identidade e abrir mão do uso do nome oficial estabelecido pela origem familiar, tornando o grupo identitário da cultura juvenil Mod mais importante para seu reconhecimento. Abandonou o emprego em uma biblioteca curitibana para fazer cursos relacionados à publicidade e dedicar-se à sua área de formação profissional. Discoteca em algumas festas e bares com tendências Mod e Jovem Guarda.

A entrevista foi realizada em um bar curitibano considerado alternativo, chamado Kitinete. O bar parecia uma pequena casa, com sofás e abajures, e som ambiente com tendências dos anos de 1950/1960. Na fachada da casa, imagens de flamingos pintados nas paredes. A cozinha lembra propagandas dos anos de 1950, com paredes cobertas de um xadrez verde e branco, pingüins de geladeira e piscapiscas vermelhos em formato de pimenta. As paredes internas são constantemente pintadas com obras artísticas de pintores locais e cenários que relembram histórias em quadrinhos.

A entrevista seguiu bem, embora o uso do gravador tenha deixado André um pouco reservado. Sua fala se mistura a ruídos, em meio aos sons de conversas e músicas, próprios de um ambiente de bar.

2.3.4 Angela Zolet Palma



Foto 6 Angela Zolet Palma: a imagem, cedida por Angela, destaca no aspecto visual sua beleza, sensualidade e feminilidade, num retrato em que fica evidenciada uma certa pose, pela expressão do rosto, particularmente do olhar indireto e dos traços que revelam o cuidado com a aparência na maquiagem (batom, sobrancelhas bem delineadas) e no penteado (cabelo preso com certa displicência). A imagem sensual de Angela se completa com os óculos escuros e o vestuário produzido com uma camiseta que mostra os ombros e compõe com o lenço branco de bolinhas azuis, peça e estampa marcantes da moda das décadas de 1950/1960. Angela viveu em Curitiba e freqüentou espaços de sociabilidade da cultura Mod curitibana, tais como bares e festas, e conheceu pessoas relacionadas a essa cena juvenil. Sua imagem nos mostra uma tendência a utilizar elementos da estética Mod, motivo pelo qual participantes do grupo Mod curitibano a consideram como um de seus membros, embora esta diga que não tem esse sentido de pertencimento. É interessante assinalar que Angela frisa em sua fala que já se vestia assim antes de conhecer esse grupo e se sentia deslocada, sendo que, ao freqüentar tais espaços, passou a ver suas preferências reconhecidas e valorizadas. No entanto, também se sentiu incomodada com os discursos identitários que o grupo Mod curitibano tentam fixar sobre quem gosta ou não de referências culturais que lhes são comuns.

Fonte: Palma, 2007.

Ângela, indicada para colaborar com a pesquisa por Daniel, afirma ser casada apenas por cerimônia religiosa. Tem 22 anos, mora em Pato Branco/PR, e foi para Curitiba fazer faculdade de História, momento em que conheceu a cena Mod e participou dela, embora deixe claro que não se sente pertencente ao grupo dos Mods curitibanos. Porém, não se graduou e voltou a morar em Pato Branco, onde trabalha em empresa de sementes e cursa Administração de Empresas.

Realizamos a entrevista em uma cafeteria de Pato Branco, e esta foi a única realizada fora de Curitiba.

Analisando o perfil desses sujeitos, podemos dizer que mesmo os indivíduos que assumem identidades bem demarcadas, como a dos Mods curitibanos, vivem ainda outras identidades assumidas em seu cotidiano, combinando-as. No mundo do trabalho e da família, por exemplo, seguem até mesmo alguns padrões tradicionais de organização, estruturas familiares e busca por ascensão profissional em áreas de atuação consideradas estáveis. Essas posições identitárias são ambíguas e tem um certo sentido de continuidade com a condição social e econômica dos jovens Mods ingleses no contexto de surgimento dessa cultura juvenil e do seu revival no século passado. Isto porque as práticas culturais desses sujeitos dos grupos juvenis Mods se alternaram com sua vida cotidiana no mundo do trabalho e da família, apenas superficialmente fora das convenções e normas sociais e comportamentais tradicionais, posto que restrita a certos espaços de sociabilidade desses grupos. São

nesses espaços que os sujeitos tentam se diferenciar por meio das práticas culturais que envolvem, sobretudo, o corpo, a música, o comportamento.

A aproximação com estes sujeitos nos fez perceber tanto suas influências relacionadas à cultura juvenil Mod, como a diversidade de outras influências em seus cotidianos. Notamos que, embora a ligação identitária com o grupo seja predominante entre a maioria deles, essa não é a única forma com que estes sujeitos se posicionam ou gostam de ser posicionados pelos outros no mundo. O olhar para esse paradoxo evidencia a diversidade, as diferenças subjetivas desses “caras” e dessas jovens que estetizam seu cotidiano, que complexificam as análises de um grupo em que as visões de cada um dos sujeitos estão em permanente processo de negociação para a formação de uma identidade juvenil coletiva dos Mods em Curitiba.

3 TENSÕES ENTRE AS SUBJETIVIDADES E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS: OS MODS EM DIFERENTES CONTEXTOS

3.1 MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: BASES DE ANÁLISES CRÍTICAS DAS MUDANÇAS SOCIAIS E CULTURAIS PARA AS CULTURAS MOD

Para que possamos entender os sujeitos contemporâneos em processos de produção de mudanças sociais e culturais, que transformam inclusive as formas de sociabilidade e de formação de grupos culturais – como o grupo Mod, objeto desta pesquisa – traçaremos um panorama crítico sobre as questões relacionadas às noções de Modernidade e à Pós-Modernidade. Noções polêmicas que constituem marcos históricos fundamentais que exprimem características que tentam explicar o contexto atual das mudanças a que nos referimos.

Um caminho para essas reflexões passa pelas discussões teóricas sobre o momento em que surge a sociedade moderna. Alguns autores acreditam que suas raízes são marcadas pelo Renascimento e pelo Humanismo, que propõem uma nova visão do indivíduo, já que o teocentrismo cede lugar ao antropocentrismo. Outros defendem que o início da Modernidade se vincula ao Iluminismo que, numa interpretação simplificadora, busca através da ciência, razão e técnica, romper com o misticismo da sociedade medieval. No entanto, pode-se afirmar que um projeto moderno de sociedade surge influenciado por estes dois momentos, estabelecendo uma nova estruturação social.

Segundo Giddens (1991), pode-se considerar a Modernidade como o estilo de vida, a cultura, a organização social que emerge na Europa a partir do século XVII, baseada nos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Surgem os Estados Modernos e, com a Revolução Industrial, o uso de maquinários no processo de produção. É marcada também pelo capitalismo, base da vida social moderna.

É possível compreender o projeto moderno seguindo um raciocínio estruturado por Santos:

O projeto sócio-cultural da modernidade é um projeto muito rico [...] Assenta em dois pilares fundamentais, o pilar da regulação e o pilar da emancipação. São pilares, eles próprios, complexos, cada um constituído pelo princípio do Estado, cuja articulação se deve principalmente a Hobbes; pelo princípio do mercado dominante sobretudo na obra de Locke; e pelo princípio da comunidade, cuja formulação domina toda a filosofia política de

Rousseau. Por sua vez, o pilar da emancipação é constituído por três lógicas de racionalidade; a racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura, a racionalidade moral-prática da ética e do direito; e a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica (SANTOS, 2003, p.77).

Entendemos então que a Modernidade se deve a muitos processos entrelaçados, dentre eles, o desenvolvimento das forças produtivas, o aumento do capital, a organização de forças políticas. Todas essas mudanças afetaram a forma de vida considerada tradicional.

No entanto, o projeto proposto de uma nova sociedade se desenvolveu de uma forma contraditória. Retomando as idéias dos pilares já comentados de Santos (2003), o princípio do Estado se apoiou em políticas totalitárias que geraram conflitos e guerras. O princípio do mercado, apoiado no capitalismo e na divisão social do trabalho, alienou o trabalhador do produto final de seu trabalho, um dos propulsores da fragmentação social que se tornou característica da época moderna. Já o princípio da comunidade se viu solapado por uma sociedade cada vez mais individualista, profundamente influenciada pelo advento da propaganda e dos meios de comunicação de massa.

Em relação às lógicas de racionalidade, a moral-prática acabou desembocando em burocracias estatais; a estético-expressiva se viu sobrepujada pelo amplo desenvolvimento da ciência e da técnica a partir do predomínio de uma racionalidade cognitivo-instrumental. Para esse autor, isso desencadeou inclusive uma reação estética, que foi chamada de Modernismo, que criticava a própria sociedade moderna.

A confluência de todos esses fatores levou a Modernidade a um momento de crise. Segundo Santos:

[...] a modernidade cumpriu algumas das suas promessas e, de resto, cumpriu-as em excesso. É obsolescência na medida em que a modernidade está irremediavelmente incapacitada de cumprir outras das suas promessas. Tanto o excesso no cumprimento de algumas das promessas como o déficit no cumprimento de outras são responsáveis pela situação presente, que se apresenta superficialmente como de vazio ou de crise, mas que é, a nível mais profundo, uma situação de transição. Como todas as transições são simultaneamente semi cegas e semi-invisíveis, não é possível nomear adequadamente a presente situação. Por esta razão lhe tem sido dado o nome inadequado de pós-modernidade. Mas, à falta de melhor, é um nome autêntico na sua inadequação (SANTOS, 2003, p. 76).

A sociedade moderna e o desenvolvimento de suas instituições sociais trouxeram segurança e gratificação para uma parcela dos indivíduos, porém, apresentaram também aspectos considerados negativos, de muitos “descumprimentos” do projeto moderno. As condições do trabalho industrial eram degradantes e o poder político combinava totalitarismo, militarismo e ideologias de forma concentrada. Assim, o século XX tornou-se o século da guerra.

A emancipação política, que se materializou em ideologias como o nazismo, socialismo, o comunismo, se reverteram em barbáries, levando o ideal da política ao descrédito. Podemos dizer que o projeto moderno cumpriu-se ao seu contrário, no que diz respeito à ciência, à razão e à técnica, com a construção da bomba atômica. Assim, a racionalidade técnica também foi questionada.

Além da desilusão com a política e com a racionalidade técnica, diversos fatores culturais se somaram e deram corpo a uma nova organização da sociedade. Afinal de contas, como consequência da própria Segunda Guerra Mundial, a imigração passou a ocorrer de forma maciça.

Assim, para alguns estudiosos, após a crítica e a descrença em relação ao modelo de sociedade moderna, chega-se aos dilemas da chamada pós-modernidade, e à configuração social atual.

Muitos nomes foram utilizados pelos teóricos para se referir a essa nova conjuntura. Para Marc Augé, vivemos uma supermodernidade, quando leva em consideração principalmente a existência de excessos de informação, de individualismo, de diferenças, de espaços, e também pela existência de não-lugares, ou seja, locais de passagem de idas e vindas.

Já Gilles Lipovétsky, reconhece o período em que vivemos como uma hipermodernidade, na qual a aceleração de todos os processos é exacerbada, e tudo é elevado à potência do mais, sendo apresentado aos sujeitos, segundo o autor, o hiperconsumo, a hipermídia, entre outros “hipers”. Zygmunt Bauman, como já citamos, descreve a modernidade líquida, comparando a rapidez em que as mudanças sociais ocorrem com as propriedades químicas dos fluidos.

Esses críticos da contemporaneidade concordam que nada é fixo e sólido, análise que pode problematizar as próprias tentativas de definições e a validade de algumas interpretações. Jean-François Lyotard (1988), filósofo francês, definiu pós-modernidade ao analisar o mundo ocidental contemporâneo, considerando-o como uma formação social que está sendo retraçada e redescrita sob o impacto do fim da

predominância da influência religiosa, da democratização, da informatização e do consumismo, o mapa e o status do conhecimento. O crítico literário e teórico marxista norte-americano Fredric Jameson compartilha dessa mesma definição de pós-modernidade. E Anthony Giddens usa as denominações capitalismo tardio ou modernidade tardia para destacar a decadência da sociedade capitalista. Para Giddens:

“Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, poderemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é “pós-moderna”; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de “pós-modernidade”. (GIDDENS, 1991, p. 12-13)

Em *Modernidade e Identidade*, Giddens destaca como as características radicalizadas da modernidade interferiram na criação de novos mecanismos de construção auto-identitária dos sujeitos, atingindo todas as dimensões da vida pessoal no âmbito das subjetividades dos indivíduos. As interconexões cada vez maiores entre as esferas do global e da vida pessoal obrigam os sujeitos a repensar sua formação identitária, reposicionando-se em torno de estilos de vida que abarcam uma preocupação com o corpo e a auto-realização na busca de uma relação direta com resultados imediatos para se mostrar quem se é. Dessa forma, a ansiedade perpassa a lógica da construção auto-identitária que precisa expressar-se na apropriação do próprio corpo e dos objetos do cotidiano. Essa característica, das transformações constantes e ansiedades do eu, de certa forma, prejudica os caminhos da auto-reflexividade, apontados por Giddens para que os sujeitos possam lidar com os problemas da modernidade, pois as pessoas adotam estilos de vida como sinônimos de identidades, de sentidos de pertencimento, orientados pela lógica veloz da descartabilidade do consumo de produtos e significações na sociedade capitalista. (GIDDENS, 2002) São precisamente esses aspectos que podemos observar no estudo do grupo Mod curitibano, em que jovens buscam num grupo cultural a construção de uma identidade organizada principalmente em torno de um estilo de vida, que se mostra no consumo e apropriação de produtos culturais ligados à história da cultura juvenil do rock, predominante na sociedade capitalista desde meados do século XX.

Assim, percebemos que as abordagens, focos de análises e mesmo as terminologias são várias, embora muitas das características apresentadas para o diagnóstico contemporâneo sejam consensuais, como por exemplo: fragmentação; aceleração das transformações com destaque para a preponderância das novas tecnologias de comunicação e informação; excesso de informações; diluição das fronteiras; aumento dos fluxos migratórios; compressão das noções de tempo e espaço; perda de sentido das identidades tradicionais e de suas comunidades; diminuição do papel do Estado Nacional; entre outros aspectos. E é em razão destas características – especialmente sob a ótica de análises como a de Nestor Garcia Canclini, Beatriz Sarlo, Fredric Jameson, Terry Eagleton e Stuart Hall – que, para nos referirmos ao contexto contemporâneo, escolhemos o termo pós-modernidade.

Em contribuição com a especificação dessas características, a aceleração dos processos de globalização é importantíssima para todos os autores. Hall comenta sobre a globalização como sendo:

[...] a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância (HALL, 2005, p. 69).

Seguindo-se a idéia de Hall, tem-se, *a priori*, a globalização como um processo de integração entre comunidades e organizações que se caracteriza por uma maior interconexão econômica, social, cultural e espacial, que tem profundos impactos na vida cotidiana dos sujeitos, até mesmo alterando seu significado.

Para alguns autores, a sociedade sempre esteve em “processo de integração”, porém, o fim do século XX foi o auge das inter-relações globais. Vários fatores contribuíram para tal, podendo-se citar, por exemplo, a acessibilidade aos meios de transporte e de comunicação (e o desenvolvimento da mesma instituindo uma *cultura de massas*), a revolução eletrônica, a reorganização do mundo em blocos comerciais regionais (e não mais ideológicos), e as misturas culturais.

Não podemos, porém, confundir os termos pós-modernidade e pós-modernismo. Usando o pensamento de Eagleton, podemos captar o que diferencia um de outro, ao definir pós-modernismo:

[...] Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete um pouco essa mudança memorável por meio de uma arte superficial, descentrada,

infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura “elitista” e a cultura “popular”, bem como entre a arte e a experiência cotidiana. [...] (EAGLETON, 1998, p. 07).

Sobre o auge deste movimento artístico que expressava a experiência do cotidiano, Heartney (2002) coloca que muitos artistas ligaram seus nomes às obras de outros artistas, podendo ser perceptível nos trabalhos influências do dadaísmo⁶, do surrealismo⁷ e do kitsch⁸. O que até então era considerado plágio, começou a ser considerado como “apropriação”. A autora diz que ursos empalhados, coelhos de plástico, *lava lamps* (luminárias de lava), limpadores de vasos sanitários passaram a ocupar os museus com a mesma proteção e segurança que eram concedidas às obras consagradas, como Mona Lisa.

Um desses estilos, que mais influencia os processos de construção da identidade do grupo Mod, ficou conhecido como *pop-art*⁹. Teve início na Inglaterra, na década de 1950, e obteve seu auge com artistas norte-americanos na década de 1960, como uma crítica e, ao mesmo tempo, uma ode à sociedade capitalista.

Podemos citar como representantes deste movimento artístico Andy Warhol, Roy Lichtenstein, James Rosenquist, Allen Jones, Peter Blake e Richard Hamilton.



⁶ Dada é uma palavra francesa que significa na linguagem infantil “cavalo de pau”, um nome sem sentido para uma arte que também perdia seu sentido quando se defrontava com a guerra. Estio que surge em 1916, por artistas de várias nacionalidades exilados durante a Primeira Guerra Mundial.

⁷ Arte dos anos 20 na França, principalmente, que misturava concepções do representativo, abstrato e psicológico.

⁸ Utilização do brega e do exagerado na arte, aumentando tamanhos e criando expressões artísticas através da inadequação, distorção, acumulação.

⁹ Estilo artístico que se utilizava de serigrafias, montagens de fotografia, colagens com revistas, anúncios publicitários, pinturas de formas simples, cores chamativas, quadrinhos, pin-ups (tipo leve e divertido de pornografia ou sensualidade) e outros produtos de consumo que se tornavam temáticas das obras.



Foto 7 Obras de Andy Warhol: Caixa de Sabão Brillo – 1964 (polímero sintético e silkscreen sobre madeira, 43,2x43,2x35,6, coleção particular); Díptico de Marilyn – 1962 (acrílico sobre tela, dois painéis de 205,4x144,8 cada, Tate Gallery); propaganda de bebida energética inglesa Lucozade; propaganda do bandas que tocaram no Motorrad, 12/06/2005.

Andy Warhol, expoente da pop-art, nas obras representadas acima, se apropria de produtos consumidos no cotidiano (sabão em pó), e imagens de pessoas famosas (Marilyn Monroe). Sua intenção era evidenciar uma relação entre o universo cotidiano e o artístico cultural, em que o consumo se transforma em arte e esta também é consumida. Nas imagens seguintes, temos duas propagandas que dialogam com as idéias da pop-art em temporalidades diferentes, com apropriações que parecem esteticamente semelhantes, porém com atribuição de sentidos bem distintos e mesmo opostos, um incentivando o consumo e o outro fazendo sua crítica como prática cultural sem, no entanto, deixar de também ser consumo. Na década de 1970, a bebida energética inglesa Lucozade, em sua propaganda, utilizando como slogan “A solução original”, faz referência ao sentido artístico e estético do termo vanguarda como algo novo e à frente do seu tempo. Dessa forma, se apropria das cores da bandeira inglesa e do símbolo que significava vanguarda, elementos estéticos utilizados também pela banda The Who. Já no início do século XXI, vemos influências estéticas da pop-art nas propagandas de festas dos Mods curitibanos, como a da imagem acima, divulgando shows de bandas no bar Motorrad, em 2005. Elas aparecem nas colagens e nos símbolos que remetem às formas de poder na sociedade, tais como dinheiro, fama, moda, mídia, religião. Frases compõem o discurso da imagem: no braço direito, que segura um foguete, “o ódio”; no esquerdo, uma corda de força, “o medo”; na perna direita, “fazendo deus e estado”; na esquerda, “mais próximos”.

Fontes: Heartney, 2002; Heartney, 2002; Rawlings, 2000; Ordinária Hit, 2005.

A *pop-art* exerceu grande influência nos Mods, desde seu surgimento na Inglaterra, no final da década de 1950, momento de fortalecimento deste estilo e da expansão do pós-modernismo como forma de expressão cultural. De um modo geral, afirma Fernandes: “[...] o termo pós-modernismo está mais ligado ao mundo das artes, ao passo que pós-modernidade tem maior conexão com o estilo de vida e pensamento de uma determinada época. [...]” (FERNANDES, 2005, p. 369).

A partir dessa breve contextualização das noções teóricas e culturais que cercam nos estudos, construímos um panorama acerca da conjuntura de surgimento dos Mods, problematizando algumas das relevantes mudanças que podem ser destacadas para o entendimento dos sujeitos Mods ingleses de 1950/1960, bem como dos Mods brasileiros/curitibanos de hoje.

3.2 INDIVÍDUOS PÓS-MODERNOS? PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO DE GRUPOS CULTURAIS: DOIS CONTEXTOS MODS INGLESES, SEUS DIFERENTES SENTIDOS E ALGUMAS EXPRESSÕES DESSA CULTURA NO BRASIL

Uma das grandes discussões em torno da pós-modernidade está em torno das tentativas de definições de que momentos podem ser considerados como de passagem de uma conjuntura moderna, para outra, pós-moderna. Entendemos que esses processos de aceleração das informações, diminuição de barreiras, e aumento do consumo foram fenômenos que vieram acontecendo desde que os Estados Modernos foram instituídos sob a lógica do capitalismo. Todavia, a Segunda Guerra Mundial foi um dos acontecimentos que potencializou as mudanças de posicionamento, de valores e que contribuiu para uma nova configuração social.

O mundo pós-guerra já não mais apresentava culturas nacionais homogêneas, que enfraqueceram com o grande movimento migratório da época. Isto, somado ao desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, propiciou o maior acesso a lugares e informações. O mercado de trabalho modificou-se, valorizando o conhecimento e a iniciativa, consequência também do capitalismo, influenciado pelo capital global.

Dessa forma, as rupturas que emergiram nesse período, foram as mais variadas possíveis, em relação ao mundo do trabalho, aos direitos e garantias fundamentais, à cultura tradicional. De acordo com Bauman:

Não mais monitorados e protegidos, cobertos e revigorados por instituições em busca de monopólio – expostas, em vez disso, ao livre jogo de forças concorrentes – quaisquer hierarquias ou graus de identidades, e particularmente os sólidos e duráveis, não são nem procurados nem fáceis de construir. [...] (BAUMAN, 2005, p. 35).

Nesta sociedade, em que os excessos começaram a se mostrar no mundo pós-guerra, em meio à Guerra Fria, que culminou na consolidação do capitalismo, alguns indivíduos acabaram perdendo referências. Estes, sobretudo a população mais jovem, começaram a buscar formas de se posicionarem neste novo universo de possibilidades boas e ruins, criando identidades, como a dos Mods, que lhes serviram de suporte para suas ações e também para suas sociabilidades.

É necessário também se perceber que a identidade é, e foi desde aquela época, construída a partir das diferenças. É apenas em relação com o outro, com aquilo que não se é, que a identidade se constrói. Segundo Hall (2000), as características que conformam unidades proclamadas pelas identidades são construídas em jogos de poder e de exclusão.

Para os jovens participantes do grupo dos Mods, assim como para muitos jovens de outros grupos culturais, a procura por grupos é movida pela necessidade de destaque, de não homogeneização, de ser diferente num mundo onde os desejos de consumo são muitos. Dessa forma, a diferença é ponto comum nas falas, ponto de partida para nossos estudos. Dentro de suas construções culturais e sociais, cada um dos sujeitos de pesquisa acabou, de forma heterogênea, criando laços de identificação com os Mods, na busca de encontrar pessoas diferentes que gostassem das mesmas marcas de diferenças apreciadas por eles:

Enquanto todo mundo tava fazendo o barulho grunge¹⁰, tocando guitarra, quebrando guitarra, fazendo distorção, a gente levava a guitarra limpinha só pra contrariar, entendeu? E usava acordes que ninguém usava na época e cantava em português quando todo mundo cantava em inglês. Não era tão moderno, tão legal, tão maneiro falar que era fã de Ira, de rock nacional... Muito menos de bandas antigas. A banda tinha que curtir o novo. Nirvana, Red Hot, são bandas legais, não é desmerecer nenhuma dessas bandas, mas não tinha nada a ver com a gente. Minha mãe achava muito estranho, né? Enquanto todo mundo usava bermuda e camiseta, eu tava de paletó e gravata, e sapato, e calça de tergal e linho, sei lá. Queria me vestir bem, me apresentar bem, sabe, e ser diferente. Todo jovem quer se destacar, quer ser diferente. Só que não é uma coisa forçada da nossa parte querer ser diferente. A gente era diferente. A gente tinha uma banda desde os 14 anos que fazia o maior esforço de ir tocar em qualquer lugar, não tinha essa com a gente. A gente queria aparecer mesmo. Eu, sendo compositor das músicas, então, desde cedo sempre tive uma cara de pau maior, sei lá, um jeito diferente. Eu não sei explicar isso. Isso é difícil de explicar, mas sabia que eu era diferente dos meus amigos do prédio, dos meus amigos da escola e, depois, dos amigos da noite. Eu vi que tinha alguma coisa diferente pra mostrar, não tava de bobeira aqui. Eu sempre soube disso. Eu

¹⁰ Ramificação do hardcore punk heavy metal e rock alternativo da década de 80 e 90. alguns grupos musicais associados aos grunges são Nirvana, Pear Jam, Alice in Chains, Soundgarden, Mudhoney entre outros.

tinha que fazer a minha parte aqui, que era fazer música e levar a música pras pessoas. A gente não tinha raça, religião, nada. A música que eu faço é pra todo mundo... quer amar ou odiar, tem que ouvir (Fabio Elias).

Para Fabio Elias, todo jovem quer se destacar, ser diferente, e ele já se considerava diferente por gostar de um estilo musical e estético fora de seu tempo. As pessoas não conheciam suas afinidades, tendo em vista que a indústria cultural ocupava-se de outros estilos no momento, que eram os amplamente consumidos, como comentado por Fábio, por exemplo, o estilo grunge.

Assim como Fabio, Angela também se sentia diferente por cultivar tais preferências, e afirmou que “encontrou-se” quando passou a participar de festas que apresentavam tendências Mods em Curitiba:

Quando fui para Curitiba, eu não conhecia nada disso, nem imaginava que existia. Mas era uma coisa que gostaria que existisse, uma vez que eu não gostava das festas, não gostava de sair até então, não me divertia, sabe? Detestava as músicas. Eu acreditava que era só aquilo que existia mesmo: “tunts-tunts” e pessoas que saíam para ver outras pessoas, o “fervo”. E com isso eu nunca me identifiquei. Sempre morei aqui [em Pato Branco]. Aí fui pra lá em 2001, fazer faculdade de História. Eu gostava muito de The Who, sou da geração que aprendia sobre as bandas na internet... Depois, com o Orkut, a velocidade com que podemos seguir por assuntos relacionados... Para conhecer bandas parecidas, da mesma cena. Assim acabei vendo as pessoas falando sobre “Mod”. Até que, um dia, vi um cartaz de uma festa, a “Pow!”, e, como seria meu aniversário, convenci minhas amigas a irem comigo. Fomos na festa e eu achei o máximo. Eu, que nunca gostei de sair, me encontrei naquela festa, dançando sozinha. Eu conhecia as músicas, as pessoas que estavam lá pareciam de outro mundo, sabe? [...] (Angela).

Para André Mod e Juliana, o ambiente doméstico foi propício para despertar gostos por uma cultura do passado:

[...] quando a minha mãe escutava Beatles dentro de casa, eu não entendia nada daquilo. Só ficava ali escutando, né, com ela. Mas foi a partir dali que eu comecei a me interessar mesmo pela coisa cultural que não fosse televisão. Escutava Beatles, coisas dos anos 60, da época dela. E, anos depois, descobri, na coleção de discos dela, essas bandas que ela escutava e que eu ficava ali, escutando junto com ela. A partir daí, eu comecei a ter interesse em comprar coisas relacionadas à música dos anos 60. E a primeira banda foi Beatles. Então, comecei a comprar coisas que ela não tinha ainda. Ela tinha uma boa parte da coleção dos Beatles e então acabei, com 12 anos, eu comecei a colecionar discos e comecei comprar o que ela não tinha. Daí, eu fechei a coleção dela. Essa passou a ser a minha coleção também. E a partir dessa influência dos Beatles, eu comecei a procurar coisas relacionadas. Então, era recorte de jornal, revista, qualquer informação que eu encontrava, vídeos: os especiais na TV eu gravava. E quando fui crescendo, com 14, 15 anos, comecei também a partir pro lado mais do visual, que era usar terno, essas coisas e comecei a freqüentar

brechós, e eu mudei pro centro (André Mod).

[...] e era assim, a Juliana gosta de coisa antiga, a Juliana é engraçada... ela compra roupa usada, velha, empoeirada. E sempre procurei os brechós, peguei coisas da minha vó, é... eu sempre me senti deslocada no tempo mesmo, sabe? E aí é engraçado que, vindo para Curitiba, foi a primeira vez, na vida mesmo, que eu fui num lugar, no Brasil, onde tocava o que eu ouvia em casa e as pessoas meio que pareciam comigo assim. Então, houve uma identificação, mas não no sentido “agora eu sou do movimento mod”, porque isso já era parte de mim, sabe? Eu só gostei de estar num lugar onde eu me reconheci, eu me sentia bem assim. E aí foi engraçado, porque eu tenho uns dois ou três amigos cariocas que também gostam. Quando a gente se mudou, eles vinham passar um feriado, e eles voltavam pro Rio assim: “meu Deus, a Pow parecia uma visão no meio do deserto”. Porque de tanto você ir no Rio nos mesmos lugares, que são da cena rock, você é mais um. No Rio, não tem muita opção assim: ou você é sertanjo ou você é do pagode ou do forró, sei lá do que. E aí eles ficaram fascinados com essa viagem no tempo que só Curitiba proporcionava [...] (Juliana).

Nesse sentido, as palavras de Danimod se aproximam das colocações dos participantes da pesquisa acerca do gosto cultural comum como elemento fundamental dos processos de identificação com o grupo Mod curitibano:

[...] eu venho de uma cidade minúscula que é Araquari, Santa Catarina. É uma cidade assim, 20 mil habitantes. E, no meio dos anos 90, eu me interessava por coisas que não existiam na minha cidade, gostava de um tipo de música que ninguém ouvia, gostava de um tipo de literatura que ninguém sabia o que era, e de toda uma estética que basicamente era nula. E quem ouvia falar naquilo, pensava: “Negócio dos anos 70/ 60: porque que tu gosta disso...?” E foi isso que me despertou, o gosto por essa cultura, onde eu ia descobrir pessoas que tinham a ver comigo. Em Santa Catarina inteira não tinha isso. Então, comecei a pegar ônibus de madrugada e vir a Curitiba, em festas. Eu ia para Porto Alegre, Florianópolis e não tinha isso em lugar nenhum (Danimod).

Para todos os participantes da pesquisa, suas diferenças em relação aos outros se sobressaía principalmente em razão das músicas que ouviam e da estética, que, inicialmente se tornava palpável nas roupas que gostavam de vestir. Sobre ser diferente, diz o antropólogo Marc Augé:

Além do peso maior dado, hoje, referência individual, ou, se, preferirem, à individualização das referências, é aos fatos de singularidade dos objetos singularidade dos grupos, ou das pertinências, recomposição de lugares, singularidades de toda ordem, que constituem o contraponto paradoxal dos processos de relacionamento, de aceleração e de deslocalização muito rapidamente reduzidas e resumidas às vezes, por expressões como “homogeneização” – ou mundialização - da cultura (AUGÉ, 2005, p. 41).

Parece-nos, portanto, que o “ser diferente”, “destacar-se” é importante para a construção identitária da juventude, em meio às homogeneizações geradas pela

moda e pela indústria cultural. Para estes jovens, a apreciação de uma cultura diferenciada, que os remete a referências de um passado específico, é que os faz reconhecerem-se como diferentes no mundo de hoje, como especiais, como não homogêneos.

Mas, então, que passado é esse a que eles se referem? Que grupo era esse, localizado no passado? Quem participava desse grupo? Como ele se expressava? Essas questões nos levaram a pesquisar e refletir sobre alguns importantes aspectos relacionados aos processos de identificação no grupo Mod curitibano que precisavam ser esclarecidos. Como pesquisadora, busquei tentar compreender como se construíam as identificações dos indivíduos de hoje com um grupo como o dos Mods localizado no passado. Para tanto, foi necessário que o contexto histórico britânico pós-guerra fosse entendido, apresentando-se dentro da conjuntura da Guerra Fria e, posteriormente, de consolidação do capitalismo em nível global.

Hobsbawn (1996) explica, sobre o período de 1950:

[...] Enquanto a maioria dos países voltava a seus níveis pré-guerra em 1950, o início da guerra Fria e a persistência dos poderosos partidos comunistas na França e na Itália desencorajavam a euforia. De qualquer modo, os benefícios materiais do crescimento levaram algum tempo para se fazer sentir. Na Grã-Bretanha, só em meados de 1950 eles se tornaram palpáveis [...] (HOBSBAWN, 1996, p. 254).

Para este autor, a música (grande influência para os Mods) teve importante papel nesse período como pano de fundo das mudanças culturais, já que os atos de consumo relacionados ao gosto musical passaram a emergir com força no cotidiano das pessoas e a gerir também o âmbito da cultura. No período entre-guerras, o gramofone colocou a música ao alcance das massas, porém a circulação do disco dependia das vendas. Já com o rádio, que apareceu com a força da notícia durante a Segunda Guerra Mundial, permitiu que a música fosse ouvida por grande número de pessoas, dentre elas os jovens, ávidos por novidades que os fizessem esquecer das barbáries experimentadas pela guerra e das dificuldades que enfrentavam no pós-guerra.

Muito mudou após a Segunda Guerra. A Inglaterra emergiu, juntamente com os Estados Unidos e a União Soviética, como uma das nações fortes e importantes. A economia se tornou mais estável, e a classe trabalhadora conseguiu comprar carros, televisões, máquinas de lavar. Mais tarde, com o fortalecimento do

capitalismo e a proximidade do fim da União Soviética, o consumo tornou-se ainda mais forte e passou a impulsionar a economia e as demais áreas, como o lazer e a diversão. Segundo Barnes (1991), esse foi o período do boom do materialismo de Harold McMillan, com os hinos “I’m-alright-Jack” e “You’ve-never-had-it-so-good”¹¹, incentivando a atitude: “Viva agora, pague depois”.

É nessa época, em meio aos bairros londrinos, que começaram a aparecer jovens que passaram a fazer parte da classe trabalhadora, pertencentes à geração do pós-guerra. Estes se transformaram na nova classe consumidora, sendo o consumo o maior elemento de ligação entre os Mods de todos os contextos em que estudamos a sua presença.

De acordo com Barnes, o modo de vida dos Mods era voltado à elegância e socialização. Gastavam todo seu dinheiro e todas as horas após o trabalho em clubes e danceterias: “O dia pertencia à sociedade, ao chefe, aos outros, mas quando chegavam em casa do trabalho, tomavam banho, trocavam de roupa e saíam, as noites e os finais de semana pertenciam a eles.” (BARNES, 1991, p.7).

De acordo com Fabio e Danimod, do grupo Mod curitibano:

[...] os primeiros Mods eram funcionários públicos, operários, né? Ligados com a causa operária. Trabalhavam em fábricas ou em repartições públicas, entendeu? E moravam na periferia. (Fabio Elias).

[...] a cultura Mod surgiu no pós-guerra, com o pessoal que estava rebelde com aquele negócio: “Ah, minha família morreu, minha irmã morreu, minha referência paterna morreu... o que eu vou fazer agora?” Então, já começou a trabalhar muito cedo e a se bancar. A bancar o terno novo, sua diversão, sua droga... por que não, né?

E aí... surgiram as *scooters*, que eram o meio de transporte mais barato que tinha na época, que levava e trazia o cara pra trabalhar... Então, virou como uma referência, o meio de condução do pessoal que anda alinhado, que tem que mostrar serviço, já que eram operários. Muitas vezes, eram órfãos, porque os pais morreram na guerra. Então, não tinham referência. Eram eles que faziam essa referência. Mesmo assim, há 40 anos atrás, esse gurizinho – que pensava que era Mod, na época, e não sabia que isso já existia – se via na missão de fazer alguma coisa pra mudar. (Danimod).

Podemos afirmar que os primeiros Mods concentraram-se em elaborar seus processos de identificação em torno de objetos de consumo que os distinguiam na sociedade e que lhes davam uma aparência característica e socialmente reconhecida como moderna. Em geral, tanto os estudiosos como os participantes da pesquisa, afirmaram que aqueles que ficaram conhecidos como Mods na sociedade inglesa, tinham uma estética cotidiana específica, pois usavam ternos feitos à mão,

¹¹ “Estou bem Jack” e “Você nunca teve isso tão bem”.

gravatas, camisas, calças bem cortadas, lambretas ou *scooters*.

Pela perspectiva do grupo Mod original – e também na leitura de alguns sujeitos do Mod curitibano – o que os Mods ingleses queriam era mostrar sua presença, modernizar os laços sociais, fazer avançar com velocidade a mobilidade e o acesso a novas condições de vida. Isso porque, conforme Barnes (1991), antes dos anos de 1950, os jovens não existiam como um grupo de consumo separado. Existiam apenas as crianças e os adultos. Nem mesmo havia programas de rádio e TV apropriados para a juventude.

Percebemos então, desde já, a predominância de algumas características da organização moderna da sociedade capitalista, como a busca e a reivindicação por espaços de socialização que pudessem dar conta das subjetividades dos indivíduos. Aspectos estes que, segundo alguns estudiosos, vão se intensificar, se pluralizar e se fragmentar no contexto da pós-modernidade, com a aceleração das transformações relacionadas à globalização e seus impactos na vida diária dos sujeitos. A partir do momento em que surgiu um espaço jovem, que antes não existia, os grupos de identidades passaram a emergir e exibir suas escolhas como formas de expor suas singularidades.

Para Danimod, os jovens Mods ingleses:

[...] gostavam de sair para dançar. O *high* era sair pra dançar, para impressionar uma menina, para ter uma paquera ou para se chapar e, no outro dia de manhã, voltar a trabalhar tudo de novo. E só vai ser assim de novo no outro final de semana à noite [...]. (Danimod).

Mod é abreviatura de *modernism/modism* que, na época, era uma reflexão da vontade de ruptura das convenções, de legitimidade da diversão e da criação de um espaço jovem e adolescente com as suas especificidades respeitadas, no mundo urbano. A imprensa rotulou-os como “Modernists” ou “Modists”, tendo em vista sua posição de vanguarda em relação à moda e ao consumo cultural de música e cinema, e a oralidade popularizou o termo Mod. Sobre o cenário da época, diz Hobsbawn:

[...] A combinação de *boom* secular, pleno emprego e uma sociedade de autêntico consumo de massa, transformou totalmente a vida dos operários nos países desenvolvidos, e continuou transformando-a. Pelos padrões de seus pais, e na verdade, se suficientemente velhos, pelas suas próprias lembranças, já não eram pobres. [...] (HOBSBAWN, 1996, p. 301).

Já no começo de 1960, os Mods pareciam influenciar muitos jovens,

revolucionando desde as roupas até o comportamento. Hobsbawn (1996) acrescenta ainda que o poder de mercado facilitou as descobertas de símbolos materiais e culturais que caracterizavam identidades para a juventude. E que o que acentuou os contornos dessas identidades foi o abismo histórico-cultural que separava as gerações dos pais e dos filhos.

Novamente, ao tratarmos das idéias de consumo e descobertas de símbolos que também podiam ser vendidos à medida que produziam sentidos para essa juventude, desde esse período, percebemos a necessidade juvenil de encontrar outros indivíduos que compartilhassem de seus gostos, até mesmo para se fortalecerem em face daqueles que se agrupavam tendo por base outras referências. Assim, desde essa época, o pertencimento a grupos de identificação proporcionava aos jovens o estreitamento dos laços sociais, a auto-afirmação e, dessa forma, a segurança e o sentir-se bem.

Nessa busca por rupturas, os jovens Mods trouxeram novidades significantes. De acordo com Barnes (2000) – na introdução do livro “Mod: A Very British Phenomenon”, de Terry Rawlings – o termo Mod veio para representar mais do que o movimento da moda dos anos de 1960. Segundo ele, o termo veio caracterizar um estilo e um gosto particulares. Ele veio por um longo caminho desde seus dias iniciais, inspirado pelo gosto pelo jazz e pela moda Continental chique.

Pode-se citar sobre essa época na Inglaterra, alguns bares como Flamingo Club, Marquee Club, entre outros, freqüentados em especial pelos Mods.

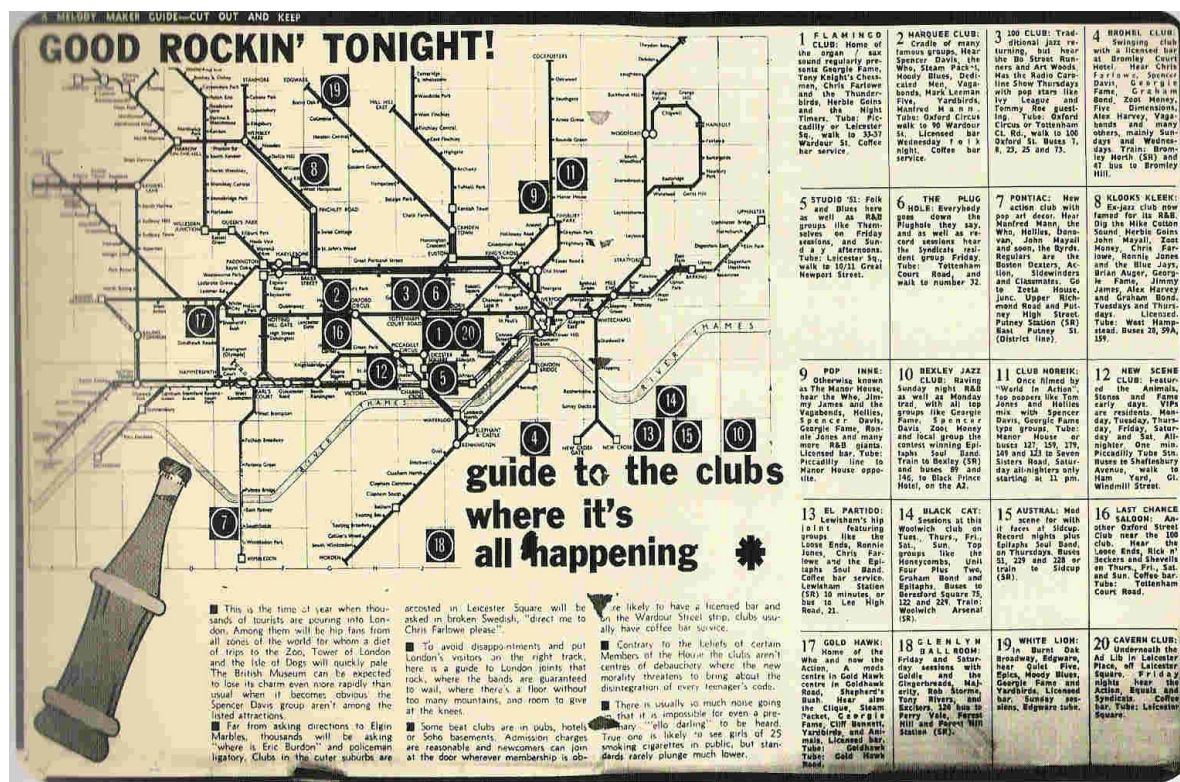


Foto 8 Mapa de casas noturnas londrinas: "Guia para os clubes noturnos onde tudo está acontecendo", "Bom rock hoje à noite!", em letras miúdas, "Um guia – recorte e guarde", texto produzido para turistas em fins dos anos de 1950. No texto deste guia se lê que alguns clubes são nos porões de bares e hotéis da região de Soho. Os valores dos ingressos são razoáveis e os de fora podem até mesmo comprá-los na portaria. No texto, afirma-se também que, ao contrário de muitas crenças, as novas moralidades desses centros não ameaçam a desintegração dos códigos da juventude. Ressalta-se que há geralmente muito barulho, onde nem mesmo se pode ouvir um simples "Oi", e pode-se ver meninas de 25 anos fumando cigarros em público, mas os padrões raramente caem mais do que isso.

Por meio desse documento sobre a cultura juvenil do rock na segunda metade do século XX, vemos os instrumentos de incorporação desta na vida urbana metropolitana de uma grande capital europeia, com um esforço em desmentir que os lugares dessas práticas culturais se relacionassem com a perda de valores e a degradação de comportamentos tradicionais pela juventude que o frequentasse. A tentativa de se pontuar esses aspectos revela a preocupação dessa sociedade tradicional com a emergência de espaços de socialização juvenil que até então não existiam e que de fato traziam novos hábitos e práticas culturais e comportamentais que influenciaram todo o mundo.

Fonte: Rawlings, 2000.



Foto 9 Bar Flamingo; Propaganda Noite com Rolling Stones: Na imagem anterior (8), o Guia identifica com o número 1 o Bar Flamingo, com sua fachada representada na primeira imagem acima, onde observamos alguns jovens da época vestidos com ternos em frente a porta que está coberta por propagandas de festas, que mesclam um anúncio de Coca-Cola, famoso refrigerante, com o destaque para a presença do jazz, música negra norte-americana, mais uma vez mostrando um traço característico da cultura juvenil marcada pelas práticas de consumo industriais e culturais. Na segunda imagem, na mesma época, temos a propaganda de uma festa, feita com colagens, com destaque para o nome da noite: "The R&B show", "O show de Rhythm and Blues", ou seja, novamente com destaque para a música negra americana, na qual participariam The Rolling Stones, The Big 3, Wayne Fontana and Mindbenders, entre outros.

Fonte: NME Magazine, 2006; Rawlings, 2000.

Os Mods também, influenciados pela *pop art*, produziram suas próprias imagens gráficas, tais como o alvo, a utilização de parcas militares, ou simplesmente de setas apontadas para cima, simbolizando a vanguarda. Para muitos, segundo o autor, ela veio para representar mais do que roupas e música. Seus valores foram vivenciados, entre outros aspectos, na arquitetura, no design, nos móveis, nas artes gráficas, nos romances, etc., sendo que o termo ainda é usado hoje.

O alvo, de acordo com os Mods, foi uma apropriação do símbolo da Força Aérea Inglesa, que passou a ser usado por eles, já que a sigla do Ministério de Defesa inglês era M.O.D. (Ministry of Defense).

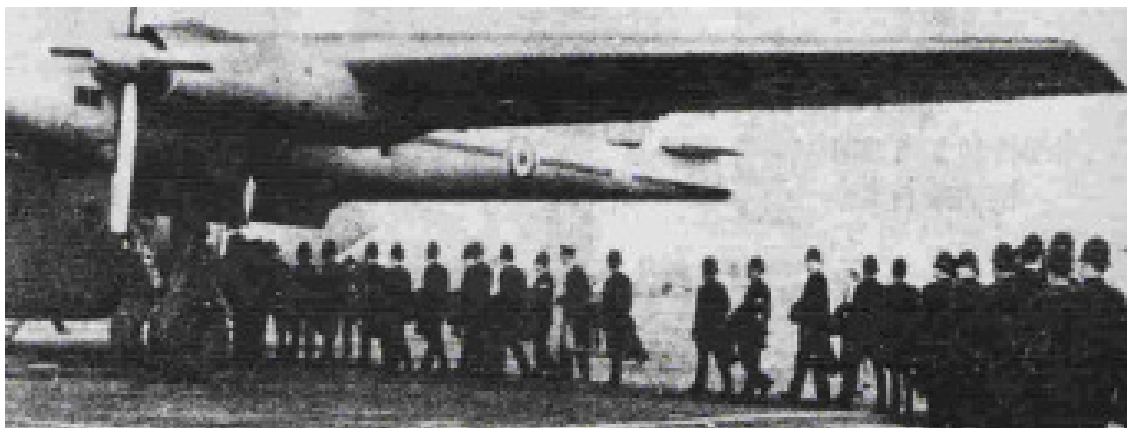


Foto 10 Avião do Ministério de Defesa com o logotipo¹² que foi apropriado pelos Mods: A imagem mostra o alvo, marca da Força Aérea Inglesa, estampada no avião, como símbolo de Estado, de soberania, de identidade nacional. Os oficiais, de uniforme, estão em fila, entrando no avião, disciplinados e treinados para fins de defesa da nação inglesa. Os mods se apropriam do alvo e das parcas militares como elementos estéticos de identificação de um grupo identitário de cultura juvenil do rock, e não mais de identidade nacional. Podemos dizer que a disciplina dos oficiais da aeronáutica é re-significada num paralelo irônico, de irreverência e de ruptura de convenções com uma sociedade tradicionalista. Essa documentação visual nos faz remeter às idéias de Bauman (2005) quando afirma a perda da centralidade da identidade nacional frente à criação de novas identidades pelos grupos sociais.

Fonte: Barnes, 1991.



¹² Recorte de fotografia original de Barnes, 1991.

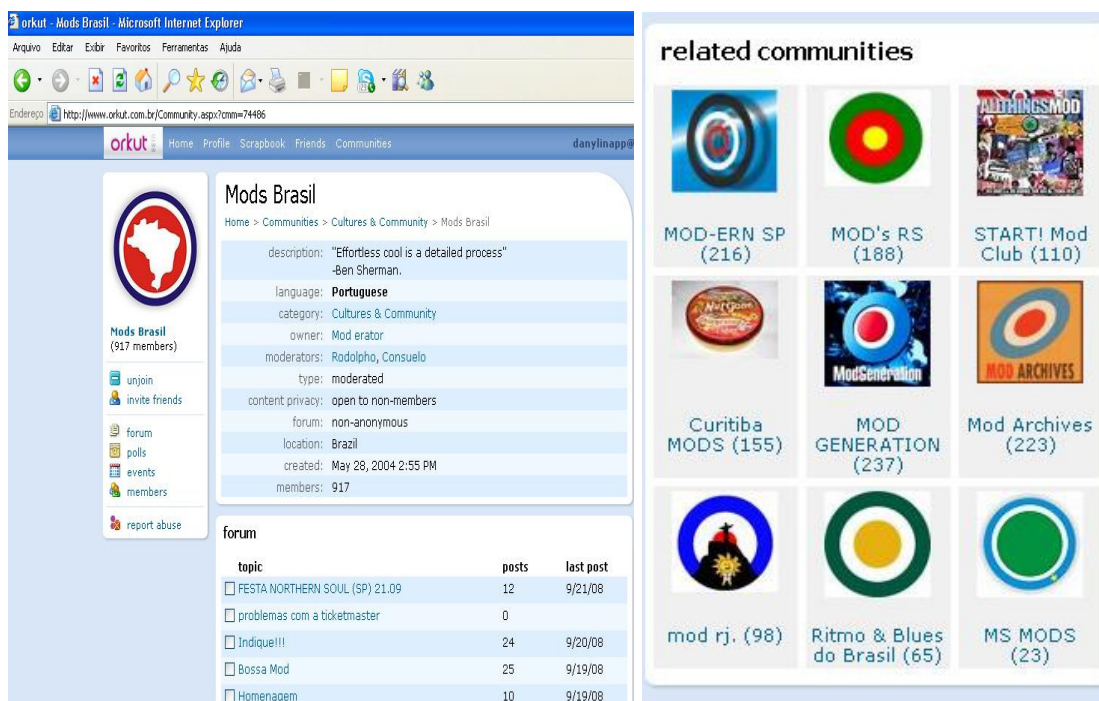


Foto 11 Mod target: alvo mod: Na primeira imagem, a representação clássica do símbolo mod, criado a partir do alvo da Força Aérea Britânica, nas cores da bandeira inglesa. Na segunda imagem, jovem vestido com uma camiseta com o mesmo símbolo, numa sessão de fotos da banda The Chords, uma das referências musicais no contexto do Mod revival inglês, em 1978. Já nos dias atuais, as últimas imagens extraídas do *site* da mais famosa rede de relacionamentos virtuais, o Orkut, vemos a apropriação do mesmo símbolo por Mods brasileiros, com diversas recriações que remetem a especificidades das identidades desses grupos juvenis, tais como: Mod-ern SP (São Paulo); Mod's RS (Rio Grande do Sul); Start! Mod Club (São Paulo); Curitiba Mods (Paraná); Mod Generation (São Paulo); Mod Archives (Brasil); Mod RJ (Rio de Janeiro); Ritmo & Blues do Brasil (Brasília); MS Mods (Mato Grosso do Sul). A variação das apropriações do símbolo do Mod ao longo de temporalidades e espacialidades por sujeitos diferentes revela a permanência de algumas características desta cultura juvenil, ao mesmo tempo em que destaca as transformações e recriações nos processos de construção identitária, conforme os contextos e culturas locais, regionais e nacionais. A rede de relacionamentos virtuais reforça a multidirecionalidade do processo que combina heterogeneidades em meio a uma certa unidade identitária, construída ao longo do tempo, pela continuidade e ampliação da cultura juvenil do rock.

Fonte: Britkamo, 2008; Rawlings, 2000; Orkut, 2008.

As motonetas, também chamadas de vespas ou lambretas, aparecem nessa época não apenas como necessidade da classe jovem trabalhadora, mas também como um acessório com *design* moderno para a época. As motonetas se convertem aí num reflexo da ânsia dos jovens Mods em se destacar, ficando desde àquela época evidente a necessidade de “ser diferente”.

As *scooters*, além de meio de transporte, eram um símbolo *cult*¹³ do grupo. Os Mods, por conta das *scooters*, conforme afirma Barnes (1991), foi o primeiro

¹³ Termo utilizado para expressar algo ligado à cultura popular, que, por ser consumido por sua utilidade ou qualidade, passam a ter um determinado grupo de admiradores ou fãs.

grupo de jovens com mobilidade. Eles se uniam e passeavam pela cidade, analisavam o movimento dos clubes, lojas de discos, e iam para as praias na costa, no fim de semana, já que as pequenas distâncias na ilha inglesa permitiam tais idas-e-voltas.

Jovens Mods competiam para ver quem tinha mais retrovisores, buzinas, luzes, até mesmo como maneira rebelde de responder a uma lei promulgada em 1964, que obrigava o uso de retrovisores, até então opcional.



Foto 12 Competição de luzes: O jovem Mod inglês, de cabelos curtos, vestindo sua parca militar, exibe sua vespa com expressão de orgulho. Em 1963/1964, com a obrigatoriedade de adaptar as vespas com espelhos retrovisores e faróis, os Mods decidiram, como resposta rebelde ao que consideraram arbitrariedade, utilizar as luzes e espelhos nas motonetas de forma exagerada. Todavia, ao mesmo tempo em que se rebelaram contra as normatizações, tornaram-se consumidores vorazes de produtos que estetizam a rebeldia e que eram comercializados pelos vendedores das motonetas como pacotes, contendo, além do que era exigido pela legislação, outros tais como adesivos com letras para personalizar com nomes, datas de nascimentos, ou qualquer outra mensagem ou marca identitária personalizada, pinturas cromadas e motores potentes. O ato de consumir, desde essa época, já comporta a expressão de ambigüidades e contradições dos indivíduos na sociedade capitalista, com sentidos plurais e divergentes, num movimento complexo e permanente de cooptação dos sujeitos, com controle de tensões sociais por meio da canalização e domesticação de possíveis gestos transgressores, como o desta representação. Assim, a ascensão da cultura juvenil como principal filão da sociedade de consumo contemporânea apresenta fenômenos como este, representado na imagem, em que se evidenciam o rompimento entre práticas estéticas, culturais, econômicas, sociais e comportamentais.

Fonte: Rawlings, 2000.

Sobre as motonetas, Rawlings (2000) explica que a *scooter* era o acessório Mod por excelência, um meio de transporte que colocava o motorista longe da uniformidade e da mobilidade convencionais. Uma máquina limpa, ousada e curvilínea que trouxe aos Mods a liberdade de viajar enquanto eliminavam a

inconveniência de se preocupar com o público geral.

Nos anos de 1960, começaram a aparecer bandas Mods, como Small Faces¹⁴, The Rolling Stones¹⁵, Zombies¹⁶, The Kinks¹⁷ e The Who. A música foi fundamental para que a cultura Mod se difundisse pela própria Inglaterra e, depois, para o mundo.¹⁸ O The Who¹⁹ foi uma das principais bandas Mods da época, também reconhecida enquanto tal por sujeitos do grupo Mod curitibano, como confirma Danimod: “[...] Aí surgiram bandas famosas como The Who, que é um grito pra eles mesmos, quem te banca, quem te veste, quem gosta disso. Por isso eles tiveram a idéia de colocar este nome na banda”.



Foto 13 The Who, 1965: banda de rock’n’roll formada em 1964 por Pete Townshen, Keith Moon, Roger Daltrey e Jon Entwistle. Além da produção musical, tornaram-se conhecidos também pela produção de Óperas Rock, como Tommy (1969) e Quadrophenia (1979), que eram álbuns musicais que contavam histórias que acabaram transformadas em filmes. Nesses filmes, o enredo era narrado através das músicas dos álbuns homônimos. Em seus shows e apresentações em programas de televisão, geralmente quebravam instrumentos musicais, expressando um comportamento de rebeldia contrário aos padrões da época e que, ao mesmo tempo, colocava os músicos como uma classe que podia descartar seu instrumento de trabalho já que tinha poder de compra e este seria facilmente repostado, num contexto de glamourização do rock. Entre altos e baixos, a banda The Who atualmente ainda existe, e conta em sua formação com Pete Townshend, Roger Daltrey, John Entwistle, John Rabbit Bundrick, Zak Starkey, Pino Palladino e Simon Townshend. Na imagem,

¹⁴ Banda britânica de 1965, formada por Steve Marriot, Ronnie Lane, Kenney Jones, Ian McLagan (que substituiu Jimmy Winston).

¹⁵ Banda britânica de 1962, formada por Mick Jagger, Keith Richards, Brian Jones, Bill Wyman e Charlie Watts. A banda existe até hoje com outra formação: Jagger, Keith, Watts e Ron Wood e não mais com tanto apelo R&B.

¹⁶ Banda britânica de 1961, formada por Rod Argent, Paul Atkinson, Colin Blunstone, Chris White e Hugh Grundy. Atualmente apresentam diferente formação, permanecendo Argent, Blunstone, Keith Airey, Jim Rodford e Steve Rodford.

¹⁷ Banda britânica de 1966 formada originalmente por Dave Davies, Ray Davies, Pete Quaif e Mick Avory, com participações de outros músicos no decorrer da carreira.

¹⁸ Listas das músicas mais ouvidas pelos Mods nessa época (assim como em outros contextos) podem ser visualizadas nos Anexos, bem como no CD-ROM (onde algumas podem ser ouvidas).

¹⁹ A palavra “Who” no idioma inglês significa justamente o questionamento “Quem?”.

observamos a forma como se vestem, com jaquetas ajustadas ao corpo ou ternos, bôtons e medalhas militares, camisetas com símbolos como o alvo Mod, e os cabelos com franjas, traços que revelam a preocupação com uma estética, expressando, para eles, o sentido de pertencimento a um grupo cultural emergente nos espaços de sociabilidade juvenil na Inglaterra nessa época. Embora exista essa identificação com os Mods, é contraditório observar que em uma das jaquetas há a presença do nome Elvis, cantor performático norte-americano que tinha um apelo sensual, e cujas músicas, nessa década, eram um produto cultural mais apreciado pelos Rockers, grupo cultural juvenil entendido em oposição aos Mods ingleses.

Fonte: The Who, 1965.

Além dos Mods, outros grupos existiram nessa época, retomando a idéia de que as identidades se constróem em oposição ao que não se é. Esses grupos também influenciaram mudanças comportamentais. Dentre eles, os Teddy-boys, que foram os primeiros jovens a se vestir como aristocratas, abrindo as portas desse mercado. Mas, em 1958, o estilo italiano surge na Inglaterra, com seus ternos ou jaquetas, calças estreitas e sapatos. As jaquetas eram curtas, tinham de três a quatro botões e lapelas estreitas. Esse foi o primeiro estilo dos Mods que, posteriormente, o foram modificando. Conforme Barnes (1991), os Teddy-boys eram na maioria judeus, da classe trabalhadora, ou tinham acesso livre ao dinheiro dos pais para gastar.

O outro grupo juvenil da época eram os Rockers, considerados inimigos dos Mods, pois, de acordo com as informações da época, eram o seu oposto. Vestiam jaquetas de couro, com broches e correntes, usavam topetes ostensivos, e apreciavam o rock americano dos anos de 1950. Inclusive, segundo BARNES (1991), quem não era Mod ou Rocker nessa época, era um Mocker ou um Mid (da palavra “meio”).

Segundo Coutinho (2006), muitos encontros entre esses grupos geravam brigas, já que a anfetamina, droga oficial do movimento, potencializava a violência. Os Mods, além das bandas que se formaram nessa época, também consumiam música de origem afro-americana, como o modern jazz²⁰, o ska²¹, o soul²². Eles se vestiam com ternos bem cortados, geralmente fabricados, ou,

²⁰ O jazz é um estilo musical surgido no século XX, nos Estados Unidos da América, mais especificamente na região de Nova Orleans, pelas comunidades negras.

²¹ Estilo musical jamaicano dos anos de 1950 e 1960, precursor do jamaica rocksteady e do reggae.

²² Estilo musical americano, influenciado pelo Rhythm and Blues (músicas pop de artistas negros, também conhecidos como R&B).

ocasionalmente, encontrados nas lixeiras da famosa Carnaby Street²³ (rua famosa pelos estilistas) e assistiam a filmes *Nouvelle Vague*²⁴ (New Wave).

Coutinho ainda coloca, em seu artigo “Música Mod”, que o estilo era complementado por outros itens característicos:

Complementando o ideário do “Less is more”, o fardamento Mod cultuava as camisas Fred Perry, botas Clark Deser, calças Levi’s, além das famosas camisetas com o símbolo da Royal Air force (círculos concêntricos, vermelhos, brancos e azuis), conseguidas através de novíssimas técnicas de serigrafia. E para completar o uniforme modelo, era preciso ostentar uma das famosas parkas militares, que nos fins dos anos 50 eram usadas somente para proteger roupas caras da poeira e da chuva. Porém, rapidamente este item se transformou em adereço obrigatório. (COUTINHO, 2006, p.1).



Foto 14 Jovens Mods: Nesta imagem, da década de 1970, na Inglaterra, vemos um grupo de jovens Mods conversando. A cena casual no espaço público da rua demonstra a postura assumida por esses jovens em seu cotidiano, e a força dessa identidade entre eles expressa na estética comum, quando nosso olhar percorre principalmente suas roupas e meios de transporte. Ou seja, as vespas, estacionadas ao fundo, e o vestuário, com o uso de parkas militares pelos Mods, como elementos estéticos que compõem o visual considerado *Modern* – Moderno, à frente de seu tempo, especialmente por serem esses elementos re-significados em sentidos estabelecidos pelo próprio grupo, diferente do original.

Fonte: Barnes, 1991.

Para Barnes (1991), o estilo Italiano foi sendo modificado ao longo do tempo. Os ternos permaneceram sendo feitos à mão. As calças permaneceram estreitas. As camisas tinham colarinhos com pontas longas, que possibilitavam o uso de gravatas

²³ Fica no Bairro de Soho, em Londres. Nas redondezas são aproximadamente 12 ruas com costureiros, ateliês, estilistas e lojas, o complexo é conhecido como Carnaby.

²⁴ Movimento do cinema francês do fim da década de 1950, e início dos anos de 1960. Modificava os moldes narrativos do cinema, apoiando o cinema *noir* americano. Representantes: Jean-Luc Godard, Truffaut, Jacques Rivette, Claude Chabrol e Eric Rohmer.

mais finas e nós menores. Os sapatos eram de couro, alguns feito sob medida. Mais tarde, surgiram sapatos com couro de crocodilo, ou couro verde e vermelho. Sapatos mais casuais, como *cardigans* e Fred Perry²⁵ e outros com *design* de tênis também passaram a ser usados. Calças Levi's²⁶ podiam ser usadas, e o terno era modernamente utilizado também sem gravata. Vários estilos de corte de cabelo eram utilizados, todos curtos, limpos e arrumados, como se tivessem passado por um *hairstylist*.

Percebemos que, desde essa época, os documentos apresentam principalmente um estilo Mod direcionado ao público masculino. Mas BARNES (1991) afirma que as garotas da época, que aderiram ao estilo Mod foram influenciadas pelos filmes americanos. Queriam se sentir espertas e seguras, características que buscavam expressa na vestimenta, com o uso de saias e camisas masculinas, a introdução de um estilo diferente de maquiagem, enfatizando os olhos. Não usavam sombras, apenas contornos pretos e, mais tarde, longos cílios postiços. Os cabelos eram bem cuidados e lisos, e o rabo-de-cavalo era o *look* principal. As sobancelhas eram muito finas. As vestimentas eram um pouco andróginas, e as garotas não encontravam essas roupas nas lojas. As roupas masculinas não se adaptavam aos seus corpos mais delicados, motivo pelo qual produziam suas próprias roupas.



²⁵ Jogador de tênis que criou uma marca de roupas e sapatos. As camisetas gola pólo dessa marca também foram muito utilizadas pelos Mods.

²⁶ Marca de jeans americana.

Foto 15 Garotas Mods, década de 1960/1970: Embora a presença do sexo masculino seja mais visível na cena Mod inglesa, as mulheres também participavam da mesma, como podemos perceber pelas imagens, que representam transformações dos papéis de gênero. Aqui, o espaço público é ocupado por garotas, que se vestem com calças, camisas e terninhos, o que, para a época era novo, já que tais peças eram exclusivas das produções masculinas. Isso também pode ser visto nos cortes de cabelo, que criam um ar andrógino. Percebemos então que a rebeldia e a novidade para as garotas estão em re-significar o próprio corpo, transformando e complexificando os códigos de sensualidade. Os padrões vigentes predominantes eram os longos cabelos, a maquiagem forte, os decotes e a exploração das formas do corpo feminino. As Mods dos anos de 1960, da primeira imagem, aparecem dançando em praça pública sob olhares curiosos de homens e mulheres. Para os homens deste grupo cultural juvenil, gestos como este significavam que aquelas moças poderiam se comportar sexualmente em termos de vanguarda, ou seja, à frente do seu tempo. Dessa forma, podiam relacionar-se tanto com eles quanto entre elas. Além disso, nesses relacionamentos, a sexualidade poderia ser vivida independente das normas de comportamento que circunscreviam as práticas sexuais ao casamento.

Nesse novo contexto, o jogo da conquista se torna mais complexo, pois é justamente a contradição e a ambiguidade expressas nos corpos e em seus gestos que provocam o desejo. Ao mesmo tempo, percebemos que a coexistência de expressões de feminilidades tradicionais e de vanguarda como traços permanentes na cultura juvenil. Pois, embora existam novas posturas bem representadas na primeira imagem, já na segunda, o perfil feminino Mod composto pelo vestuário novo e pela pose da garota ao centro da imagem, com as mãos na cintura, o jogo de quadril, a posição das pernas, do rosto com o olhar indireto e o sorriso sensual-singelo, revela uma feminilidade, ao mesmo tempo familiar e diferente, com o apelo à contradição e ambigüidade.

Fonte: Barmes, 1991.

Podemos aqui fazer algumas reflexões, a partir de algumas noções das teorias culturais contemporâneas, sobre os Mods ingleses como grupo cultural que estamos descrevendo. Se o considerarmos como um grupo com gostos e preferências comuns, observamos mesclas culturais, hibridismos, num contexto de interculturalidade percebido e valorizado hoje, mas que já são passíveis de se visualizar nesta época. Situações que podem ser caracterizadas como de *bricolagem*, conforme o pensamento de Canclini (2000). Ao adotarem em sua postura pessoal o estilo de roupas e cortes de cabelo italianos ou franceses, música de origem negra (jazz ou ska) e meios de transporte de vanguarda, como as *scooters*, entre outras características que passaram a constituir traços identitários dos jovens Mods, já enxergamos a existência de trocas culturais e, a atribuição de diferentes significados a partir de apropriações de produtos, estilos e comportamentos que vieram de outros contextos culturais.

Por muito tempo, a cultura foi entendida como sendo o modo de vida e os costumes dos povos, construídos de forma mais ou menos homogênea. Cucho (2002) afirma que muitos estruturalistas sempre buscaram apontar em seus estudos culturais as invariantes, ou seja, os pontos comuns entre os comportamentos.

Hoje, com o desenvolvimento dos estudos culturais numa perspectiva interdisciplinar, outro paradigma se coloca. O conceito de cultura homogênea já não se aplica mais à diversidade e à complexidade da realidade estudada, caracterizada por trocas culturais, apropriações e misturas, demonstrando um universo diferenciado, repleto de contradições. Muitos autores latino-americanos já trataram sobre o tema, iniciando-se pela utilização do termo “transculturação”, nos estudos de lingüística, por Angel Rama. Desde meados dos anos de 1970, a noção de transculturalidade enfocou principalmente as dimensões culturais de comunidades de fala.

Partindo para o campo das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia e da Comunicação, ainda no âmbito latino-americano, Jesus Martin Barbiero questionou as separações entre cultura de elite e cultura popular pela literatura tradicional, com uma valorização das culturas marginais e periféricas. Além disso, propôs o entendimento dos meios de comunicação, da oralidade, dos signos, como mediadores das relações culturais.

Nessa mesma linha, Nestor Garcia Canclini construiu as noções de hibridismo cultural e de interculturalidade, destacando nas análises da realidade contemporânea as constantes trocas culturais existentes. Argumentou que os sujeitos se apropriam dessas trocas e as transformam, criando e recriando a cada momento novas expressões culturais. Na obra “Culturas Híbridas”, Canclini (1989) afirma que construímos hoje a pátria do “pastiche e da bricolagem”, onde convivem muitas épocas e estéticas.

Antes do emprego dessas noções nos estudos mais recentes, de acordo com CuChe (2002), os estudos sociológicos, principalmente na América do Norte, passaram a analisar grupos culturais e suas manifestações, propondo assim o conceito de subculturas:

[...] Os sociólogos distinguem então subculturas segundo as classes sociais, mas também segundo os grupos étnicos. Certos autores falam até de subcultura dos delinqüentes, dos homossexuais, dos pobres, dos jovens, etc. Nas sociedades complexas, os diferentes grupos podem ter modos de pensar e de agir característicos, partilhando a cultura global da sociedade, que, de qualquer maneira, por causa de sua heterogeneidade, impõe aos indivíduos modelos mais flexíveis e menos limitadores que os modelos das sociedades “primitivas” (CUCHE, 2002, p. 101).

Esse conceito de subcultura foi muito utilizado para fazer referência a grupos culturais como o dos Mods. Entretanto, várias críticas questionaram sua validade como apropriado para análises do contexto atual, pois hierarquiza as manifestações culturais. Seguindo as idéias de Canclini (2000), vivenciamos um universo de manifestações e expressões culturais cujos signos e conceitos se misturam. Inclusive, os próprios sujeitos interpretam manifestações artísticas ou mesmo do cotidiano, e as recriam a partir de suas subjetividades. Dessa forma, a interculturalidade valoriza todo tipo de hibridismo e suas expressões, não sendo mais possível se imaginar uma cultura única ou original, e outras subculturas. A realidade tornou-se intercultural, forma como percebemos este grupo que estudamos, desde sua origem.

Partindo dessa perspectiva sem hierarquias entre culturas nacionais ou locais, é importante pontuar o contexto brasileiro da mesma época do surgimento dos Mods ingleses. No Brasil, vivia-se o suicídio de Getúlio Vargas e a campanha para criação da Petrobrás, em 1954. Com a sucessão para Juscelino Kubitschek, a capital federal se mudava para a cidade de Brasília e, no âmbito da cultura de massas, a “guerra” mais acirrada era a de Miss Brasil, segundo Carmo (2003), embora a maioria dos espaços públicos estavivesse reservados aos homens. Era a época do rádio, dos “anos dourados”, na qual os cantores mais populares eram Ângela Maria e Cauby Peixoto, com suas expressões musicais populares. Em 1958, o Brasil ganhou a Copa do Mundo, destaque para jogadores como Pelé e Garrincha.

O Rio de Janeiro respirava política, através da União Nacional dos Estudantes (UNE). Carmo ainda apontou que a juventude “sem futuro” desta época eram estudantes, poetas, escritores e artistas. Nessa época, livros de Jack Kerouac, como “On the road”²⁷ começaram a ser publicados, informando a população juvenil sobre a existência de uma geração *beat* inconformada. O rock’n’roll aparece, principalmente nos filmes do cinema americano, com destaque para os de Elvis Presley. Porém, de início, essa movimentação não foi relevante no Brasil:

Apesar de toda essa agitação, a entrada inicial do Brasil no novo ritmo não foi tão alucinante assim. A cantora de samba-canção Nora Ney, já famosa,

²⁷ Livro de Jack Kerouac, estadunidense, que relata situações vividas por jovens que viajavam sem muito dinheiro e que aproveitam a vida de forma inconseqüente, sem preocupações com carreiras ou futuro. Foi considerado leitura característica da “beat generation” – a chamada geração perdida dos anos de 1960.

gravou em 1955, *Rock around the clock*, a pedido da gravadora, por ela saber inglês. Só ficou nessa música.

Quem chegou mesmo para arrombar a festa, ainda não tanto com muita fúria, foram os irmãos Tony e Celly Campello. Mas as melodias nacionais e as versões cantadas eram bem açucaradas. [...] (CARMO, 2003, p. 35).

No Brasil, também podemos perceber a influência dos Mods no cenário cultural e musical hoje em dia, mais do que na década de 1960. Até porque, nos anos de 1960, o Brasil vivia um regime ditatorial e de censura, e o próprio cenário musical nacional era muito forte. Essa década começa com Jânio Quadros na presidência, e sete meses depois, com sua renúncia em meio a uma grave crise política, João Goulart assumiu. Nesse período, falava-se em bossa-nova e Cinema Novo e criou-se o Centro de Cultura Popular (CPC), da UNE. Logo depois, João Goulart foi derrubado com o golpe militar de 1964.

Foi nesse momento que nasceu a Jovem Guarda, como expressão cultural juvenil, ligada à indústria cultural, falando de namoros, roupas, carros, sem apelos políticos. Era a versão nacional e para consumo de massas da energia rebelde do rock'n'roll, segundo Carmo (2003). André Mod disse, sobre as manifestações Mods desta época, no Brasil:

[...] A primeira coisa que eu entendi por Mod no Brasil foi uma banda da Jovem Guarda. Agora não estou lembrando o nome direito mas, se não me engano, era Out Casts, alguma coisa assim. Foi a primeira banda a gravar The Who. Eles não lançaram LP, só lançaram um compacto, com a versão, cover mesmo, de My Generation. [...] É a primeira coisa que eu entendi então por Mod. [...] Daí também já ouvi relatos que o Ronnie Von sabia dessa cena, que acontecia lá fora e tentou trazer isso para o Brasil. Ele tentou tocar isso no que fazia, mas não deu certo. Eu também ouvi relatos de Nara Leão. Ela fazia parte da Jovem Guarda e da bossa-nova. Ela sabia muito sobre Mod, mas como era uma coisa que não tinha no Brasil, ela ficava quieta, ficava na dela, e fazia as musiquinhas dela mais voltadas para a bossa nova [...]. (André Mod).

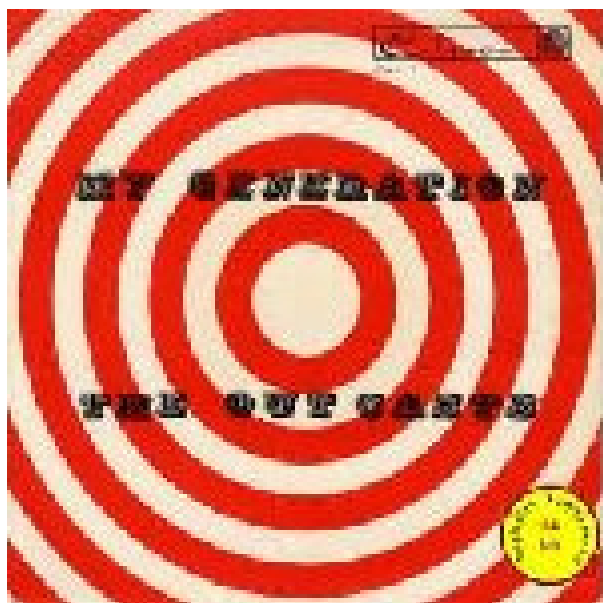


Foto 16 Compacto da banda The Out Casts, 1967: A imagem é de um compacto produzido pela banda brasileira The Out Casts, que apresenta a gravação de apenas uma música, cover do sucesso “My Generation”, do the Who, de 1965. A capa do compacto apresenta círculos concêntricos em vermelho e branco, que lembram o alvo Mod. Esse produto cultural representa um tipo de apropriação de nossa cultura juvenil que, embora não tenha feito sucesso estrondoso, revela os processos de expansão das influências Mods para além do seu contexto de origem. Segundo André Mod, nenhum dos membros deste grupo no Brasil tem esse produto, objeto cultuado, com significado valioso. Porém, já existe o acesso a uma música na internet que é identificada como a deste compacto, que foi disponibilizada por André Mod para a pesquisadora, pelo e-mail. Segundo este colaborador, ninguém do seu grupo jamais viu esse produto, que é um dos seus sonhos de consumo. Aqui temos um dilema paradoxal: como então se pode afirmar que a gravação tida como original e em circulação no espaço virtual é a existente neste produto? Observamos aqui que, independente da música ser a gravação original, o que importa aos membros do grupo Mod é atribuir essa significação, e utilizar esse produto como um traço identitário.

Fonte: Rockinbeat, 2008.

De volta à Inglaterra, alguns adeptos dos Mods entendem que, aproximadamente em 1966, o cenário Mod começa a se dissolver. Já outros consideram o enfraquecimento da cena o ano de 1964, pois foi o ano em que os tablóides ingleses noticiaram brigas entre grupos de Mods e Rockers, nas praias de Clacton e Brighton. De acordo com RAWLINGS (2000), os tablóides noticiaram as brigas na página inicial dos jornais com manchetes como “Selvagens invadem o litoral – 97 presos” e “Gangues de *scooters* balançam Clacton”. Desse momento em diante, os Mods seriam identificados com a violência e o vandalismo.



Foto 17 Brigas entre Mods e Rockers, 1964: nas imagens acima vemos, respectivamente, uma notícia de jornal inglês e de revista francesa da época, informando sobre os episódios de violência protagonizados entre os Mods e Rockers no litoral londrino. Na primeira imagem, a manchete diz: “Na corrida: a invasão de Mods e Rockers... mas dessa vez foi uma invasão com ‘pernas pra que te quero’”. Essa informação se referia à presença policial como forma de solucionar o conflito, que acabou com muitos Mods e Rockers presos, sem contar os que ficaram feridos, dentre eles e as pessoas que transitavam pela praia ou pelas redondezas e que foram involuntariamente envolvidos na briga. Esse episódio acontecido em Brighton, 1964, fez com que os próprios participantes do grupo passassem a rever suas práticas culturais. Ao mesmo tempo, isso fez com que esses grupos juvenis, Mods e Rockers, fossem vistos pela sociedade como violentos ou vândalos, como podemos perceber pela segunda imagem, que divulga o acontecimento como “A triste história dos Mods e dos Rockers”. Esse episódio é narrado, a partir da perspectiva dos Mods, no filme *Quadrophenia*, de 1979, no contexto do Mod revival inglês.

Fonte: Barnes, 1991.

Johnny Moke, entrevistado por Rawlings (2000) disse que, em 1964, já não era mais *modernism*, era algo diferente. Segundo ele, as atitudes mudaram extremamente. Ser Mod não era ser *modern*; era mais como ser membro de uma gangue e, para ele, esse não era o objetivo do grupo do qual participou nos primeiros tempos.

Iniciou-se então o processo de dissidência dos participantes do grupo, demonstrando a força das subjetividades na formação ou no declínio de identidades coletivas. De acordo com Coutinho (2006), nessa época o aparecimento do *reggae* e seus textos saudosistas à África fizeram com que a identificação que os Mods possuíam com esse estilo musical diminuísse. E, aliado a isso, a fortificação do movimento *hippie* também atraiu alguns jovens, que se dissiparam formando novas correntes:

Assim, perdendo seus principais aliados, e concorrendo com o psicodelismo, a nova linguagem oficial do florescente movimento *hippie*, o movimento mod degingolou-se, e os poucos resistentes foram rebatizados como *hard-mods*, e depois *skinheads*²⁸ (não confundir com movimentos neonazistas que se apropriaram, posteriormente, da alcunha) (COUTINHO, 2006, p.1).

André Mod também se coloca nesse sentido:

[...] a cena Mod deu muitos frutos, na verdade. Até então a gente entendia que a cena Mod era a do final dos anos 50, foi até mais ou menos 66/67 e morreu ali. Mas, a gente foi saber que a cena se dividiu por causa das musicalidades, psicodelia, hippiesmo. E que alguns que sobraram mesmo da cena, depois foram classificados como *hard mods*. Esses deram origem aos *skinheads*, no período de 69. Eram influenciados pelos imigrantes jamaicanos, que vieram para a Inglaterra a procura de empregos, de uma vida melhor, e trouxeram com eles a música jamaicana (André Mod).

Ao final dos anos de 1970, alguns dizem que devido ao sucesso do filme

²⁸ *Skinheads* foi o termo usado para fazer referência a grupos juvenis que começaram a ser notados na Inglaterra, a partir de 1967. Os jovens usavam os cabelos muito curtos, por isso o uso do termo, que significa “cabeça pelada”. Passaram a ser identificados com a violência ao promoverem confrontos em estádios de futebol (hooliganismo). O fim dos anos de 1960 é venerado pelos *skinheads*, que têm afinidades musicais com o *ska*, o *skinhead reggae*, *oil*, *punk* e *hardcore*, período chamado por eles de “espírito de 69”. O livro “Espírito de 69: A Bíblia do Skinhead”, de George Marshall, mapeia os estilos e pensamentos deste grupo. Para Danimod, as pessoas acabam identificando os Mods com os *skinheads*, o que não deveria acontecer: “[...] surgiram os *skinheads*, e o pessoal associou aos Mods. Particularmente, eu acho que não tem nada a ver. É como se um menininho de classe média matasse uma família e daí todo menininho de classe média fosse assassino. É... então o pessoal associou os *skinheads* aos Mods, nos anos 70. E, quando começaram os anos 80, os Mods eram meio que mal vistos, sabe, era o pessoal que só se “chapa”, quebra tudo, bate em negro, em judeu, e isso é uma idéia totalmente errada.”

inglês “Quadrophenia”, que retrata características da *Mod culture*, aparece a segunda onda Mod, conhecida como “*revival*”. O Mod Revival foi uma tentativa dos Mods remanescentes de trazer novamente a cena Mod ao cenário musical e cultural dos anos de 1970. Vale dizer que, o cenário dos anos de 1970 era revolucionário e liderado pelo *punk*²⁹.

Na tentativa de tecer uma visão crítica, retomamos novamente as idéias de Canclini para dizer que, embora o fenômeno de reaparecimento dos Mods no cenário de grupos culturais urbanos tenha sido chamado de Revival, ou, Revivência/Retorno, o que aconteceu foi a formação de um novo grupo cultural em um novo contexto, que fez uma releitura de algumas idéias dos Mods do fim da década de 1950, sob a influência da música *punk* e com o espírito de rebeldia que este novo grupo da cultura rock inspirava.



Foto 18 Capa do DVD *Quadrophenia*, cópia do cartaz original da ópera rock filmada em 1979: Filme baseado na ópera rock produzida pelo The Who e dirigida por F. Roddam. A imagem acima é a capa do DVD, e, na época, foi usada para a divulgação da ópera rock. Percebemos, na leitura da imagem, a utilização do símbolo Mod do alvo ao fundo, e ainda, na própria escrita do nome “*Quadrophenia*”, com o uso da flecha/seta que tentava, de certa forma, em 1979, trazer à cena musical e de sociabilidade os Mods dissidentes do grupo diluído pela violência e pelos novos grupos culturais juvenis que surgiram na década de 1960. Ainda, percebemos o retorno da estética, através dos jovens personagens na imagem de divulgação, vestindo principalmente ternos, gravatas, camisas e parcas. O subtítulo do filme é: “*A way of life*”, “um estilo de vida”.
Fonte: *Quadrophenia*, 1979.

²⁹ O *punk* surgiu na década de 1970 e foi difundido principalmente pela banda estadunidense The Ramones. As músicas são simplificadas, com três ou quatro acordes, possibilitando que vários jovens montassem suas próprias bandas. Debochavam de valores políticos, morais e culturais, colocando em suas roupas pinos, metais, couro, rasgos e outros objetos que lembravam o sadomasoquismo.

No contexto do Mod Revival, um marco cultural foi *Quadrophenia*, um filme de Frank Roddam, lançado em 1979 nos cinemas ingleses, cujo título tem o mesmo nome de um álbum musical do The Who, que são os produtores executivos do filme. No enredo do filme, que se passa em Londres de 1964, Jimmy Cooper é um membro de uma gangue Mod. Desiludido com seus pais e emprego, Jimmy encontra nos amigos Mods uma maneira de fugir da realidade. Um feriado de três dias é a desculpa para a rivalidade entre os Mods e os Rockers, quando os dois grupos descem para a cidade litorânea de Brighton, acontecimento que ligou os Mods à violência, como já comentamos.

Porém, há divergências sobre as principais influências do Mod Revival. Segundo Rawlings (2000), o que influenciou o “*revival*” foram os novos sons dos anos de 1960 e, principalmente, a ascensão do *punk*, que escancarava em suas músicas suas críticas sociais. Aqui visto como estilo totalmente contrário aos Mods, que não compartilhava da mesma referência estética na apresentação dos membros do primeiro grupo Mod, que prezava o bem-vestir e cuidados bem diferentes com os cabelos e com a aparência em geral, mais relacionados à adesão ao consumo do que à sua crítica.

Nessa análise, os Mods remanescentes precisavam se colocar novamente neste cenário rock juvenil. Então, aproveitando o embalo do lançamento, não do filme em si, mas do álbum *Quadrophenia*, da banda The Who, e o surgimento da banda The Jam, passaram novamente a fazer parte da vida noturna de Londres. Como, nessa época, a rebeldia estava no auge, com o lançamento do filme *Quadrophenia*, retratando momentos de violência e luta entre as gangues Mods e Rockers, os Mods tiveram talvez mais repaldo nesse cenário.

Além disso, Tony Lordan, entrevistado por Rawlings (2000) afirma que o *punk* trouxe grande energia novamente ao cenário musical, e muitas de suas bandas tinham influências musicais dos anos de 1960. Segundo ele, isso deu ânimo aos Mods, que não queriam parecer *punks*.

Segundo Danimod, participante de nossa pesquisa:

[...] E o pessoal foi assim até surgir o *glam rock*³⁰ e o *punk rock*, no final dos anos 60, que meio que limpou o pessoal que andava de cabelinho pra frente, terninho justo, que gostava de R&B, de bandas de três acordes. Isso não era o forte da época. [...] O *punk rock* mudou quase tudo: se revele, quebre tudo. E teve uma vertente Mod que se uniu com essa, que era o Mod Revival. Era o pessoal que tinha uma banda punk e andava de terninho, de lambreta, tinha a mesma filosofia do final dos anos 50. E se contradisseram porque, de tanto se chapar e de tanto quebrar as coisas e arrumar confusão, os Mods, nessa época, começaram a ser vistos como arruaceiros (Danimod).

No contexto do Mod Revival, novas bandas passaram a surgir. Além de The Jam³¹, também The Chords³², The Purple Hearts³³, Secret Affair³⁴, entre outras.

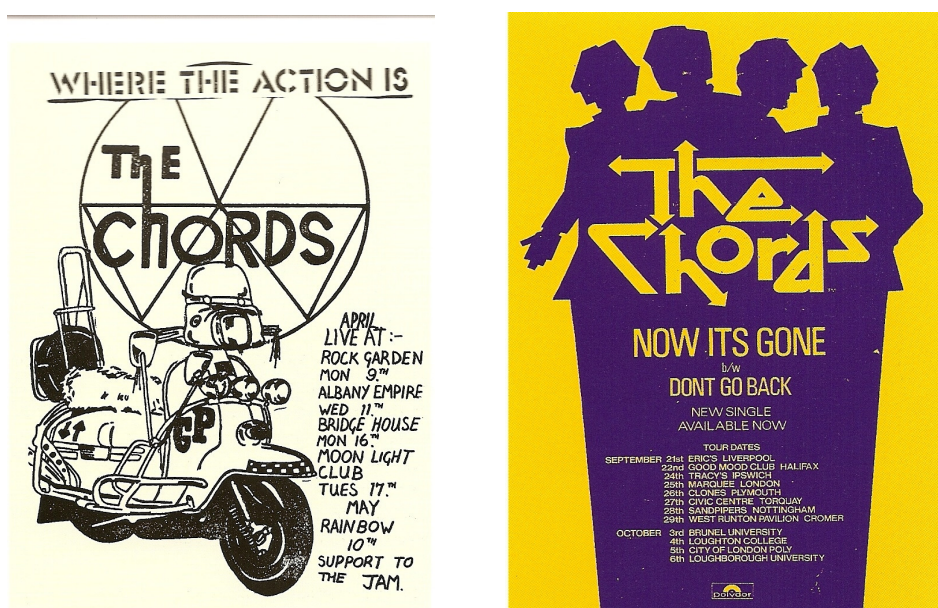


Foto 19 Propagandas da banda The Chords, 1979: Nas imagens, temos as propagandas de shows com a banda The Chords, em 1979, momento em que os Mods retornam à cena musical e cultural da Inglaterra. Percebemos, em ambas as propagandas, os elementos identitários Mods, como a lambretta, na primeira imagem, e as setas, na segunda. A primeira imagem refere-se a uma apresentação ao vivo da banda, enquanto a segunda informa as datas e locais de turnê (circuito de shows), intitulada “Agora já foi”, para divulgar a nova música de trabalho da banda chamada “Não volte atrás”.

Fonte: Rawlings, 2000.

³⁰ O glam rock, da palavra glamorous, ou, glitter rock, foi um estilo pós-hippie do início dos anos 70 na Inglaterra, os cantores e músicos vestiam roupas exageradas, maquiagens, cabelos esculturados, e botas plataforma, alguns até utilizavam vestes fantasiosas que lembravam filmes. Alguns representantes são David Bowie, Lou Reed, Queen, Kiss, Alice Cooper entre outros.

³¹ Banda britânica de 1976, formada por Paul Weller, Rick Buckler, Steve Brookes, Bruce Foxton.

³² Banda britânica dos anos 70, formada por Billy Hasset, Chris Pope, Martin Mason, Brett Buddy Ascott, e mais tarde, Kip Herring.

³³ Banda britânica de 1977, formada por Jeff Shadbolt, Simon Stebbing, Bob Manton, Nick Lake, Gary Sparks.

³⁴ Banda britânica de 1978, formada por Ian Page, Dave Cairns, Dennis Smith, Seb Shelton, Dave Winthrop, e posteriormente, Paul Bultitude. Divulgaram idéias de vestimentas de grupos de gangues chiques, a que chamavam Glory Boys. Muitos fãs adotaram esse conceito e se auto-denominaram “Glory Boys”.

Nesse sentido, diz-se que houve uma retomada, uma releitura, da “*mod culture*”, sob um novo contexto. Concordando com Danimod, Verguren (2004), citando palavras de seu entrevistado Mannay, afirma que, afinal, nessa época, as influências tanto culturais como musicais eram diferentes e os estilos acabavam por se misturar ainda mais. O cenário musical foi onde o Mod mais apareceu, e as pessoas que se identificavam com este estilo, passaram a procurar produtos como roupas e bótons, que já eram mais difíceis de serem encontrados. Para Mannay, as pessoas não ficaram “massivamente autênticas” até um bom período de 1980. Era difícil encontrar qualquer coisa, então, se alguém encontrasse uma camisa Mod, já dava um bom resultado em termos de diferenciação, o que remete ao principal aspecto relacionado aos processos de construção identitária, como já problematizamos anteriormente.

Sobre a importância do vestuário para identificação dos jovens Mods, Morris, também entrevistado de Verguren (2004), em 1978, destaca que as pessoas usavam camisas, ou camisetas pólo Fred Perry, casacos de três botões, e um par de calças Levi's. Para as garotas, eram feitas roupas sob medida. Assim, as mulheres também usavam calças e camisas, mais ajustadas a seus corpos, com os cabelos arrumados, pouca maquiagem, sempre bem feita, com os olhos bem marcados e utilização de cílios postiços, tudo de forma a proporcionar um visual considerado *clean* (limpo). Algumas pessoas chegaram a chamar as garotas dos anos de 1980 de Modettes, o que não as agradou. Na obra de Verguren, Vicky Hallam afirma que tal termo só poderia ter sido inventado por alguém que não tinha idéia do que era o Mod. O uso de *scooters* foi retomado, e os Mods começaram a organizar passeios ou rallys (corridas) de *scooters*, formando grupos de *scooterismo* ou *bikers*. Na Inglaterra, um dos bares mais freqüentados nesse período foi o Mildmay Tavern. Alguns shows de bandas também foram realizados na Carnaby Street. Nesse período, também a confecção de fanzines³⁵ se tornou popular entre os Mods, e foram chamados *modzines*.

³⁵ Abreviação de *fanatic magazine*, ou seja, uma pequena revista feita por fãs ou adeptos de determinados temas, que serão alvo de publicação dos fanzines. A distribuição é pessoal, ou os exemplares são colocados em lugares públicos. Geralmente não tem custos, ou são publicados através de patrocinadores que também tem afinidade com o tema. Os patrocinadores aproveitam o fanzine para fazer propaganda de seus estabelecimentos ou produtos, para o público que o lerá.

20 HOURS OF NON-STOP MUSIC
★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

FEATURING
THE TRUTH
FAST EDDIE **THE CO-STARS**

PLUS
SIX ACE LONDON DJ's:
EDDIE PILLER **PAUL HALLAM** **RICHARD EARLY**
MICK MOUSKOS **ANDY ORR** **MAUREEN REEVES**

SAT/SUN 27/28 OCTOBER
NEWHAVEN FORT
(JUST 8 MILES EAST OF BRIGHTON – ON THE COAST)
DRAWBRIDGE OPENS NOON, SATURDAY

LICENSED BARS ★ 24-HR. FOOD ★ RECORD & BADGE STALLS
TRADE STANDS ★ AMUSEMENTS

DANCE THE NIGHT AWAY ON THE PARADE GROUND

ALL-IN PRICE £5.00 ON ARRIVAL
FOR FURTHER INFORMATION PHONE (0273) 513600
THE ORGANISERS RESERVE THE RIGHT TO ALTER THE PROGRAMME WITHOUT NOTICE

THE GREAT BRITISH
ALL-NIGHTER OF THE YEAR

AT SCOOTER RALLY
NEWHAVEN FORT
JUST 5 MILES EAST OF BRIGHTON – ON THE COAST

SATURDAY OCTOBER 27th - SUNDAY 28th. 1984

LICENSED BARS – TRADE STANDS – RECORDS & BADGE STALLS
AMUSEMENTS – SNOOKER HALL – 24hr. FOOD

Saturday 12.00 Mid-day - til Sunday morning

LIVE ON STAGE 10.00pm. CO-STARS Soul Band 12 midnight THE TRUTH 2.00am. FAST EDDIE	plus SIX D.J.'s including Guest D.J.'s EDDIE PILLER & PAUL HALLAM
--	--

DANCE THE NIGHT AWAY - CAMP IN THE FORT

ALL-IN ADMISSION £ 5
On Arrival

INFORMATION 0273-513600 INFORMATION

THE ORGANISERS RESERVE THE RIGHT TO ALTER THE PROGRAMME WITHOUT NOTICE.



Fonte 20 *Scooterismo e modzines*, década de 1980: Durante o período entendido pelos Mods como “Mod Revival”, algumas práticas culturais novas surgem, como os grupos de jovens que utilizam suas *scooters* para programar longos passeios ou viagens em grupo, o que não era comum no surgimento do grupo. Na primeira imagem, temos a contraposição de duas propagandas de uma festa, em 27/28 de outubro de 1984, no Forte de Newhaven, na costa inglesa, a 8 milhas da praia de Brighton. A

primeira propaganda é a divulgação da festa que aconteceu nessa data, que informa os Mods sobre DJs e bandas que iriam tocar, enfatizando a música e a dança com a frase “20 horas de música sem parar”. A segunda propaganda foi a divulgação feita pelos grupos de scooterismo, para reunirem-se pela estrada e viajarem juntos em suas scooters até a costa, onde seria realizada a festa, cuja frase evidenciada era “Rally de Scooter para o Forte de Newhaven”. Segundo os Mods curitibanos, essas foram as primeiras *raves* (festas atualmente conhecidas pela música eletrônica e por sua longa duração, geralmente de todo um final de semana).

A segunda imagem apresenta alguns modzines da época, como “Tempo de Ação”, “Dançando como nos anos 60”, “Boogaloo”, “Sax Appeal” entre outros. O que fortemente se percebe em todos os modzines é a preocupação em produzir uma pequena revista que expresse as idéias do grupo com influência estética da pop art. As imagens nas capas são trabalhadas com diferentes estilos de letras, sobreposições, colagens e imagens de jovens Mods, garotos, garotas ou mesmo casais. As estampas de bolinhas, geometrias e setas também são utilizadas.

Fonte: Verguren, 2004.



Foto 21 Show em Carnaby Street, 1985: a Rua Carnaby, conhecida na Inglaterra por suas lojas de roupas e estilistas de alta-costura, nos anos de 1980 transformou-se também em palco para apresentações de bandas, trazendo práticas culturais até os espaços de consumo, ligando os produtos vendidos nesses espaços com a cena cultural que propunha aquelas apresentações, como é corrente na cultura juvenil desde sua generalização e ampliação na segunda metade do século XX. Na imagem, vemos a banda The Chance, realizando sua apresentação na Carnaby Street em 1985. Darren Russel, jovem Mod da Inglaterra da década de 1980, entrevistado por Verguren (2004), descreve o ambiente da Carnaby Street: havia muitos jovens que freqüentavam a rua, porque sempre acontecia uma pequena festa ou um show. Dentre a juventude também podiam-se encontrar alguns adolescentes entre 15 e 18 anos. Era perceptível a existência de grupos culturais juvenis como os Mods, os Punks, os Casuais e os Skinheads, que sempre provocavam uns aos outros. Os Skinheads e os punks, segundo ele, eram os mais hostis, inclusive, em alguns momentos, até mesmo chutavam os jovens de outros grupos.

Fonte: Verguren, 2004 (Imagem de Rob Messer).

Esse movimento de retomada e releitura dessa cultura Mod foi difundido, nesse momento, também nos Estados Unidos e, posteriormente, em outras partes do mundo, inclusive no Brasil, principalmente através da música.

É importante ressaltar a importância da música como fonte de significação para as culturas dos grupos juvenis. Napolitano (2005) se coloca sobre esse tema, no sentido de que, atualmente, estudos mais recentes têm superado algumas das

colocações clássicas de Theodor Adorno, expoente da Escola de Frankfurt, que influenciou os primeiros estudos sociológicos sobre indústria cultural e cultura de massas no século XX. Ao contrário dessa perspectiva clássica, que levava a uma compreensão da massa de ouvintes dos produtos da indústria cultural como regressivos, temos o entendimento contemporâneo de que os ouvintes são ativos, participantes e conscientes, pois se apropriam das obras musicais e recriam novos sentidos no cotidiano por meio de suas práticas culturais. Entendemos, assim, que a música não é simplesmente um símbolo, mas uma representação complexa que possibilita a produção de sentidos, de acordo com as subjetividades dos ouvintes e os interesses dos grupos culturais, econômicos, sociais e políticos.

Para Napolitano, nesse contexto crítico de revisão e mudança do papel dos ouvintes e das músicas nas práticas culturais e sua importância na sociedade contemporânea, após a década de 1990, surgiu o conceito de cena musical. Essa noção fez com que houvesse o entendimento de que não existia mais a possibilidade fechada e segura de se delimitar precisamente uma comunidade musical e sociológica. Os grupos culturais e suas práticas passam a ser analisados como espaços plurais em que as práticas musicais são culturais e sociais, que coexistem e integram-se mutuamente, apresentando múltiplos processos de diferenciação, conforme as trajetórias e influências dos indivíduos e seus contextos.

Nessa medida, podemos nos referir aos Mods como produtores de uma cena musical no Brasil, com presença marcante em Curitiba, capital do Paraná. Ressaltamos aqui a conexão da identificação dessa cena com as características do contexto da chamada pós-modernidade, já abordadas. Portanto, frente à complexidade e a variedade de concepções e interpretações possíveis, o conceito de cena musical ou cena cultural nos pareceu mais adequado como instrumento teórico para a reflexão sobre os processos de construção de identidade no grupo Mod curitibano, da forma como o desenvolvemos neste trabalho.

Retornamos então ao cenário brasileiro. Embora o Brasil vivesse nos anos 60 um período ditatorial, o país não ficou imune às influências estrangeiras. A banda Mutantes, por exemplo, uniu a idéia despojada dos hippies com o movimento underground que os afastou da Jovem Guarda. Ironizavam a sociedade, a visão cristã e o alto valor burguês. Enquanto a Guerra do Vietnã mobilizou os hippies para a manifestação por “Paz e Amor”, no Brasil, os jovens se mobilizavam de maneira diferente, principalmente nos campi universitários.

Nessa década de 60, conhecida como Anos Rebeldes, a produção musical passa por uma fase de contraposição entre o nacional e o estrangeiro. Com o fortalecimento da organização estudantil contra o regime militar, tomar posição em relação à música também se tornou posicionamento político. Nesse sentido, o apoio à arte nacional ganha força e músicas com opinião política passam a ter lugar nesse cenário, nascendo o Movimento Tropicalista.

Segundo Carmo (2003), a Tropicália, através de uma visão superficial, redescobre nossas contradições culturais e sociais, retoma a bossa nova e acentua a politização da canção.

Todavia, de qualquer forma, no Brasil desse período, se verificaram poucos ecos Mods, mas pode-se citar a banda Som Beat³⁶, que chegou a gravar “*My Generation*” do The Who. Outros possíveis pontos de contato foram o Ronnie Von e a banda The Beatniks, como já comentado por André Mod. The Beatniks era uma banda de palco da Jovem Guarda, com influências inglesas, mas principalmente psicodélicas, o que os distancia um pouco do Mod.

É com o “*revival*” na Inglaterra que esse estilo musical e comportamental chega ao Brasil. No final dos anos 80, num contexto de redemocratização nacional, os jovens que se identificavam com os Mods, e que se apropriavam de suas expressões culturais, passaram a ser notados no Brasil e esse estilo difundido pela banda paulista IRA!³⁷. André, Fabio e Danimod concordam com esse ponto de vista:

A cena nasceu mesmo da banda paulista, em 1982. Porque até então os integrantes do IRA!, o Gaspa e o Nasi, eram de uma outra banda paulista chamada Voluntários da Pátria. O André Young tocava bateria nos Titãs, e o Scandurra, até então, tocava guitarra no Ultraje a Rigor. Então, eles tocavam em outras bandas e tinham um projeto chamado “Smack”³⁸, com Thomas Pappon, que era o líder da banda Azul 29, e as meninas das Mercenárias. Acho que era Cláudia, a líder. O Ira! realmente nasceu do Mod Revival e é o que ele toca até hoje, e foi daí que eles subentenderam o Mod. Fizeram uma banda mais ou menos voltada pra isso (André Mod).

[...] tinha o primeiro disco do Ira!, né? E tinha uma música lá que era “Ninguém entende um mod”. Ninguém entende um mod, mas eu também não sou compreendido algumas vezes. E fui atrás daquilo pra saber o que

³⁶ Contava em sua formação com Aroldo Santarosa (que também participou de Os Incríveis e Casa das Máquinas), Fafá, Norival (dos Beatniks, Sunday e banda de Roberto Carlos) e Carlinhos. Tocavam em São Paulo e posteriormente, Santos.

³⁷ Banda paulista formada por Nasi, Edgar Scandurra, Ricardo Gaspa (substituiu Dino) e André Jung (substituiu Charles Garvin).

³⁸ Banda paulista que tocou nas casas undergrounds paulistas de 84 a 86, formada por Pamps, Scandurra, Thomas Pappon e Sandra Coutinho, das Mercenárias (esclarecendo a informação que André não lembrava).

era. Saiu na Revista Bizz algumas matérias sobre isso e a gente foi atrás pra saber o que era (Fabio Elias).

[...] na época, eu gostava muito de uma banda daqui chamada IRA!, e um dia eu tava procurando uma revista com uma entrevista deles, e encontrei uma Bizz antiga com o Edgar Scandurra falando sobre como o IRA! conheceu o movimento mod. E o Edgar contava que, um dia, ele tava vendo o Jornal Hoje e o Nelson Motta apresentou um clipe de uma banda do final dos anos 1960, que se chamava The Jam (Danimod).

O estilo do Ira! era diferente das bandas existentes até então, e suas letras falavam sobre dúvidas, crises pessoais e realidade. No primeiro disco, chamado Mudança de Comportamento, sobressaíram-se músicas como NB (Núcleo Base), Mudança de Comportamento e Ninguém entende um Mod. Para ilustrar o pensamento do grupo, veja-se uma das letras:

Ira!

mudança de comportamento



Foto 22 Álbum, “Mudança de Comportamento”, da banda IRA!, 1985: a banda Ira! Surgiu nos anos de 1980, compondo a cena da cultura juvenil do rock nacional. A imagem é a capa do seu primeiro álbum, que mostra os integrantes do grupo vestidos de acordo com a influência estética Mod, presente nos ternos e nos cabelos. Nas faixas do LP, damos destaque a uma música que fazia referência direta aos Mods e sua percepção identitária, cuja letra segue abaixo.

Ninguém Entende Um Mod
Composição: Edgard Scandurra

podia estar contente com as pessoas ao meu lado
podia ter certeza do que realmente sinto
mas se eu vivo na terra, ou se vivo no ar
você está em outro espaço, sempre em outro lugar

jovem canta essa canção e dança prá valer
mas ninguém entende, ninguém sabe o quê sente
mas se eu vivo na terra, ou se vivo no ar, você está em outro espaço, sempre em outro lugar
ninguém entende um mod!

Fonte: Cliquemusic, 2008.

A banda IRA!, atualmente, possui um estilo menos revolucionário e encrenqueiro, adjetivos que receberam nos anos 80 pelos meios de comunicação. Hoje seu público é mais variado, mas na época a juventude se identificou com a rebeldia. Nasi, vocalista da banda IRA!, em entrevista ao site musical Vagalume, afirma as afinidades musicais com os grupos Mods e reconhece a identidade Mod também da banda curitibana Relespública:

Eu sou suspeito para falar porque acho o Relespública uma das melhores bandas do Brasil. Eles começaram abrindo os nossos shows. Com 13 anos eles ficavam na fila do gargarejo. E a gente tem uma identidade musical muito forte, nessa coisa de bandas como The Who, The Jam [...]. (VAGALUME, 2006, p.1).

A música, nesse sentido, auxilia a juventude como signo de identificação, e como expressão do eu e do grupo. Campoy (2006), falando das idéias de Lévy-Strauss, em artigo sobre o heavy-metal, enfatiza que a mensagem que a música traz depende do que o ouvinte faz com ela, e que, além do significado pessoal, a música rege no inconsciente uma dança dos signos e uma reminiscência coletiva.

Os Mods então passam a se espalhar pelo país de maneira discreta. Sua maior influência e presença são percebidas nos dias de hoje em grandes cidades, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná. Como o estilo do grupo dos Mods só aparece no Brasil nos anos 80, é nos anos 90 que a cena começa a se fortalecer e é nos dias atuais que muitas cenas se manifestam.

O agrupamento de jovens é um comportamento amplamente verificado na conjuntura atual. Muitos jovens sentem a necessidade de se unir aos grupos mais variados de identificação. Ao mesmo tempo, todo tipo de identificação também é um processo de hibridização, retomando as idéias de Canclini. Assim, também é importante se pensar como o estilo Mod é apropriado e recriado no Brasil. Para tanto, daremos voz aos sujeitos participantes do grupo, em Curitiba, Paraná.

De acordo com Herschmann, há uma valorização hoje nas hibridizações dos produtores culturais e dos consumidores. Ele diz:

Para uma melhor compreensão dos desdobramentos políticos dessas expressões culturais, é preciso observar o estilo de vida desses jovens, ou melhor, os produtos culturais, gostos, opções de entretenimento, dança, roupas que têm como princípio a ética do “pegue e misture”. O estilo de vida e as práticas sociais dos grupos revelam um tipo de consumo e de

produção que os desterritorializa e reterritorializa (HERSCHMANN, 2005, p. 214).

Passaremos então ao estudo da cena Mod curitibana, suas expressões e os produtos culturais consumidos. A nosso ver, este mapeamento de signos culturais e produtos de consumo são imprescindíveis, pois, integram o processo de identificação, desterritorializando e reterritorializando os sujeitos, ou seja, proporcionando uma interação do global com o local.

4 IDENTIDADES FRAGMENTADAS: A MÚSICA COMO ELEMENTO DE APROXIMAÇÃO DOS SUJEITOS PERTENCENTES AO GRUPO DOS MODS

Estamos na década de 80, para Bauman a noção de identidade para a compreensão da realidade destes sujeitos é importante, já que nesta época a sociedade foi se reorganizando a partir da emergência de novas diferenças, que não apenas as econômicas:

[...] Os anos 1980 foram uma década de inventividade frenética. Novas bandeiras foram costuradas e erguidas, novos manifestos elaborados, novos cartazes concebidos e impressos. Como a classe não mais oferecia um seguro para reivindicações discrepantes e difusas, o descontentamento social dissolveu-se num número indefinido de ressentimentos de grupos ou categorias, cada qual procurando a sua própria âncora social. Gênero, raça e heranças coloniais comuns pareceram ser os mais seguros e promissores. Cada um deles, porém, tinha uma luta para rivalizar com os poderes integradores da classe que um dia aspirou ao status de uma “metaidentidade” em paridade com aquela proclamada pela nacionalidade na era do Estado-nação: o status de uma supra-identidade, a mais geral, volumosa e onívora de todas, a identidade que emprestaria significado a todas as outras e as reduziria ao papel secundário e dependente de exemplos ou casos especiais. [...] (BAUMAN, 2005, p.42).

Não podemos esquecer que os anos 70 e 80 foram marcados pelos movimentos sociais, que fizeram emergir diferenças como gênero, raça, e também, a diferença cultural, a diferença daquilo que podia ser escolhido, das preferências dos sujeitos.

Na mesma passagem, Bauman (2005) ainda faz referência ao enfraquecimento das identidades nacionais, que colaboram com a emergência das novas identidades. Entendemos que, como as identidades nacionais haviam sido fortalecidas na época de luta pelo Estado Moderno de Direito, na atualidade há um enfraquecimento dessas identidades, devido à mistura constante entre o local e o global, entre o nacional e o externo, entre o tradicional e o alternativo.

Hoje, se por um lado, para alguns indivíduos não existem opções a não ser a exclusão ou a marginalidade, para outros grupos parece haver muitas opções e a necessidade de dispensar algumas delas traz inseguranças. Para estes, a frustração atual está no excesso de opções e não na falta de escolhas, pois escolher significa deixar de lado outras opções. Assim, a biografia pessoal se torna um conjunto de experiências e não uma história de personalidade. Percebemos isso mais claramente à medida que algumas diferenças cessam, e nesse instante, novas

diferenças passam a surgir. Os indivíduos vivenciam, portanto, constantes trocas de identidades, constantes buscas do eu.

Assim, já não estamos falando dos sujeitos que participam da construção de Estados Nacionais, sujeitos modernos, nem daqueles pós-modernos da ruptura que após perderem suas referências familiares passam a trabalhar, receber salário, gastar, e exigir novos espaços de socialização, nem mesmo daqueles que, desiludidos com a ascensão do punk, retomam sua afinidade musical. Estamos falando dos sujeitos de hoje, de nós mesmos.

Sobre o sujeito pós-moderno atual, Bauman se coloca:

É comum afirmar que as comunidades (às quais as identidades se referem como sendo a entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) vivem juntos numa ligação absoluta, e outras que são fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios. (...) A questão da identidade só surge com a exposição a comunidades da segunda categoria – e apenas porque existe mais de uma idéia para evocar e manter unida a comunidade fundada por idéias a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural. [...] (BAUMAN, 2005, p. 17).

Os Mods, portanto, enquadram-se como um grupo cultural unido por idéias e princípios, rituais e estéticas próprias. Assim, como um grupo formado por gostos e comportamentos comuns, articulam-se, ilustrando o pensamento de HALL (2000), que defende a identificação como um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Hall concorda com Freud na medida em que este entende a identificação como fundada na fantasia, na projeção e na idealização. Citando Gilroy, Hall afirma:

Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração, mas como “o mesmo que se transforma”: não o assim chamado “retorno às raízes”, mas uma negociação com nossas “rotas” (HALL, 2000, p. 109).

Os indivíduos que vivem na Pós-Modernidade, nessa condição de fragmentação social, se reúnem em grupos de identificação, como os Mods, apesar de as próprias identidades estarem “[...] desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecerem flutuar livremente” (HALL, 2000, p.75).

Para Hall (2005), a tensão entre o global e o local atua de maneira expressiva na transformação das identidades. Acredita-se na possibilidade de novas identificações locais e globais, principalmente com o advento da internet que passa a mediar relações sociais. As possibilidades de escolhas, porém, não são iguais em todos os lugares, é, sim, mais ampla no “centro” do sistema global.

Assim, muitos agrupamentos culturais podem ser visto principalmente nas grandes metrópoles, como é o caso da cena Mod no Brasil hoje, que é visível em geral nas capitais. De qualquer forma, os próprios indivíduos, que sempre foram vistos como estáveis estão também se tornando fragmentados. Hoje, as pessoas não possuem apenas uma identidade, mas são compostas de várias. Segundo Hall (2005), o processo de identificação tornou-se mais provisório e variável, e o sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Hall (2005) explica a fragmentação dos sujeitos através de uma análise detalhada da transformação dos mesmos. Segundo o autor, o sujeito do iluminismo era centrado, dotado de razão e consciência que já emergiam com ele desde o nascimento. Com o tempo, surge o sujeito sociológico, percebendo-se que o sujeito era formado na relação com outras pessoas importantes a ele, e que mediavam para ele valores e sentidos.

Todavia, devido principalmente aos processos de globalização, que diluem fronteiras, o sujeito além de interagir com o seu mundo local, passa a interagir com o global, dando lugar aos sujeitos pós-modernos. Nesse sentido, Hall afirma que:

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (HALL, 2005, p.13).

Conforme esses posicionamentos, entendemos que cada indivíduo é parte do momento histórico em que vive, e na sociedade pós-moderna atual, fragmentada, o indivíduo não poderia se apresentar diferente.

Bauman diz:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo

prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. [...] (BAUMAN, 2005, p. 35).

Essa condição pós-moderna, somada ao capitalismo consolidado e à perda de muitos valores, em muitos momentos levaram os indivíduos à individuação. Veja o que nos diz Lessa, em seu artigo “Identidade e Individuação”:

No momento histórico em que vivemos, os processos de individuação incorporam esta relação dinâmica e contraditória com o gênero pelo aprofundamento do isolamento das pessoas entre si ao mesmo tempo, e pelos mesmos atos, em que atuam na reprodução das relações sociais que tendem a aumentar a integração e a interdependência de cada um para com o todo. [...] A fragmentação está instalada o próprio seio das individualidades: sua identidade se afirma privadamente, na reclusão, no isolamento; sua vida coletiva, aquelas relações que conectam a pessoa ao gênero humano, não servem de mediação para a expressão do que cada um de nós é enquanto pessoa humana (LESSA, 2004, p. 150).

Não há dúvida que a Pós-Modernidade tenha levado a sociedade a muitas individuações, porém, o isolamento não é a única opção aos indivíduos. Muitos deles, na tentativa de romper com esse individualismo, passam a formar grupos de identificação, sejam eles étnicos, de gênero ou culturais, como os Mods, buscando suprir a insegurança dessa condição.

Mais ainda, o princípio da comunidade, que era uma das propostas do projeto moderno de sociedade é atualmente uma busca em outras proporções. De acordo com Bauman:

[...] Numa comunidade todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. [...] Para nós em particular – que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos, quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta, quando só os bancos ansiosos por hipotecar nossas posses sorriem desejando dizer “sim”, e mesmo eles apenas nos comerciais e nunca em seus escritórios-a palavra “comunidade” soa como música aos nossos ouvidos (BAUMAN, 2003, p. 08-09).

Bauman (2003) diz que o processo de desconstrução da idéia de comunidade, inicia no início do capitalismo e principalmente com a industrialização, quando homens e mulheres saem de suas casas e de seus espaços para passar a maior parte do tempo em fábricas, neste momento, parece haver cada vez mais

fragilidade entre os laços que unem as pessoas. A incerteza quanto ao futuro do emprego e sua precariedade produz uma situação de risco aos trabalhadores.

Tal insegurança passa a se tornar inerente às demais relações interpessoais, seja na família, em relação aos amigos e até mesmo nos relacionamentos. Em consequência destas frustrações, das incertezas e da flexibilidade do mundo se buscam grupos de identificação, nos quais os indivíduos novamente possam se sentir seguros e protegidos. Entendemos que essas comunidades são os grupos de identificação, que embora possam ser temporários, tendo em vista a fragmentação dos sujeitos, dão aos indivíduos uma ilusão de enquadramento e estabilidade.

Dentro desse contexto de possível sentimento de estabilidade, proteção e segurança, os jovens também acabam unindo-se, em um primeiro momento para facilitar suas sociabilidades, e num segundo, como forma de encontrar um local seguro onde mesmo sentindo-se diferente, possa sentir essa diferença valorizada pelos demais. Para Pais:

[...] Nesses grupos, contudo, a subversão aparece estreitamente associada à conversão. Por outras palavras, as tribos geram sentimentos de pertença e os seus marcos conviviais são garante de afirmações identitárias (PAIS, 2004, p 23).

O conceito de tribos urbanas passou a ser usado por Michel Maffesoli, entendendo como tribos os grupos juvenis formados principalmente nas grandes cidades (por isso o termo “urbanas”), que apresentavam hábitos, gostos e afinidades comuns, podendo os Mods serem enquadrados nessa categoria. O que desde já se pode afirmar é que todos os comportamentos sociais são determinados culturalmente, e não através de uma cultura posta ou apenas econômica, mas de um processo de apropriações e recriações constantes. A vivência, as relações interpessoais, os costumes e tradições, a educação, as crenças, os mitos criam determinados padrões comportamentais, que são expressos levando em consideração as subjetividades dos indivíduos.

Entendemos assim, que a construção subjetiva se dá também pela hibridização, pela soma de experiências nos variados âmbitos da vida dos indivíduos. Dessa forma também, através da bricolagem é que acontece a criação de grupos, de comunidades, com a mescla de modos culturais distintos, constituindo novos sentidos e expressões, que, na atualidade, podem até mesmo ser, e em geral

o são, passageiros. Essas mudanças de identidade, abandonos de comunidades e participações em novas delas são a marca da fluidez atual, tudo que é rígido demais assusta os sujeitos, pois deixa claro que se fecham as demais opções.

Os Mods, como grupo cultural influenciado pelos Mods ingleses, nesse contexto de interculturalidade, também é reconstruído no Brasil, através de apropriações dessa cultura.

Segundo essa linha de pensamento, diz Santos (2003) que é preciso se criar, na pós modernidade um "arquipélago de minirrationalidades" para recompor a sociedade fragmentada. Ele entende que se vive uma irrationalidade global, marcada pelo isolamento, e que a formação de grupos acabam por trazer à realidade minirrationalidades, os Mods serão compreendidos nesta pesquisa como uma dessas minirrationalidades, um desses grupos culturais que dão sentido às relações inter-pessoais do século XXI.

Em nossa análise, percebemos que o principal ponto comum para os sujeitos de pesquisa é o contato com a música. Foi o gosto musical peculiar, que fugia daqueles divulgados pela indústria cultural, que os levou à estética e à busca por informações em relação aos Mods.

Os sujeitos colaboradores colocam sua experiência musical da seguinte forma:

Eu, desde criança sempre gostei muito de **música**, de **rock'n roll** principalmente. Sempre me interessei por isso. Minha mãe lembra. Eu não lembro muito bem. Lembro alguma coisa, assim, vaga. Eu tinha 3 anos e subia na mesa, nas festinhas e cantava [...] É com 4 anos que eu tenho minha memória mais viva. Aqui nesta sala onde você está, eu lembro que tinha um primo com um amigo dele, um americano de Ohio, tocando, brincando. Acho que foi a primeira palavra em inglês que eu aprendi "Ohio". [...] Esse americano, o negão de Ohio, começou a tocar e aquilo me atraiu muito forte. Uma atração muito forte pelo instrumento. Ver ele tocar, aquelas mãos, aqueles dedos, unhas brancas nos dedos negros, sabe? Daí, eu fiquei fascinado: nossa, o que é isso, né? Nem queria mais saber de brincar com a criançada naquela hora. Meu lance era música, eu já sabia. Aí eu mostrei um disco do Elvis e um do Led Zeppelin do meu irmão mais velho, Jorge, e ele começou a tocar aquelas músicas daqueles discos. Ele via o nome das músicas e ele tocava, porque ele conhecia, né? Nossa, foi meu primeiro ídolo, eu acho. E, a partir dali, eu não queria saber de mais nada. Só de tocar, queria aprender aquilo, queria tocar e queria cantar. [...] Aí, eu ganhei outro violão maiorzinho e fui tocar violão pegando as revistinhas que tinha na banquinha. Meu pai ia comprar um jornal e uma revistinha de violão. Aprendi sozinho. [...] Daí, fiz pouco tempo de aula e sempre gostei de tocar, cantar, agitar mesmo. Tinha as festinhas, era eu que agitava com meu violãozinho. Nem tinha banda, mas era meu grande sonho: montar uma banda. Mas era um sonho muito distante. Eu achava que tinha que ficar cabeludo e mais velho. Comecei a ouvir os discos, correr atrás de discos e o Ricardo, que morava no mesmo prédio que eu, tinha um

irmão mais velho que colecionava discos. [...] O Moon, eu ainda não conhecia. Conheci o Moon pouco tempo depois. O Ricardo é meu amigo desde que nasceu, e o Moon fui conhecer com 14 anos, na escola. Tinha uma banda lá e faltava um guitarrista, e fui fazer teste. Era uma banda horrível, assim, tocava musiquinhas de rádio, sabe? E o Moon com a camiseta do Sex Pistols, destoava daquele grupinho ali. E eu cheguei lá e ele perguntou: o que tu quer tocar? O que você gosta de tocar? Ah, manda um Elvis, Chuck Berry, qualquer coisa de rock'n roll aí, né? [...] e eles olharam assim e não acompanharam direito e eu vi que não ia dar certo naquela banda ali. Mas, o Moon saiu da banda e a gente montou uma junto. Quando eu saí, na mesma hora ele me falou: vamos tocar, daí eu chamei o Ricardo, que tinha o equipamento, e assim a gente montou a banda. [...] Enfim, a gente cresceu junto ouvindo música. Minha infância foi legal, mas depois que eu montei a banda foi mais legal, porque daí vivi mais intensamente, vivi o tempo inteiro em função da banda, da música [...] Mas, poxa, o que a gente gostava em comum eram bandas dos anos 60, de mods, era o que a gente mais curti assim, era o tipo de som que a gente queria fazer. [...] (Fábio Elias).

Vou começar falando então como comecei a gostar de **música**. A primeira cena que me vem à mente é, assim, eu com 6 anos, quando a minha mãe escutava Beatles dentro de casa. Eu não entendia nada daquilo. Só ficava ali escutando, né, com ela. Mas, foi a partir dali que comecei a me interessar mesmo pela coisa cultural que não fosse televisão. Escutava Beatles, coisas dos anos 60, da época dela e, anos depois, descobri, na coleção de discos dela, essas bandas que ela escutava e que eu ficava ali, escutando junto com ela. A partir daí, comecei a ter interesse em comprar coisas relacionadas à música dos anos 60. E a primeira banda foi Beatles. Então, comecei a comprar coisas que ela não tinha ainda. Ela tinha uma boa parte da coleção dos Beatles e, então, com 12 anos, eu comecei a colecionar discos e comecei comprar o que ela não tinha. Daí, eu fechei a coleção dela. Essa passou a ser a minha coleção também. E, a partir dessa influência dos Beatles, comecei a procurar coisas relacionadas. Então, era recorte de jornal, revista, qualquer informação que eu encontrava... Vídeos: os especiais na TV, eu gravava (André Mod).

Sempre morei aqui. Aí fui pra lá, em 2001, fazer faculdade de História. Eu gostava muito de The Who. Sou da geração que aprendia sobre as **bandas** na internet... Depois, com o Orkut, a velocidade com que podemos seguir por assuntos relacionados... Para conhecer **bandas** parecidas, da mesma cena. Assim acabei vendo as pessoas falando sobre "Mod". [...] (Angela).

[...] no meio dos anos 90, eu me interessava por coisas que não existiam na minha cidade. Gostava de um tipo de **música** que ninguém ouvia. Gostava de um tipo de literatura que ninguém sabia o que era, e de toda uma estética que basicamente era nula [...] (Danimod).

O meu pai, ele é bem novo assim, tem 46 anos, e ele morou na Inglaterra. **Eu cresci ouvindo Jam e tudo mais** assim, essa cultura mod. Em vez de eu, jovem, ir procurar, ela já tava na minha casa assim, sabe. Então... e eu sempre gostei de coisas mais pra trás e tudo mais. E, com 16 anos, eu fui a Londres e aí comecei por conta própria assim, sem ninguém na minha cidade que era o Rio, que é uma grande cidade, mas não tinha ninguém [...] (Juliana).

Além de ser ponto comum, a proximidade da música com o ambiente doméstico ou com a extensão do mesmo fica claro no processo de construção de afinidades com sons do passado. Todos os sujeitos conheceram estes estilos

musicais através dos pais ou irmãos, ou então de irmãos de amigos íntimos ou vizinhos com quem conviviam diariamente.

Percebemos que a influência e gosto musicais levaram esses sujeitos a conhecerem os Mods, identificarem-se com o grupo e unirem-se em torno de festividades que recriavam ambientes dos anos 60 e 70.

Entendemos que, embora exista uma determinada segurança entre os jovens que se sentem pertencentes a este grupo, também existem contradições causadas principalmente pelas subjetividades dos sujeitos participantes. Essa fragmentação que os faz concordar com determinados pontos e não com outros mostra a própria fragmentação dos sujeitos, que flutuam entre os grupos à medida que tentam preencher suas próprias necessidades, e já não apenas as da coletividade.

Rey (2003), doutor em psicologia, fala sobre a subjetividade:

[...] As emoções e construções do sujeito que aparecem nos diferentes momentos de suas experiências estão associadas a sentidos subjetivos diferentes, que podem ser de auto-estima, identidade, segurança, etc. Estes estados emocionais, que na literatura tradicional sobre a personalidade têm aparecido historicamente como traços ou características gerais da personalidade, não são mais que momentos de sentido de um sistema de configurações da personalidade que, dentro de um contexto de expressão e vida do sujeito, assume esse sentido (REY, 2003, p. 262-263).

Dessa forma, mostraremos através das falas algumas contradições, que aparecem nas discussões e nas opiniões dos sujeitos, refletindo suas próprias construções e suas representações.

5 CENA MOD CURITIBANA: O CONSUMO E A ESTETIZAÇÃO DO COTIDIANO COMO FORMA DE ALÍVIAR AS TENSÕES DO DIA-A-DIA

5.1 PONTO COMUM ENTRE OS MODS DE TODOS OS TEMPOS: O CONSUMO E A BUSCA POR UM ALÍVIO DE TENSÕES

A cultura dos Mods, seja em seu surgimento, como na atualidade brasileira, possui também suas características próprias, bem como suas divergências, principalmente tendo em vista a realidade do consumo, sendo este um dos pontos mais fortes de ligação entre todos os contextos mods.

Concordamos sobre a sociedade pós-moderna, fundada no consumo, com as proposições de Jameson (1996), sobre o pós-modernismo. Pra ele, o pós-modernismo não pode ser entendido apenas como expressão artística, porque com a consolidação do capitalismo (que o autor chama de capitalismo tardio, ou terceiro estágio do capitalismo, ou simplesmente globalização), a arte e a cultura não estão separadas da economia, da política, do contexto social geral, porque para o autor, a nova lógica do sistema social passa a ser cultural:

[...] Assim, na cultura pós-moderna, a própria cultura se tornou um produto, o mercado tornou-se seu próprio substituto, um produto exatamente igual a qualquer um dos itens que o constituem: o modernismo era, ainda que minimamente e de forma tendencial, uma crítica à mercadoria e um esforço de forçá-la a se autotranscender. O pós-modernismo é o consumo da própria produção de mercadorias como processo. [...] (JAMESON, 1996, p. 14).

De acordo com Jameson (1996), os termos cultural e econômico se fundem no capitalismo tardio, ou como preferimos chamar, pós-modernidade. Torna-se importante estudar as novas manifestações culturais de nossa época, vídeo, cinema, literatura, arquitetura, retórica sobre o mercado.

Neste sentido Jameson aponta a necessidade deste estudo:

[...] não só como veículos para um novo tipo de hegemonia ideológica, a que é funcional para no novo estágio do capital globalizado, mas também como configurações que permitem ao crítico de cultura destrinchar os germes de “novas formas de coletivo, até hoje quase impensáveis (JAMESON, 1996, p. 07).

Concordando com Jameson, Bauman (2000) nos diz que, na Pós-Modernidade, não se consomem apenas objetos materiais, mas também “exemplos aperfeiçoados e receitas de vida”. As manifestações culturais dos Mods não deixam de ser uma receita de vida, pela qual se busca viver bem, ser feliz, se divertir, consumir com o objetivo de sentir-se bem, de forma até mesmo hedonista. Nesse sentido, Bauman:

Não se compra apenas comida, sapatos, automóveis ou itens de mobiliário. A busca ávida e sem fim por novos exemplos aperfeiçoados e por receitas de vida é também uma variedade do comprar, e uma variedade da máxima importância, seguramente, à luz das lições gêmeas de que nossa felicidade depende apenas de nossa competência pessoal, mas, que somos pessoalmente incompetentes, ou não tão competentes como deveríamos, e poderíamos, ser se nos esforçássemos mais. [...] Vamos às compras pelas habilidades necessárias a nosso sustento e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que as temos; pelo tipo de imagem que gostaríamos de vestir e por modos de fazer com que os outros acreditem que somos o que vestimos [...] (BAUMAN, 2000, p. 87).

Lipovetsky também se coloca nesse sentido, dizendo quanto ao consumo que “[...] nasce toda uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, coloca no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer” (LIPOVETSKY, 2004, p. 61).

Sobre o excesso de opções, diz Bauman:

O mundo cheio de possibilidades é como uma mesa de buffet com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar de todos. Os comensais são *consumidores*, e a mais custosa e irritante das tarefas que se pode por diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha. “Será que utilizei os meios à minha disposição da melhor maneira possível?” é a pergunta que mais assombra e causa insônia ao consumidor (BAUMAN, 2000, p. 75).

Esses consumos de idéias e receitas de vida podem ser visualizados na maioria dos grupos culturais, principalmente devido às novas formas de apropriação dos bens de consumo, pois entendemos que os indivíduos são sujeitos nessa relação de apropriação, e não alienados pela indústria de massas. Muitas vezes, se querem consumir o que as propagandas vendem, é justamente no sentido de

consumir o que está em alta, o que é o desejo de todos. Novamente utilizamos as palavras de Lipovetsky (2004) para tornar palpável esse posicionamento, de que: “[...] O universo do consumo e da comunicação de massa aparece como um sonho jubiloso. Um mundo de sedução e de movimento incessante cujo modelo não é outro senão o sistema da moda. [...]” (LIPOVETSKY, 2004, p. 60).

É por isso que o fator “diferença”, sentir-se “diferente”, é importante para os jovens, num mundo onde o modismo torna os estilos esquecidos, transformando tanto música como roupas como arte em produtos que, no tempo presente, seguem tendências escolhidas e veiculadas através de propagandas que aceleram as vendas, tornam-se desejos de muitos e acabam realmente homogeneizando, situação que não agrada aos jovens. Os jovens querem sair, e saindo, querem chamar a atenção, se sobressair. Além disso. Como percebemos com os sujeitos de pesquisa, não é só a questão do sentir-se “diferente” que se torna importante, mas também das afinidades.

Ao demonstrarem gostos preferenciais pelas músicas, acabaram descobrindo toda uma história, uma estética e características que lhes agradaram. A moda para eles já não fazia sentido, afinal, os gostos já haviam sido escolhidos e assumidos subjetivamente. A indústria cultural, portanto, já não os atinge, elevando o sentido de “ser diferente” a um outro patamar, o patamar do ser sujeito, ser ator social, ter personalidade.

Esse caminho de personalidade para os jovens pertencentes aos grupos mods então, encontram no passado sua autenticidade. Assim, Lipovetsky:

A voga do passado se vê ainda no sucesso dos objetos antigos, da caça a antiguidades, do retrô, do vintage, dos produtos rotulados com um “legítimo” ou “autêntico”, que despertam a nostalgia. [...] Na sociedade hipermoderna, a antiguidade e a nostalgia se tornaram argumentos comerciais, ferramentas mercadológicas. [...] Esse retorno revigorado ao passado constitui uma das facetas do cosmo do hiperconsumo experiencial: trata-se não mais de apenas ter acesso ao conforto material, mas sim de vender e comprar remniscências, emoções, que evoquem o passado, lembranças de tempos considerados mais esplendorosos (LIPOVETSKY, 2004, p. 88-89).

Para este autor, o mundo contemporâneo contempla um retorno ao passado, uma necessidade de continuidade entre passado e presente, porque os indivíduos sentem necessidade de dotarem-se de raízes e memórias. Entendemos que essas raízes já não são mais necessariamente nacionais, hereditárias, biológicas, mas identitárias.

Huyssen (2004) concorda com este posicionamento e diz que:

[...] O enfoque sobre a memória é energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido. Ao mesmo tempo, sabemos que tais estratégias de rememoração podem afinal ser, elas mesmas, transitórias e incompletas. [...] (HUYSEN, 2004, p. 20).

Percebemos que Huyssen engloba em sua colocação as características do mundo contemporâneo, onde as transformações são rápidas, fluidas (como diria Bauman), modificando as noções de espaço e tempo. Huyssen (2004) ainda coloca que a memória de uma sociedade é negociada no seu corpo social através de crenças e valores, instituições e rituais.

É inegável que os Mods recriam estéticas e ambientes na realidade contemporânea reavivando a memória do passado londrino que primava o bem-viver e o divertimento. Tais recriações podem ser consideradas rituais, que, podem ser entendidos como formas de estetização do cotidiano, ou, performances, que aliviam as tensões geradas pela competitividade, trabalho em excesso, extrema profissionalização, e stress diário, situações comuns para os jovens que estão entrando no mercado de trabalho. Além disso, também existem as tensões geradas pela moda, pelo processo de homogeneização, característico da pós-modernidade, como já comentamos. Os rituais, portanto, são encenações, que no caso dos mods, passam pela estetização do cotidiano (através das festas, dos gostos, das escolhas) e do eu (através das roupas, por exemplo). As encenações que podem ser entendidas como rituais, são aquelas que revelam, expõem as tensões, e após a realização do ritual, ilusoriamente resolvem esses conflitos, possibilitando ao sujeito o recomeçar.

Em *From Ritual to Theatre*, Turner (1982) defende a "antropologia da performance" como parte essencial de uma "antropologia da experiência": "todo tipo de performance cultural, incluindo ritual, cerimônia, carnaval, teatro e poesia, é explicação da vida" (Turner, 1982, p. 13, tradução minha). Recorrendo à etimologia da palavra – performance deriva do francês antigo *parfournir*, completar – Turner atribui à performance o momento de finalização de uma experiência, sem o qual esta não se completa (HIKIJ, 2005, p. 159).

Dentro desse contexto, tem-se na realidade curitibana a realização das festas, como forma de esquecer essas tensões, para iniciar novamente uma semana de trabalho na segunda-feira seguinte, sendo que a festa aconteceria novamente apenas no próximo mês.

A cena mod curitibana, que se concretizou principalmente nos anos 2000, com a realização das festas Pow, começou assim:

[...] Curitiba, em particular, eu acho que... Eu acho, não. Pelo que eu vi, a grande cena mod surgiu no começo dos anos 2000. 2001, 2002. Era normal no calçadão da XV o pessoal lá reunido, pra ir em algum lugar. O pessoal se reunia pra fazer festa em apartamento, que é um negócio assim bem típico do começo dos anos 2000 aqui, que é uma referência que o Gabba trouxe de Londres, que ele ficou um tempo lá e que era isso que acontecia lá. Como o pessoal que se dizia mod não tinha vez assim, o que eles faziam: “vamos se reunir e fazer uma festa no apartamento de alguém”. Então, vamos se divertir a gente mesmo, independente de ter lugar ou não. [...] (Danimod).

[...] O pessoal da Fun Music, que é uma produtora aqui de Curitiba, começou a fazer festas na própria produtora, que era uma casa. E o pessoal fazia festas e tocava vinil. E eu achava legal: “como que o pessoal gosta disso aí? De onde vem essa referência?” E comecei a conversar com esse pessoal. Então, o meu primeiro contato com o pessoal retrô aqui de Curitiba, foi com o pessoal do Relespublica, do Faichecleres, do Tarja Preta. A gente virava a noite bebendo e conversando e falando besteira e fazendo palhaçada na rua com o pessoal. No outro dia de manhã, pegava o ônibus e voltava pra minha cidade porque tinha que trabalhar, como era antes, há 40 anos atrás. E, assim, a coisa foi se fortalecendo. Daí, quando eu vim morar pra cá, eu tinha mais tempo, porque já estava em Curitiba. A gente começou a fazer essa festa com o Gabba. O pessoal se reunia sempre no Motorrad, pra ver show dessas bandas que vinham pra cá, e a gente foi criando um laço de amizade que, independente, de ser mod ou não, o pessoal se reunia sempre no mesmo bar, falava sobre as mesmas coisas. Inconsequentemente, a gente já estava criando uma ceninha mod aqui, embora a gente quisesse dizer que não. [...] (Danimod).

Inicialmente, fim dos anos de 1990, os encontros eram realizados na Fun Music, muitas bandas participavam, ou em apartamentos das pessoas que gostavam dos temas, e se divertiam juntos. Com o tempo, o Motorrad Bar passou a ser o ponto de encontro dos Mods e pessoas com afinidades a esse estilo que já se fortalecia em Curitiba.

André Mod também lembra dessa época:

[...] Tanto que o pessoal que freqüentava a primeira festa (encontros Fun Music), era só pessoal das bandas. Então, não dava muita gente: era o pessoal das bandas e alguns amigos, e o pessoal mais velho: o João, o Glauco. Um dos caras mais antigos era o Cabelo, que é um cara bem importante também da cena. Ele foi um dos primeiros *hard mods*, que

pegava uns *rockers* aqui de Curitiba. É um cara doido, assim. Agora é um cara bem sossegado mas, na época dele, era bem doido. Ele é bem importante porque ele é meio que fez com que a cena realmente crescesse e se mostrasse depois pras cenas que viriam, que é a cena paulista, que é a cena forte. [...] (André Mod).

[...] eu comecei muito novo... não conhecia ninguém, saía muito com o pessoal brita, né? Era um pessoal que era mais ligado com o *brit pop*, que curtia Oasis, e eu andava com eles, ia nessas festas que eram direcionadas a essas bandas. E as bandas de Curitiba tocavam esse som. Até então era isso. Aí, foi que descobri a ReleSpública e comecei a freqüentar as festas deles, depois Faichecleres e as outras bandas que vieram depois... Mordida... Mas depois, anos depois, já em 2000, 2001, abriu uma casa chamada Motorrad, que foi considerada durante muito tempo assim, o lugar que os mods freqüentavam, se encontravam e que as bandas tocavam. Mas, durou dois ou três anos, no máximo, e acabou fechando por problemas internos. Daí, depois os caras principais da cena, já em 2000, 2001, começaram a fazer umas festas em Curitiba, que era o Gabba, o Gabriel. Ele montou uma comunidade chamada Curitiba Mods. E, a partir dessa comunidade, ele montou umas festas com o mesmo nome e, posteriormente, uma outra festa chamada POW, que acontecia num lugar chamado Nico e durou mais ou menos uns 2 anos. Depois, ele viajou, foi pra Inglaterra e as festas cessaram. Daí, ele voltou depois e fez mais umas festas. Mas ele fica nessa: vai, volta, faz umas festas... traz umas coisas de lá, discoteca, monta as festas dele... (André Mod)

O Motorrad Bar, estilo cavern club, bastante rústico passou a ser reconhecido como Casa dos Mods, de acordo com os freqüentadores, pessoas que conheciam o bar e essa era a divulgação utilizada:

Este bar nasceu em abril do ano de 2003, num casarão antigo no centro da cidade, idealizados pelas simpáticas irmãs catarinas Fernanda e Jeniffer, logo o bar é tomado pelo público underground de Curitiba, pois abriu espaço para shows de bandas importantes da cidade e também de outras partes do Brasil. O bar é meio point dos MODs, mas dependendo do show e da festa, o pessoal varia também (CHINASKY, 2008, p.1).



Foto 23 Motorrad Bar, 2005: Cena noturna no Motorrad Bar, conhecido como Casa dos Mods, em Curitiba. O bar foi aberto em 2003 e fechou entre 2005 e 2006. Na imagem se vê as paredes rústicas de tijolos sem reboco, num lugar fechado, sem ventilação e com pouca iluminação, por onde circulavam pessoas de vários grupos culturais, em especial os Mods, que podem ser identificados pelos ternos.

Fonte: Flickr, 2007.

Segundo Angela:

O Motorrad era um bar que eu adorava, fechou há alguns anos. Má ventilação, decoração... então... A porta do banheiro era uma tábua daquelas madeiras cor-de-rosa de construção, tinha que ficar segurando. Mas quem freqüentava, adorava aquele lugar tão “cavern”. Lá eu acabei conhecendo as bandas, que eu gostava muito – ia lá pra isso, nem falava com as pessoas, não participava do grupo. Era uma situação interessante... (Angela).

Daniel participou ativamente da história da cena Mod em Curitiba:

Há uns 3 anos atrás, quando eu vim pra cá, quando conheci o Gabriel, o Gabba, que é um dos precursores da cena mod em Curitiba, ele fazia uma festa aqui que era nos moldes das festas européias, que o pessoal se acabava de dançar e se conhecia e conversava, que tinha feirinhas dentro da festa e compactos³⁹. Quando conheci, ele me propôs: “Ó, Dani, a gente gosta das mesmas coisas porque que a gente não faz um treco junto”. Foi assim que começou a POW [...] (Danimod).

[...] no comecinho dos anos 2000, isso foi ficando forte aqui e o pessoal das casas noturnas viram que era um público a mais que eles não conseguiam abraçar [...] (Danimod).

Gabba, Gabriel Nogueira, foi um dos principais incentivadores e produtores da cena mod curitibana. Criava grupos de discussão, marcava encontros entre o pessoal, liderava organizações de festa, discotecava, divulgava bandas. Sua atuação em Curitiba para que a cena Mod se fortalecesse é reconhecida:

[...] Mas o cara importante mesmo é o Gabba. Esse é o cara importante da segunda fase mesmo, da cena mod de Curitiba. [...] Na verdade, o Gabba veio com a idéia dessa festa tentando se voltar pra um pessoal que era simpatizante da cultura (Mod) ou era realmente ligado a tudo isso, à questão das bandas, tudo isso. [...] (André Mod).

O Gabba, quando eu conheci, era um punkzinho, [...] e eu passava muita coisa pra ele do mod. Ele curtia e vinha falar comigo. Até que ele apareceu de gravatinha e: “vou pra Londres, e tal...” Montou a banda Tarja Preta. Foi bacana. (Fabio Elias).

³⁹ Daniel esclarece que os compactos são pequenos vinis contendo uma ou duas músicas, no qual a banda toca e grava músicas de dois minutos e meio em geral, colocando toda sua expressão nesse som, independente se fosse se tornar um sucesso de venda ou não.

O Gabba começou a tocar - se não me engano - com o pessoal do PX 200. Ele tinha visual bem *punk*, bem Ramones, que eu lembre, pelo menos. Um estilo meio jogado: jaqueta de couro, calça jeans mais apertada. (André Mod).

A cena Mod em Curitiba encontra sua ascensão com a realização das Festas POW.

[...] e eu comecei a discotecar com ele na POW. A gente começou a sair na madrugada divulgar, com panfletinho, a festa. E era legal porque o pessoal ia assim: as menininhas iam de vestidinho, da época - ou muitos faziam customização pra deixar parecido com a época - ia rapazinho de terno. Enfim, e era legal pela diversão assim. Mas, acabava a festa e, no domingo de manhã, quem não tava ressaqueado, nem lembrava que tava lá (Danimod)

As primeiras 20 pessoas ganhavam um CD, que era uma coletânea daquela festa. Eu acho que isso instigava as pessoas a procurarem até em casa... "Poxa, nunca ouvi falar disso, vou procurar saber o que é e o que tem a ver". Então, acho que, cada vez mais, as pessoas estavam por dentro do que tocava ali, né? (Juliana)

Até que, um dia, vi um cartaz de uma festa, a "Pow!". E, como seria meu aniversário, convenci minhas amigas a irem comigo. Fomos na festa e eu achei o máximo. Eu, que nunca gostei de sair, me encontrei naquela festa, dançando sozinha. Eu conhecia as músicas. As pessoas que estavam lá pareciam de outro mundo, sabe? Terninhos, vestidos, e até uns bem "fantasiados". Essas festas eram todo 2º sábado do mês, se não me engano. E eu comecei a participar, inclusive, dos fóruns na internet, onde eu percebi que outras festas assim aconteciam, e que essa cena era forte em Curitiba. As pessoas eram sempre as mesmas (Angela).

O que chamava a atenção em relação à festa, realizada no Nico Bar, onde as pessoas dançavam dentro do antigo cofre, era justamente o ritual. As pessoas vestiam-se com estilo retro, dançavam ao som dos anos 50, 60 e 70, bebiam e conversavam, para depois retomarem suas vidas normais, seu cotidiano de trabalho, estudo e obrigações. As festas também serviam para a divulgação das músicas, pois os primeiros a chegar ganhavam cds. Dentro da festa ainda existiam banquinhas para venda de bótons entre outras coisas. Outra característica importante era a utilização de discos de vinil e compactos pelos djs:

[depois da] festa POW, surgiu a BANG, que eu ajudei a organizar. E, o diferencial dessas é que a gente procurava ser fiel às festas dos anos 80. A gente tocava um compacto, com músicas de dois minutos e meio. Um compacto tinha duas músicas, e era legal porque se conseguia expressar o que a banda queria na época. [...] Então, a gente procurava ser fiel e usar aquele compacto, que foi prensado há 40 anos atrás, e não simplesmente baixar música da internet e botar no mp3, num dvd e deixar o pessoal dançar. A gente procurava realmente discotecar como se fazia há 40 anos

atrás, pra ter uma referência, pra não ser um negócio: “ah, hoje ouvi umas músicas de bandas britânicas dos anos 60”. (Danimod).

Para Daniel, as gravações em cd (compact disc) ou mp3 (arquivo digital musical) não possuem contato físico, orgânico com o som londrino, que o pessoal realmente dançava na época, e isso era importante para os idealizadores da festa POW, que posteriormente foi substituída pela Bang, em 2006.

A primeira festa Bang, seguindo o estilo da Pow, porém sem a presença de Gabba, que estava na Inglaterra, foi em junho do ano de 2006. Também era realizada no segundo sábado de todo mês, no Nico Bar. Ainda possuía um adicional, além das músicas e banquinhas, apresentava mostras de filmes e desenhos animados e clipes musicais clássicos que atraíam ainda mais os Mods e cults.



Foto 24 Propaganda da Festa Bang, 2006: Imagem com propaganda da Festa Bang, que substituiu a Festa Pow, também realizada no Nico Bar. Podemos aqui também fazer uma referência à música da banda The Kinks, chamada “Bief Bang Pow”, uma expressão com onomatopéias que remetem à linguagem dos quadrinhos, e que pode ter sido utilizada para a idealização do nome da festa. A roupa e o cabelo Mod do jovem cujo gesto, representa um golpe, próprio de heróis dos HQs ganham destaque num fundo de estética retrô. A propaganda faz referência às práticas culturais existentes nesse tipo de festa, tais como: audiência de filmes B e de desenhos animados; música com performance de discotecagem; e bebidas alcoólicas (drinks) incluídas no preço do ingresso, formando um conjunto de elementos da sociabilidade desta cultura juvenil.

Fonte: Overmundo, 2006.

Também dentro do panorama de alívio de tensões, percebemos o consumo, já comentado, como uma forma de contensão social, de cooptação⁴⁰, sendo possível

⁴⁰ Cooptar significa atrair alguém para objetivos comuns, unir pessoas para uma ação conjunta.

dizer que o consumo dos produtos culturais diferenciados pelos Mods também fazem parte desse amortecimento de tensões, ou seja, da ritualidade que neste momento se transforma em uma estetização, tanto do cotidiano como de si mesmos.

Featherstone relê Walter Benjamin, que iniciou as discussões sobre a estetização. Segundo o autor:

[...] as percepções de Benjamin e Baudrillard são aceitas para assinalar o papel revigorado da cultura nas cidades ocidentais contemporâneas, cada vez mais centros não somente do consumo cotidiano, mas também de uma extensa série de mercadorias e experiências simbólicas produzidas pelas indústrias culturais (das artes, do entretenimento, do turismo, do patrimônio histórico). Nessas cidades pós-modernas admite-se que as pessoas se dedicam a um complexo jogo de signos que repercute a proliferação de signos no ambiente edificado e na trama urbana (FEATHERSTONE, 1995, p. 44-45).

O pós-modernismo com a pop-art demonstrou que qualquer objeto do cotidiano poderia ser estetizado. De acordo com Featherstone, esses movimentos artístico-culturais transformaram as mercadorias cotidianas em arte, “[..] uma reprodução irônica da cultura de consumo nela mesma, e numa atitude antiacadêmica e antimuseu, por meio da performance e a arte no corpo (body art).” (FEATHERSTONE, 1995, p.45-46).

Ligando, portanto, os Mods do fim da década de 50 com os Mods que surgem em Curitiba no fim dos anos 90, o consumo é visto como forma de recriação, de formação de cenas e de estetização do cotidiano através de símbolos, estilização, e produtos culturais como literatura, cinema e música.

Dessa forma, também importa saber como o grupo dos Mods curitibanos apropria-se dessa cultura e estetiza seu cotidiano através da recriação de signos, atribuindo-lhes significados no contexto contemporâneo.

Roupas:

E a gente precisava de uma estética. A gente precisava de uma bandeira, uma coisa pra gente se identificar, com a qual todo o grupo se identificasse. E a gente lembrou dos Beatles, do The Who e daquelas bandas. [...] Pô, é difícil no verão andar de paletó e gravata, era difícil não ser rejeitado por outros grupos. E a gente se dava bem com os punks, os carecas, também, os skinheads. Mais ninguém. Na galera, a gente era chamado de patinho feio. [...] Todo mundo tinha que ser Nirvana, naquela época, e a gente não tinha nada a ver com aqueles grunges, que usavam camisa de flanela, sabe? Flanela era pra limpar a guitarra e a gente usava roupa de verdade pra tocar, se apresentava bem. [...] Enquanto todo mundo usava bermuda e camiseta, eu tava de paletó e gravata e sapato e calça

de tergal e linho, sei lá. Queria me vestir bem, me apresentar bem sabe e ser diferente (Fabio Elias).

E, quando fui crescendo, com 14, 15 anos eu comecei também a partir pro lado mais do visual, que era usar terno, essas coisas e comecei a freqüentar brechós. E eu mudei pro centro. Eu morava até então no bairro. Sempre morei em Curitiba, nasci aqui. Mas, daí com mais ou menos 15 anos, 16, eu comecei a freqüentar mais brechó. Mudei pro centro, saí do bairro e aqui tinha mais brechós. E eu comecei a comprar roupas de tecidos mais antigos, de cortes mais antigos, né? E comecei a utilizar (André Mod)

E... então, em 2000, 1999, 2001 eu andava na minha cidade de terninho, bota lustrada, não sei o que, gravata fininha dos anos 60. A galera olhava e me achava doente, com aquela roupa... E... eu vi que não ia valer a pena ficar brigando por aquilo numa cidade de 20 mil habitantes, provinciana, que não ia me oferecer nada mais que aquilo. Foi aí que comecei a pegar ônibus na rodoviária e ir em festa em Curitiba, Porto Alegre, São Paulo. Comecei a conhecer pessoas que também gostavam do que eu gostava. [...] Ao contrário do que surgiu no final dos anos 60, com o *punk rock*. O pessoal, ah... com calça suja, tênis sujo, uma camiseta rasgada, é o que basta. Pro mod não, o pessoal gostava muito da estética, sapatos lustrados, calça bem justa, alinhada ao corpo, terninho bem alinhado ao corpo, cabelo bem penteado, bem cortado, um cabelo bem caprichado. Pra que? Pra ir numa festa dançar, e impressionar o menino, impressionar a menina, e acordar segunda de manhã e ir trabalhar, era isso (Danimod).

[...] e era assim: “a Juliana gosta de coisa antiga”, “a Juliana é engraçada”... “ela compra roupa usada, velha, empoeirada”. E sempre procurei os brechós, peguei coisas da minha vó, é... eu sempre me senti deslocada no tempo mesmo, sabe? [...] (Juliana).

Em resumo, as roupas para os Mods em Curitiba são, em sua maioria, compradas em brechós. São roupas com corte reto, ajustadas ao corpo, existe um esforço para a boa apresentação, para o bem-vestir. Os tecidos são finos, como o tergal, o linho, entre outros. As calças jeans e camisetas pólo, ou com temas relacionados aos Mods também são bastante utilizadas. As garotas, além dos artigos de brechó, ainda usam muita estampa de bolinhas, listras ou estilo vintage⁴¹. Os sapatos são bastante femininos, há bastante uso de pérolas, laçinhos e fitas. Para os homens, tênis “converse – all star” ou sapatos lustrados. Alguns jovens também usam parcas, como os Mods dos anos 50. Muitos jovens acabam sendo confundidos com os Mods por vestirem-se com artigos que lembrem o estilo retrô. Ou seja, os Mods vestem-se com artigos retr, embora nem todas as pessoas que se vestem dessa forma considerem-se Mods.

⁴¹ O termo vintage era utilizado para caracterizar vinhos do porto que ficavam melhores com o envelhecimento. A moda utilizou-se deste termo para se referir a artigos que lembravam épocas.

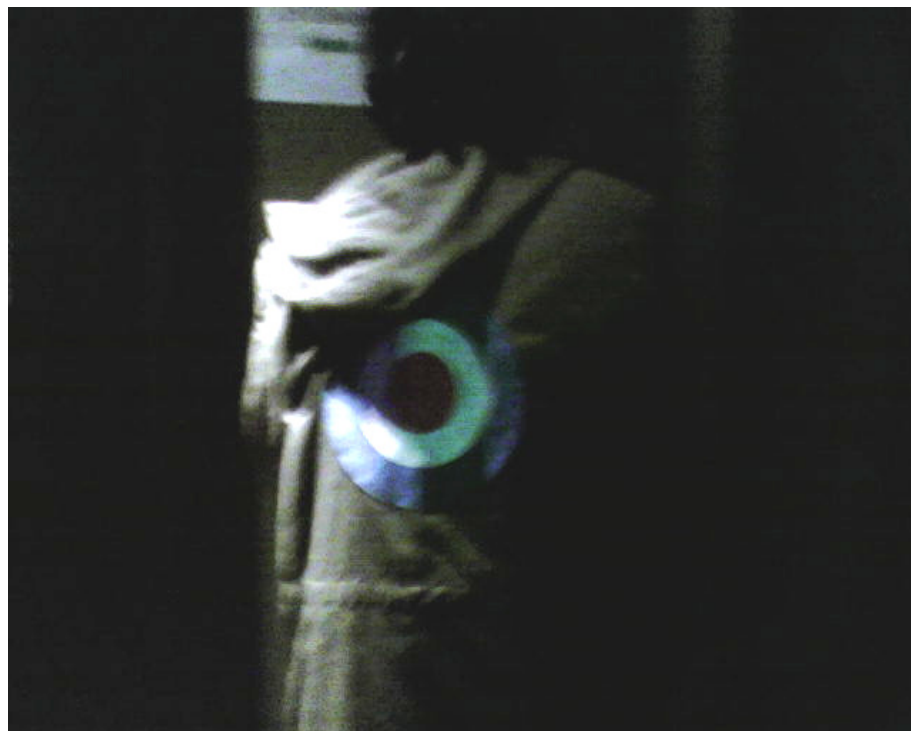


Foto 25 Rapaz veste parca; mods curitibanos; imagem de calendário Mod brasileiro: As imagens apresentadas aqui são representações da cena Mod curitibana. Na primeira imagem, temos Emídio, da banda Faichecleres, de costas, exibindo sua parca militar customizada com o alvo Mod. A imagem foi registrada pela pesquisadora, em apresentação da banda na cidade de Pato Branco, interior do Paraná, no início de 2008. O ambiente escuro da casa noturna Bauhaus coloca o sujeito em meio a luz e sombras, evidenciando ainda mais o símbolo do Mod estampado na parca. A utilização de parcas militares nos dias atuais é prática comum entre os Mods, mas a diferença e a autenticidade são dadas pela prática cultural de customizar/personalizar a peça com um símbolo da identidade Mod. Na segunda imagem, vemos alguns Mods bebendo e conversando no Motorrad Bar, em 2006, registrada por Yeda Priscila, 25, que participou da cena nesta época e fotografava a si e seus amigos nessas ocasiões. Percebemos na imagem o vestuário característico Mod, que lembra os jovens que freqüentavam os bares londrinos de outros contextos da cultura Mod. Já na terceira imagem, vemos Yeda Priscila, em uma sessão de fotos para um calendário Mod, em 2008. O terno, o jeans, os botões, a gravata e a fita nos cabelos bem penteados e com franja mostram o cuidado com a construção da identidade o mais fixada possível com a estética Mod presente no vestuário. A estrela no alto da imagem de Yeda é a impressão de sua autoria, apropriando-se da marca de brinquedos infantis Estrela, somado à inicial de seu nome: Ystrella.

Fonte: Arquivo pessoal de pesquisa, 2008; Priscila, 2006; Priscila, 2008.

Angela, participante da pesquisa, foi indicada para colaborar com o trabalho, foi reconhecida pelos participantes do grupo como Mod. Percebemos que ela tem muitas preferências musicais e estéticas com o grupo, mas não se sente pertencente ao mesmo, apenas conheceu e participou da cena Mod por suas afinidades.

Nessa época eu engordei um monte e fui tendo que comprar roupas novas que servissem... E claro que eu estava na onda, já comprava roupas com listras, calças mais apertadas nas canelas... E descobri os brechós, eram minha alegria! Até hoje, quando vou pra Curitiba, eu dou uma espiadinha neles. Mas, então, isso contribuiu para que me identificassem nesse grupo (Angela).

Para alguns participantes da pesquisa, o que favorece a existência de uma cena Mod em Curitiba, possibilitando um estilo de roupas como o que utilizam, é o clima. Fabio diz que o clima curitibano se aproxima do clima europeu. André também concorda, afirmando que o frio é um fator que facilita aos Mods utilizarem ternos, parcas, camisas e gravatas, afirmando que isso também ocorre com o Rio Grande do Sul, que também apresenta climas mais frios.

Vinis:

Naquele mesmo aniversário, ganhei um vinil dos Beatles e um do The Who, foram os primeiros. Aí pedi pro meu pai me mandar o aparelho que estava guardado em casa... Logo comecei a visitar sebos pra procurar vinis também. Enfim, adoro! (Ângela).

O fato de colecionar vinis é também uma característica própria dos Mods. Para eles, a valorização da música feita pela banda naquele momento guarda um sentido de originalidade. Qualquer erro, afinação diferente estará presente no som do vinil, o que não acontece no som comercial da reprodutibilidade técnica, como diria Benjamin (1985). Utilizando a idéia deste autor, poderíamos dizer que os Mods passam horas em busca de um disco de vinil, ou compacto, porque estes possuem a aura, a originalidade, a autenticidade que foge às super correções e mixagens da indústria cultural atual.

Minha mãe escutava Beatles dentro de casa. Eu não entendia nada daquilo. Só ficava ali escutando, né, com ela. Mas, foi a partir dali, que eu comecei a me interessar mesmo pela coisa cultural que não fosse televisão. Escutava Beatles, coisas dos anos 60, da época dela e anos depois eu descobri, na coleção de discos dela, essas bandas que ela escutava e que eu ficava ali, escutando junto com ela. A partir daí, comecei a ter interesse em comprar

coisas relacionadas à música dos anos 60. E a primeira banda foi Beatles. Então comecei a comprar coisas que ela não tinha ainda. Ela tinha uma boa parte da coleção dos Beatles e, então, com 12 anos, eu comecei a colecionar discos e comecei comprar o que ela não tinha. Daí, eu fechei a coleção dela. Essa passou a ser a minha coleção também (André Mod).

Tinha, o grande laço era esse, né? Sair de manhã ou à tarde, ficar horas e horas no sebo procurando, procurando, procurando. Em três horas, tu vai achar um compacto que vale a pena. Daí o pessoal: “ah, cara tu é louco, tem a discografia inteira no google.” E... a idéia não era essa, era justamente esse apelo de ver o cuidado que os caras tiveram pra prensar aquele compacto, pra fazer aquela capinha, que não chegava a ser um LP propriamente dito, porque a banda tacava-lhe pau, fazia duas músicas, e não tinha mais o que fazer. Era propriamente a expressão dela numa música, mas ela registrou aquela música há 40 anos atrás, e assim como eu achei o compacto, alguém lá na Holanda podia ter achado, nos Estados Unidos, e faz história para aquela banda (Danimod).

Por esse motivo, tocar nas festas utilizando vinis e compactos, ou seja, discotecar, tinha uma grande importância para alguns Mods, tanto que as festas Pow e Bang os djs discotecavam. André Mod por outro lado, prefere não expor seus discos, por valorizá-los e sentir insegurança em riscá-los ou causar algum dano aos mesmos:

Os primeiros DJs eram de rock, lá na época de 50, 60. Os DJs de rádio nos anos 50 tocavam música dos anos 50, *Rockabilly*... Aí, posteriormente, vieram os DJs de festa, que tocavam com um compacto. E, bem, eu não toco com compacto e nem com disco porque tenho medo... não saio de casa com meus “filhos”... Mas, os primeiros DJs, que tocavam em festas, tocavam com compacto e vinil e, na Inglaterra, isso existe, até hoje: lugares em que você só pode entrar se tocar ou compacto ou vinil. Senão, os caras nem deixam você tocar, trabalhar. É um lance assim, pra preservar essa época, essa cultura da época, e existe até hoje. Aqui no Brasil tem um pessoal que faz: o Gabba, o Lacuz, que toca no James também, só com compactos e discos. Na verdade, eu acabo comprando discos, escuto uma vez, guardo. E aí vou lá na internet, vejo os blogs especializados, os blogs de vários países. Eu vou lá, faço a pesquisa, daí quando eu acho, baixo, faço as coletâneas do que acho interessante e tem a ver com as festas, o que acho que o pessoal vai curtir, e faço uma seleção. É um *set*, é um *set list* e eu acabo montando um CD. É tipo matemática. Eu faço assim, no meu caso, faço matemática nos CDs. CDs especializados em anos 70, psicodelias, jovem guarda. Eu gosto muito de som brasileiro, som nacional, então eu faço um “cdzinho” Jovem Guarda, um “cdzinho” Tropicália (André Mod).

Design e decoração:

Para os Mods, também na decoração e design de ambientes existe uma influência retrô e vintage.

Foi aí que eu comecei a ver em livros e revistas a estética Mod também, a decoração, os lares que as pessoas viviam com o Mod dentro de casa

assim: móveis retrôs futuristas, móveis com cantos arredondados, coisas coloridas, muito círculo, muita listra. Gostei daquilo e comecei a me interessar mais. E comecei a tentar adquirir aquilo e a ter aquela referência na minha casa, no meu quarto [...] Então, quando eu vim morar em Curitiba, conheci a Juliana, a gente veio formar uma família. A gente não ia cair naquela de: “a gente é uma família, agora vamos ficar em casa”. A gente continuou no negócio, com a nossa estética meio que retrô futurista na nossa casa [...] E a estética é um negócio que foi feita pra ser simples e o pessoal não entende: muita coisa reta, muita coisa oval, formas geométricas simples assim, que o pessoal acha que é um negócio... “Ah, é bonito, mas porque que eu vou colocar uma luminária assim na minha sala, se a gente tá em 2007?” Interessante que se tu vai numa loja hoje, é grande o apelo para o retrô futurista. Tá caro pra caramba, acho que virou moda, 40 anos depois que surgiu isso. E tem esse apelo sim, referente ao Mod anos 60, e o pessoal não consegue explicar... Talvez o design de hoje tenha essa sugestão e tente esse resgate por um apelo comercial assim: vender porque fez sucesso há 40 anos atrás. Acho que hoje o pessoal não entende ainda (Danimod).

Conforme Daniel, os objetos de decoração que tem esse estilo retro são os que possuem formas simples: formas retas ou arredondadas, formas ovais e geométricas, listras e cores que acabaram se tornando tendência para o mercado comercial atualmente.



Foto 26 Ambientes retro: A decoração também foi incluída pelos Mods curitibanos nas afinidades do estilo proposto para a estética Mod. Para o grupo, objetos coloridos, com formas simples, arredondadas ou geométricas, que vemos na primeira imagem, refletiam a idéia do “Less is More”, ou seja, “O menos é mais”, entendendo a simplicidade como moderno, futurista. Na segunda imagem, vemos o ambiente do Bar Kitinete, um dos freqüentados hoje pelos jovens curitibanos, e também pelos Mods, que se apropria da estética retrô, como se pode perceber pelas luminárias coloridas, os pisca-piscas em torno da prateleira fixada na parede, em forma de grandes pimentas vermelhas, lembrando o estilo *kitsch*. Também podemos observar na imagem do Kitinete a presença de jovens usando roupas listradas, bôtons, casacos com golas que lembram ternos, que identificamos como vestes de estilo retrô, usadas pelos Mods.

Fonte: O Profeta, 2008.

Literatura e cinema:

Os participantes da pesquisa, ao se referirem ao Mod, defendem que não se trata apenas de um grupo que se veste com determinadas roupas, mas que também

se trata de uma cultura que se reflete em gostos literários e cinema. Sem muita ênfase, os participantes fizeram referência ao cinema *Nouvelle Vague*, que já foi comentado em relação aos Mods de 50/60. A literatura foi comentada por Danimod, que afirmou ser característica a leitura de livros beatniks.

Beatnik é o termo usado para se referir aos jovens boêmios de 1950 e 1960, que formavam a geração beat (beat generation) ou, geração perdida. A literatura beatnik tem como referências literárias Allen Ginsberg, William S. Burroughs e Jack Kerouac. As temáticas abusam do gosto pela loucura, das drogas e do sexo. Os textos ou poesias tentam se aproximar da fala com a utilização de gírias.

Música:

A música, como já explanado, é o fator que mais aproxima todos os participantes e simpatizantes da cena mod de Curitiba. Se podemos dizer que há algo comum entre os Mods, é o gosto pela música, com influências do jazz, soul, ska, R&B, e das bandas que se tornaram famosas na Inglaterra dos anos 60 e durante o Revival dos anos 70/80.

Além disso, há uma apropriação desses estilos pelas bandas locais, que criam suas músicas, tomando cada vez mais espaços nas casas noturnas de Curitiba. Algumas das bandas com essas tendências, que surgiram em Curitiba, acabaram migrando para São Paulo, onde são bastante valorizadas.

É importante dizer que, no cenário curitibano, as bandas locais são também valorizadas pelo público, que cria fã-clubes, frequenta os bares onde suas preferidas tocam, e cantam as músicas, prestigiando o que é de casa. Assim, ao mesmo tempo em que existe uma cultura de desterritorialização, que os remete ao passado e à Inglaterra, a vivência do presente estetizado e da apreciação das criações locais os traz novamente à Curitiba, reterritorializando-os. Diz Fabio Elias: “Quanto mais eu viajo a outros lugares, mais eu gosto de Curitiba.”.

Para Guattari (2008), os sujeitos atualmente passeiam entre o global e o local:

[...] Assim sendo, o espaço e o tempo nunca são receptáculos neutros: eles devem ser efetuados, engendrados por produções de subjetividade que envolvem cantos, danças, narrativas acerca dos ancestrais e dos deuses... Não existe aqui trabalho algum que incida sobre as formas materiais que não presentifique entidades imateriais. Inversamente, toda e qualquer pulsão dirigida a um infinito desterritorializado é acompanhada por um movimento de recuo em torno de limites territorializados, correlativo a um

gozo da passagem ao para-si coletivo e a seus mistérios iniciáticos (GUATTARI, 2008, p. 132).

Dentro desse contexto, os colaboradores expuseram as tendências musicais para eles, e para os Mods em geral.

Mas, a vida sempre foi atrás de música, atrás de informação de música. Não tinha internet. Pra tirar uma letra de uma música, você tinha que ficar levantando e abaixando a agulha do disco, assim. O vinil, o K7 é do tipo mais moderno. Quem tinha disco, o Long Play, era o cara da festa, o que mandava na *pickup*. Não tinha DJ riscando o disco ali. Não tinha. Tinha lá nos EUA, não no Brasil ainda. Enfim, a gente cresceu junto, ouvindo música. Minha infância foi legal. Mas, depois que montei a banda, foi mais legal porque eu vivi mais intensamente. Vivi o tempo inteiro em função da banda, da música. [...] E o Mod, no Brasil, é difícil porque é muito quente. É um país dominado pelo samba, pelo pagode, pela sertaneja. Então, o *rythim and blues*, a *soul music* e o *rock'n'roll* são os últimos da lista (Fabio Elias).

Daí, através do pessoal mais antigo da cidade - os Mods mais antigos, como o Glauco, o João - a gente começou a ter acesso a coisas que até então entendia que era som realmente ligado à cena Mod [...] O grande som Mod mesmo é o som americano, o *blues* e o *ska* jamaicano, né? A gente viu que a abrangência da cena era muito grande (André Mod).

As primeiras referências musicais para os participantes da pesquisa é a música negra, o soul e o R&B. Posteriormente, tem-se o ska, de influência jamaicana. Vale lembrar que, com o surgimento do Mod no fim da década de 50 e na década de 60, as músicas apreciadas pelos Mods daquela época eram justamente tais ritmos.

Embora esses estilos musicais tenham sido a trilha sonora dos primeiros Mods e também apreciadas hoje, muitos realmente conheceram o Mod por demonstrarem afinidades com bandas que surgem nos anos 60, influenciadas pelo R&B e soul.

Eu gostava muito de The Who. Sou da geração que aprendia sobre as bandas na internet... Depois, com o Orkut, a velocidade com que podemos seguir por assuntos relacionados... Para conhecer bandas parecidas, da mesma cena (Angela).

[...] músicas que remetem aos anos 60, alguma coisa dos anos 70 também, e gostamos muito da cena independente que aconteceu há 40 anos atrás. Depois daquele surto do Iggy Pop dos anos 60, o pessoal que andava meio na contramão eram essas bandinhas, Small Faces, The Who. As bandinhas que eram características da cena Mod britânica, e que o pessoal não dava muita bola porque não era o que aparecia no estúdio, o que aparecia nos programinhas britânicos, e... o pessoal Mod gostava disso, porque era meio que a cena independente da época (Danimod).

[...] tipo The Who, Small Faces, the Kinks (André Mod).

A gente se conheceu num fórum de internet falando sobre os Zombies, que é uma banda dos anos 60 que tem esse apelo Mod também (Danimod).

Podemos perceber então que grande parte dos Mods de Curitiba, e acreditamos que de outras cenas também, identificam-se com bandas como The Who, Small Faces, The Kinks, Zombies, The Jam (bandas que já comentamos). Ira! também foi grande influência para os Mods do Brasil.

Porém, o importante nos grupos interculturais da atualidade é justamente a capacidade de recriação, a “bricolagem” proposta por Canclini (2000). É por esse motivo que os Mods de hoje jamais repetirão as experiências dos Mods de contextos anteriores, embora exista uma identificação. A apropriação cultural e a recriação se dão principalmente no campo musical, em Curitiba, Paraná.

A minha grande idéia do Mod, até então, era Ira!, The Jam, Relespública... eram as coisas mais próximas e mais fáceis de você encontrar na cidade, assim (André Mod).

The Jam não existia mais, the Charts, Faces e Fases acabou, e só sobrou a gente (Relespública). E a gente falou... “Pô, né?? Será que nosso destino é esse também?” (Fabio Elias).

A primeira fase foram essas três bandas: Reles, Parkas Verdes e PX200. As três bandas que foram assim os embriões da cena que teve uma formação posterior.[...] Então, a primeira banda que eu conheci - fora a Reles, em Curitiba - era a banda chamada PX200. Era uma banda que durou um ano ou menos. Chegaram até a lançar um material, assim, em K7, mas não durou muito. A partir dessa banda, outras vieram: Tarja Preta, Criaturas e, pouco depois, Faichecleres, Dissonantes e Mordida. E, a partir dessas bandas, comecei a conhecer um pessoal que ia nas festas e comecei a andar com eles. E, a partir desse momento, eu comecei a pegar muita informação relacionada à cena (André Mod).

Sobre as bandas paulistanas The Charts e Faces e Fases, diz Lopes:

A paulistana The Charts (que não esqueceu as lições da Rickenbacker) foi fundada dos restos do Faces e Fases, que viveu de 85 a 89. O Charts teve diversas formações, mas sempre com os préstimos de Flávio Telles (guitar/vox) e Sandro Garcia (bass, na foto)). Lançaram o único álbum, chamado *Carbônicos*, um dos melhores discos mod brasileiros, com os clássicos "Vamos Dançar em Outro Lugar", "Pegue seu Parka" e "Carbônicos" - essa é o bicho solto! Lançado pelo extinto selo Suck My Discs, dos jornalistas Alex Antunes e Celso Pucci, juntamente com a banda, os Charts fizeram uma incrível releitura do gênero nesse primeiro trabalho (LOPES, 2006, p.1).

Embora muitas das bandas não se auto-rotulem como Mods, são reconhecidas pelos Mods como bandas da cena underground, independente e com

apelo retrô. São consideradas importantes pelos participantes da pesquisa, e observando-se a realidade, no cenário curitibano em geral, as seguintes bandas locais:

A banda PX-200 substituiu a banda Parkas Verdes, dando início à cena Mod curitibana. Os nomes das bandas lembram a estética Mod, já que os Mods vestiam-se com parcas militares e conduziam vespas da marca PX-200. Fez parte da banda Parkas Verdes o participante da pesquisa Fabio Elias, que posteriormente não fez parte da PX-200, já que constituiu a banda Relespública. A PX-200, de acordo com informações de André Mod, foi constituída por João Rosa, Guilherme da banda Tarja Preta e Glauco Caruso.

A Relespública foi a banda que se tornou referência na cena rock'n'roll curitibana e com a qual os Mods mais se identificaram no início da cena, fim dos anos 90. Investindo sempre em uma sonoridade própria, com influências marcadas pela trinca The Who, The Jam e Ira!, é formada pelos músicos Fabio Elias (guitarras e voz – participante de nossa pesquisa), Emanuel Moon (bateria) e Ricardo Bastos (baixo). Apesar de possuir tanto tempo de carreira, a banda apenas lançou seu primeiro cd em 1998, de forma independente intitulado “E o Rock'n'Roll Brasil !?”.

O Tarja Preta nasceu em Curitiba em meados de 2000. Rafa (guitarra e vocal), Ivan (bateria) e Gabriel (baixo) se reuniram para tocar rock'n'roll puro e básico. Como os integrantes indicam pela estética setentista, o trio apresenta um som simples, com influências de bandas como The Who, The Jam, Rolling Stones, The Small Faces, The Troggs, The Sonics, The Kinks e Ramones.

A banda é composta por Caetano Zagonel (baixo e voz), Bruno Zagonel (bateria), Xanda Lemos (guitarra e voz) e Rafael Rodrigues (guitarra e voz). Originalmente, o grupo – que era um quinteto – contava também com o guitarrista Tile Douglas e com a cantora e percussionista Tati Lemos. Em 2005, o Criaturas gravou seu primeiro EP – Lugares Comuns – com sete músicas.

Grupo de rock dançante que surgiu em Curitiba no ano de 2004. As músicas têm influência da jovem guarda, anos 60, psicodelia, punk rock e é formada por Paulo Nadal (microfones e guitarra), Ivan Rodrigues (bateria) e Álvaro Antonio (teclados).

A banda curitibana Faichecleres existe desde 1998. Era inicialmente formada por Tuba Caruso, Giovanni Caruso, Marcos Gonzatto & Charles Britto com Influências de rock'n'roll americano dos anos 50, rock'n'roll britânico dos anos 60

(principalmente Beatles) e 70, a jovem guarda brasileira e o rock'n'roll gaúcho dos anos 80. O segundo álbum, *Calçada da fama*, foi lançado em 2007, ano em que Giovanni Caruso deixou a banda e foi substituído por Emídio Jorge.

Banda curitibana, formada por Allan Roberto (Teclados/Vocal), Bruno Zotto (Bateria), Raphael Machado (Baixo/Vocal) e Thiago Rosiak (Guitarra/Vocal). Seu último cd lançado, "*Cassino*", contou com a co-produção de Emanuel Moon, baterista da Relespública, e participação do ex-Faichecler Giovanni Caruso. As influências da banda são rock sessentista, desde Beatles, Stones e Yardbirds.



Foto 27 PX 200 e Parkas Verdes
Fonte: Rosa, 1998.



Foto 28 Relespública
Fonte: Myspace, 2008.



Foto 29 Tarja Preta
Fonte: MTV, 2008



Foto 30 Criaturas
Fonte: Trama Virtual, 2008.



Foto 31 Mordida
Fonte: Trama Virtual, 2008.



Foto 32 Faichecleres
Fonte: Faichecleres, 2008.



Foto 33 Os Dissonantes
Fonte: Trama Virtual, 2008.

Imagens das bandas curitubanas que estavam presentes nas falas dos participantes da pesquisa, como bandas que eram apreciadas e consumidas pelos Mods curitubanos. Suas atuações nos palcos de bares e casas noturnas fortaleceram a cena presencial que, atualmente, encontra-se enfraquecida. Muitas dessas bandas viajam pelo Brasil, apresentando-se e divulgando seu trabalho para públicos diversos, e não apenas para o grupo Mod. Todavia, os Mods brasileiros se apropriam das práticas culturais dessas bandas, por suas influências musicais e pela produção de um rock'n'roll dançante, como bandas que fortalecem a identidade Mod. Em todas as imagens das bandas podemos perceber estilos marcados pela estética retrô tanto nos cabelos, costeletas, acessórios e vestes. E ainda, pela forma de apresentação da imagem, com influências da pop art, utilização de lugares antigos, com pinturas artísticas ou em cenários ou com pouca iluminação que lembram os ambientes dos porões londrinos em que as festas alternativas aconteciam.

Em relação à música, os participantes apresentam também algumas divergências. Muitos citam Beatles como uma banda dos anos 60 que os fez ter interesse pela cultura inglesa, entre outras bandas como o The Who principalmente, que os incentivou a buscar informações através das quais ficaram conhecendo a cultura Mod. Porém, de acordo com eles, o grande fenômeno “Beatles” não era uma banda Mod. De acordo com André: “E o povo acha que Beatles é mod. E Beatles não tem nada a ver, era anos 60, mas não tem nada a ver com a cena”.

Para Fabio e André, como profissionais, o gosto musical acaba influenciando suas criações e sets, porém, decidem tentar proporcionar ao público algo que não seja apenas Mod. Podemos retomar nesse caso a idéia de Bauman, em relação à fluidez.

Para Bauman (2001), quanto mais rígido o grupo ou uma concepção, se torna mais fácil para os indivíduos ficarem distantes, porque a rigidez é contrária à lógica da Modernidade Líquida, ou, simplesmente, pós-modernidade. Eles dizem:

[...] o DJ, na verdade, não precisa ir pra esse lance. Mesmo ele sendo Mod, não tem que ir pra uma ideologia tão direcionada. Cada um faz o que quiser. Eu gosto de tocar Bossa Nova, Tropicália... gosto de tocar, às vezes, até Milton Nascimento. Eu acho interessante. Daí, é uma coisa minha... eu acabo fugindo um pouco desse lance Mod, assim... gosta quem quiser... Daí, toco lá um *punk rock*, *ska* [...] é o que eu gosto de fazer... O Gabba, ele já é mais assim, bem direcionado pra esse lance dos anos 60. Então, ele só toca coisas dos anos 60 ou *ska* jamaicano da primeira onda, só. Daí esse Lacuz, que é o DJ do James, ele toca o *soul* americano ou o *ska* da primeira onda. Até alguma coisa dos anos 70 ele toca, tipo *funkadelic*, *punk*, James Brown, essas coisas. E cada DJ tem sua musicalidade, essa idéia musical pra tocar (André Mod).

Nem dá pra levar tão à risca, porque a gente vai acabar passando por louco. A gente fica falando: “a gente tá no Brasil, se liga...” É legal, a gente curte pra caramba. Não vai deixar de curtir o Mod, o movimento, mas não é uma coisa que vá ter uma relevância tão grande assim hoje em dia. Principalmente, hoje em dia. A gente não é mais aquele moleque de 16, 17 anos. A gente cresceu como músico, como pessoa e, a cada dia, tá curtindo bastante esse amadurecimento. [...]

O pessoal que canta - especialmente, a gente que é artista, sobe num palco - tem essa necessidade de estar tocando. Final de semana que não toco, eu fico louco. É como se estivesse numa jaula. E esse lance do modernismo (Mod) pegou a gente legal por causa disso. Porque é uma coisa que daqui há anos a gente vai continuar modernizando. A gente via que a nossa música, nosso trabalho, era uma evolução. Eu adoro. Não era Ramones, que é a mesma coisa do começo ao fim... ACDC, eu gosto, assim, é legal, mas era a mesma coisa... a mesma música, uma colada na outra, igual. A gente já gosta de fazer uma balada, um *blues*, um *punk rock*. Fazer uma canção, fazer um *rock’n roll*, fazer uma música mais dançante, uma música mais calma. Eu te mostraria: saiu do estúdio hoje seis músicas novas, que a gente tá gravando ainda. A gente tá sempre produzindo, tá sempre criando, inventando (Fabio Elias).

A música então, pode ser considerada o mais forte elemento de cooptação do grupo, de coesão. Todavia, percebemos ao mesmo tempo que muitas bandas, embora toquem com referências Mod, também tocam sons da Jovem Guarda, sons próprios, entre outros, entrando na lógica pós-moderna de valorização da diversidade. Podemos citar como exemplo disso todas as bandas que apresentamos acima, citadas pelos participantes da pesquisa, que mesclam com a música Mod diversos estilos, além de recriarem sua própria música partindo da idéia da mescla. Ainda, podemos citar a noite de quarta-feira no Empório São Francisco, popular por ter em seu palco a banda Relespública, sendo que Fabio Elias, vocalista, afirmou mesclar estilos musicais. Após a apresentação da Relespública, sobe ao palco a banda chamada Anacrônica, que como o próprio nome indica, toca várias músicas de várias épocas, ecleticamente selecionadas, trazendo ao público sons desde Beatles até Michael Jackson.

A rigidez de identidades que impõem limites a seus participantes acaba por enfraquecê-las. Percebemos dessa forma que, enquanto os Mods definem as características que neste capítulo apresentamos como elementos que imprimem o reconhecimento dos sujeitos como participantes do grupo, na prática entram em contradição, precisando respeitar, aceitar e até mesmo gozar da diversidade como elemento que propicia a coexistência de diferenciados grupos num mesmo espaço de socialização.

Relembramos aqui também, que o DJ André Mod, mesmo garantindo sua identidade Mod, ao definir seu set musical para as noites dançantes em Curitiba, defende não ser possível apenas tocar músicas mods, mas também explora a jovem guarda e também alguns nomes da música popular brasileira. Fabio Elias, como músico, também inclina-se com a práticas de sua banda para a diversidade, confirmando a fragilidade e plasticidade dos laços identitários.

[...] Podem falar “ah, o cara ficou velho”. Não fiquei velho. O que envelhece é a mente da gente. Se a gente usar ela de uma maneira legal, não vai envelhecer, vai rejuvenescer. Porque não dá pra ter o mesmo discurso da adolescência quando se tem 32 anos. Claro que tem coisas que ainda dá pra falar. Eu gosto da juventude, gosto de ser jovem. Se com 60 anos eu estiver vivo, ainda vou estar jovem. Vou querer fazer as coisas que eu sempre fiz. Mas, isso aí, a gente vai pegando a manha, né? Então ser Mod com 32 anos é ter a manha (Fabio Elias).

Embora exista ainda uma cena presencial, muitas festas acabaram e muitos bares acabaram cedendo ao ecletismo, para sobreviverem à lógica da diversidade. Assim, reconhecemos a existência de novas formas de socialização e de encontro, que prolongam a cena Mod do presencial para o virtual, através da interação do grupo no ciberespaço.

6 DISCONEXÕES ENTRE O ESPAÇO E O TEMPO: OS MODS DE CURITIBA NA CIBERCULTURA

6.1 MUDANDO A CENA: A FLUIDEZ DA EXPRESSÃO CURITIBANA PRESENCIAL DOS MODS

A pesquisa sobre os Mods foi iniciada em 2006, quando era visível em Curitiba a existência do grupo cultural dos Mods de maneira organizada, através de suas festas, principalmente. Todavia, hoje, em 2008, essa presença já não tem a mesma força.

Muitos bares fecharam ou cederam à diversidade. Os participantes já não são mais os mesmos. A festa POW já não existe mais. A realidade se modifica profundamente de 2006 a 2008, ilustrando as idéias de fluidez da dinâmica dos grupos e dos espaços de diversão.

Porém, ainda existem os espaços freqüentados pelos Mods, não tão fortes, mas existem:

Agora, tem uma festa em Curitiba que é “O Evangelho segundo Tony Day”, que acontece no James, todas as quintas-feiras e a temática é voltada para a cena Mod, com som setentista, *soul*, *ska*, psicodelia, Jovem Guarda, que tem a ver com os anos 60... sempre tem uma banda convidada... é a festa que tem mais a ver com a cena agora. Apesar que a cena tá bem fraca. Mas é até melhor que continue assim. Pelo menos não vira uma moda, que nem tava um tempo atrás e agora até melhorou um pouco. Não sei se é bem um lugar, mas nas quintas-feiras no James, que é o único dia mais direcionado pra gente. Que sabe que pode ir e realmente pode curtir um som que a gente gosta e encontrar o pessoal que tem a ver com a gente. E é até um dia que tá dando certo porque tá enchendo, o pessoal tá acreditando, tá indo, e o Gabba que teve a idéia. Tanto que agora ele não tá em Curitiba, ele viajou de novo, mas a festa continua, não parou. Já tem um mês que ele viajou e a festa não parou. O DJ residente que toca lá é o Lacuz, tava revezando com o Giovanne Caruso, que era baixista da Banda Faichecleres, o vocalista, e agora vai entrar também o Walter Chinasky, que é ex-vocalista da banda Laboratório São Paulo, uma banda mod de São Paulo, que agora não tá mais tocando. Ele veio pra Curitiba, tá trabalhando, namorando com uma menina daqui, e agora começa a tocar nessa festa. É, a festa aqui em Curitiba que tinha realmente a ver com a gente era a POW. Mas, daí fechou a casa. O Gabba acabou viajando e acabou.... (André Mod).

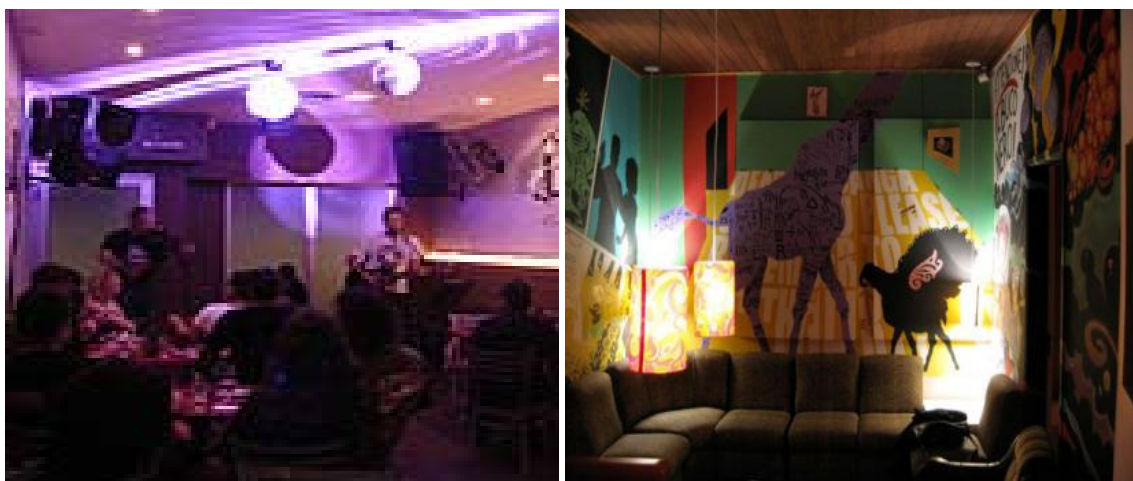


Foto 34 Bar James e Kitinete Bar, 2008: Na imagem, vemos o Bar James e o Kitinete Bar, sucessores dos espaços antes freqüentados pelos Mods e que acabaram sendo fechados, como o Motorrad. Na primeira imagem, vemos o ambiente interno do James, com luzes de globos que tornam o local pouco iluminado em tonalidades de lilás. Atualmente, no James realiza-se a festa “O Evangelho segundo Tony Day”, idealizada por Gabba, na qual os DJs discotecam com seus vinis sons de referência Mod. Segundo o grupo, Tony Day foi um DJ inglês de destaque na cena Mod londrina dos anos de 1970. Na segunda imagem, vemos o espaço interno do Kitinete Bar, com seus sofás, luminárias decoradas penduradas, tornando o ambiente pouco iluminado bastante aconchegante. As paredes foram estetizadas com pinturas que são modificadas de tempos em tempos por diferentes artistas, como se fosse uma exposição temporária. Além disso, o bar conta com uma decoração retrô-kitsch e com uma galeria no porão para expor trabalhos artísticos de diversas linhas e estilos, preocupando-se em trazer à juventude a cultura das artes que se mistura ao ambiente de socialização.

Fonte: Bar James, 2008; Overmundo, 2008.

[...] eu continuo escutando as mesmas coisas que escutei a vida inteira. Claro que, volta e meia, eu acho alguma coisa nova, interessante... E, agora, a gente sai menos, mas também se saísse com a mesma freqüência com que saía há dois anos atrás, eu me pergunto: pra onde? Assim.... pra essa festa do Gabba? Eu não sei.

A gente descobriu um lugar ótimo agora, que é o Kitinete aqui, ele é bem novo assim... Ele tinha uma loja chamada BlueMini, que era bem legal. Vendia bóton, roupa, e essa loja fechou. E aí a BlueMini deu lugar a um sobradinho, o Kitinete, que é esse lugar, que deve ter o que... dois, três meses, ele é bem recente. E aí a gente foi nesse Kitinete. Ele é de graça, não é uma boate. É como se fosse uma casinha... ele tem sofazinhos, a música é bem legal assim. E, quando a gente foi, pelo menos era bem sixties, né? Só que é pra você ficar conversando, sentado, tomando um negócio, ouvindo... Não é como era a Pow que era uma festa pra surtar, né? Então, sei lá. Não sei se também eu tô ficando velha, mas gostei de sentar, ouvir música e conversar assim... pra mim, é o que eu tô escolhendo agora. E a gente foi no James, engraçado, no dia do aniversário dele (Daniel). Era uma festa Rock. Nem era essa do Gabba, mas era uma festa que era legal assim. Só que a gente se sentiu muito tio e tia da festa assim (Juliana).

Daniel Lopes acredita que a cena se modificou principalmente porque muitos jovens começaram a sentir-se pertencentes ao grupo e participar das festas sem obter informações sobre a história e o sentido do mesmo, reflexo da plasticidade do

grupo, que dá importância à forma e conteúdo, expondo a fragilidade deste no contexto contemporâneo. Isso, somado à fragmentação das identidades, faz com que os indivíduos deixem o grupo quando sua subjetividade passa a apontar para algo que lhe dê mais prazer de forma mais rápida e fácil:

Então, segunda-feira ia todo mundo trabalhar e sabia que tinha outra festa um mês depois. Meio que virou isso, um movimento só de fazer uma festa por mês e fora isso o pessoal não tinha muita referência assim, a não ser nos arquivos de computadores. [...] O que acontecia era que o pessoal achava legal, e teve uma hora que não achou mais... e eu não sei até o porquê. Deve ser porque isso nunca tocou na MTV, nunca tocou no rádio, e o pessoal resolveu partir pra outra. Eu acredito muito nisso, que o pessoal que ia naquelas festas se encheu de ver dois caras tocando com compacto, sendo que ele poderia ter a discografia toda daquela festa com um clique na internet. Então, o pessoal baixava tudo aquilo e enfiava no iPod e andava com aquilo o dia inteiro e nunca usava um terninho, vestidinho numa festa à noite, até porque nunca vai usar um terno (Danimod).

Outro ponto apontado pelos participantes da pesquisa foi o espaço de coexistência do diverso, estratégia dos sujeitos pós-modernos e dos bares e casas noturnas para sobreviverem à realidade fluida e acelerada do mundo contemporâneo:

O problema não é se alguém tem interesse. O interesse existe, as pessoas querem. O problema é você achar um lugar que disponibilize um espaço pra você montar esse tipo de festa. Até então, eu fazia isso com mais um amigo meu, o Elvis, num bar que era aqui no centro, o Retro. Só que daí o bar fechou e a gente não teve mais como fazer as festas.

A gente fazia umas festas temáticas. Tinha uma festa que a gente fazia que era a Invasão Britânica, que rolava uma vez por mês. E fazia outras festas, cada uma tinha um tema. A gente fazia umas festas temáticas, né? Tinha a “Blank Generation”, que era uma festa só punk 77. Tinha “Back to the USA”, que era de rock dos anos 50; a “Invasão Britânica”, que era anos 60. E aí tinha uma que era uma brincadeira com festa de arromba, que era “Arrombando a Festa”, só a Jovem Guarda, que vingou mais, que deu muita, muita gente. A gente fez umas três edições e deu muita gente.

Daí, eu fiz uma festa, só uma edição, que era a “Unith Fest”, que era mais voltada pra tentar unir as duas cenas, que era a cena Mod e a cena Skin, de Curitiba. A gente fez uma edição só, mas foi a festa que mais deu gente. Só que só deu Skin. O pessoal que se diz Mod, na verdade, não sabe a ligação. Na verdade, ligação não, mas essa continuidade do final da cena Mod com o nascimento do Hard Mod e posteriormente *skins*.

Então, o pessoal não acreditou muito e ficou meio com medo, né? Pensou naquele lance da mídia de enfeiar e falar que *skin* é nazi. O pessoal ficou com medo e não foi. O pessoal mais velho, o Mod mais velho, acabou aparecendo, mas o grande público foi de *skinheads*, e a gente colocou uma banda Mod bem recente, uma banda nova, Eder e seus Problemas. E eles fazem um som mais voltado pra R&B, *blues*, garagem, até um pouco de punk 77. A gente colocou eles tocando e a banda de Curitiba, chamada Mão de Ferro, que é uma banda bem legal, uma banda também bem nova, que tem um ano, mais ou menos... Assim, a festa foi bem boa, bem legal, não teve briga, apesar de umas piadinhas. O pessoal *skin* acabou fazendo umas

piadas: “ah, chegou a naftalina, esses Mods...” Mas, o pessoal acabou entendendo, bebendo cerveja... É interessante até essa questão *skin* de estilo. Tem um bar aqui em Curitiba, que o pessoal *skin* frequenta, que é o Sillon, e até um pessoal Mod vai lá também, um pessoal mais velho vai lá. E até o som vai mais pra esse lado, tocando alguma coisa desse lado, o *ska* da primeira onda, o *ska* da segunda onda (André Mod).

Além de todas as situações de espaço de coexistência e mudança do público frequentador dos bares e casas noturnas, também existe um fator importante, que é a própria subjetividade dos sujeitos que faziam ou fazem parte da cena Mod curitibana, que acabam assumindo diversas posturas identitárias, devido à fragmentação, e que, em determinados momentos, a identidade Mod já não é a mais importante, passam a existir outras identidades mais importantes, seja a profissional, ou a paterna e materna, entre outras.

Eu acredito que a cena aqui em Curitiba esteja enfraquecendo um pouco sim, por conta desses novos rumos. Assim como a gente tem uma vida, o pessoal também tem trabalho, tá construindo família. E, se tem algo que a gente nunca vai conseguir segurar, é o tempo. A gente está ficando velho, está tendo outras prioridades, e esse negócio de manter uma tendência juvenil, uma tendência adolescente juvenil, vai enfraquecer uma hora. Tem esse negócio que o pessoal não vai conseguir vencer que é o tempo passando. Então, eu não sei se o pessoal que tem 15 anos hoje, que tem 10 ou 19 anos hoje vai seguir esse negócio que a gente há dez anos atrás tentou seguir, [...]

Pode ser que sim, até porque tu vê hoje comunidades na internet, grupos que crescem todo dia. Tu não consegue responder se aquilo é virtual ou não. Então, tu vê uma comunidade com 800 quase 900 integrantes, chama Mods Brasil. Se tu fizer um evento Mod hoje, tu não sabe se 10% daquele pessoal vai comparecer. Então, eu não tenho essa resposta, até onde é virtual e até onde eles realmente seguem a filosofia Mod.

Eu acho que é um negócio bem bacana, que abre a visão pra um monte de coisas bem bacanas dos anos 60, cinema, literatura, música, comportamento, design, moda, que é um negócio que vai te preencher por toda vida. E não sei se daqui há 15 anos a minha filha vai ver um filme com uma referência 60 e vai associar isso com alguma coisa que aconteceu nos anos 60, alguma coisa que foi referência pros Mods, pra todo esse tipo de cultura... Tomara que isso aconteça, mas... só o tempo vai poder responder. [...] O pessoal que sempre saía junto tem outras prioridades. O Motorrad fechou, o São Francisco, que era o berço do pessoal, tá meio às moscas. Curitiba também virou uma comunidade no Orkut assim. É uma pena, mas tem um pessoal que ainda usa os bótoms, usa os terninhos que customizaram, da época e tal, ainda tem Relespública tocando, tem Faichecleres tocando. Mas, a cena Mod firme aqui virou virtual assim, como eu acho que tá virando em todo lugar. [...]

O que acontece é que tu fez festa durante um período de tempo, conhece um monte de coisas novas, continua procurando. Daí, tu não tem 30, mas não tem mais 20 também. Então, tu sai com vontade, tem uma outra geração e fica deslocado [...] a gente teve a Julia e teve outras prioridades e, nesse meio tempo, o pessoal também teve outras prioridades... o Gabba tava se dedicando pra esse concurso, pra ser diplomata e tal, e a gente meio que perdeu esse contato [...] (Danimod).

[...] nesse período da minha gravidez, do nascimento da Julia, eu acho que entrou uma nova geração do Rock em Curitiba e a gente foi na festa e era um pessoal bem novinho, e sei lá, não tinha nada a ver (Juliana).

A mesma noção de subjetividade pode ser retomada quando os participantes do grupo explicam algumas das diferenças das cenas Mods em outros locais, somando-se a ela a noção de interculturalidade, afinal, a identificação e a expressão do grupo acontecerá através da adição da bricolagem do Mod com as culturas locais, e com as subjetividades dos que escolhem participar do grupo, exercendo determinadas práticas e questionando outras.

Para Angela, em Pato Branco, interior do Paraná, onde mora, alguns jovens se identificam com os Mods, porém, essa identificação não busca formar uma cena na cidade de Pato Branco, mas sim reflete o desejo dos mesmos de deixar o interior, e participar dessa realidade Mod metropolitana:

O pessoal daqui fala “nossa! as festas de Curitiba!”, então é como se fosse voltado para lá. Até tem um pessoal aqui que gosta das bandinhas, mas primeiro gostam das bandinhas pra depois conhecer as influências. Quem sabe alguma coisa acontecesse, mas eu acho que não dá muito certo (Angela).

A visão do grupo sobre os Mods de São Paulo é relacionada à violência:

Tem muito mais Mod em São Paulo, um pouco mais radicais, que gostam de briga. E não é tanto pela música Mod, mas também... Já a gente, se uniu aos Mods pela música, comportamento. A gente nunca foi de briga, confusão. Essas coisas, eu nunca tive. Sempre em paz. Eu acho que curtir uma música é isso. Lógico que uma hora dá uma vontade de dar umas porradas em um e outros que grudam no caminho, mas só fica na vontade. A gente é da paz mesmo. (Fabio Elias).

O pessoal paulista é bem *hard mod*. É aquele pessoal bem rueiro, que gosta de sair pra tomar cerveja mesmo. O pessoal de Curitiba é mais tradicionalista. É aquele pessoal bem convencional: que usa terno, sapato, de ficar no balcão tomando cerveja. O pessoal paulista gostava de beber mesmo e cair pelos cantos e brigar, né? (Danimod).

Tem também um pessoal de São Paulo que sempre foi diferente assim, que acreditava que o pessoal Mod tem que brigar, que é uma coisa que eu nunca vi em Curitiba. Mas, que realmente é uma característica de uma vertente, e eles levavam isso ao pé da letra, né? Gostavam de ser encrenqueiros assim. Só que não sei se hoje o pessoal ainda tá com ânimo de ficar brigando, mas eu lembro que tinha isso... E cada um interpreta da maneira que acha mais legal, né? (Juliana).

Para Juliana, que é do Rio de Janeiro:

[...] cada lugar é diferente, né? Eu sei porque sou do Rio e é engraçado, porque tem um pessoal Mod de lá que surgiu depois de Curitiba, mas é completamente fora de contexto assim... Porque o Rio é quente à beça pra começar, então, sinteticamente falando, os Mods morrem de calor e, na verdade, o que aconteceu foi que só em 2003/2004 o pessoal começou a ver que esse negócio retrô é muito interessante...

E aí, no Rio, abriu um lugar chamado Baratos da Ribeiro. Na verdade, Barata Ribeiro é uma rua de Copacabana e Baratos da Ribeiro é num sebo. Começou sendo um Sebo que acabou virando uma loja de discos também, de compactos, de vinil. Isso não existia assim no Rio antes, sabe? E Copacabana reúne gente de tudo quanto é tipo. As pessoas paravam ali e aí abriram um espaço pra shows dentro do Sebo. No meio das estantes de livros, dava pra montar uma bateria assim. E aí foi Astronauta Pingüim, Cachorro Grande, já há um tempo atrás, antes desse estouro da MTV. Esse local era muito legal, e ainda é assim, essa iniciativa de promover show, coisa que no Rio não acontece, que não tem. Só que aí vem os Mods cariocas, muito preocupados com a estética, né, e muito agasalhados, londrinos, suando, derretendo... Tinha um pessoal bem novinho, bem estranho assim. Tudo pela pose. E aí agora também sumiram, né? Você vê, foi só a moda realmente perder a força assim que o pessoal não existe mais. Mas, esse lugar ainda existe e ainda é legal assim (Juliana).

Daniel e Juliana ainda comentaram a tentativa da criação de uma cena mod em Joinville, com o apoio de amigos que tocam na banda Reino Fungi. Porém, embora algumas festas tenham sido realizadas, como o Chá Dançante, o público não compartilhou das idéias. Para Daniel, isso acontece porque realmente a cena mod se desenvolve melhor nas grandes metrópoles:

[...] o que aconteceu também, quando o Orkut virou febre, é que o pessoal via uma comunidade no Orkut e criava Mods Tocantins, Mods Roraima, Acre. E começou a surgir um milhão de pessoal Mod, sendo que isso nunca vai acontecer. Não é nem questão de preconceito, mas a cultura Mod é um negócio metropolitano, nunca vai ser diferente. Daqui tu vê pessoas de longe dizendo que são Mods, mas não tem nada na cidade, no estado deles. Não é nem preconceito, até porque sou de uma cidade pequena, só que pra eu conseguir botar pra fora toda essa insatisfação, tive que ir pra outro lugar. Assim, comecei em Porto Alegre e Curitiba (Danimod).

Mas afinal, o que é orkut, e em que isso se aproxima dos Mods?

6.2 INFORMAÇÃO E INTERAÇÃO: CIBERMODS DESTERRITORIALIZADOS

Retomando algumas noções já discutidas, o grupo dos Mods em Curitiba, apropriando-se das culturas Mods de outros contextos e mesclando suas próprias culturas e experiências, recriam cenas que nos remetem ao passado, de forma intercultural, mixada, com elementos do regional e da Inglaterra, do presente paranaense curitibano e do passado inglês, da música negra, mod e brasileira.

A interculturalidade foi intensificada desde o século XX, com as trocas culturais geradas pelas imigrações, pelo desenvolvimento dos meios de transporte que facilitavam o trânsito entre os países e as trocas culturais, e porque as mídias passam a se desenvolver.

Santaella (2004) explica o século XX como o século de desenvolvimento das culturas das mídias. Para a autora, é esse desenvolvimento que aumenta a dificuldade em diferenciar o erudito do popular, acabando com a hierarquização das culturas. Essa mistura entre popular, erudito e massivo, segundo Santaella, atingiram seu clímax com o surgimento de novas formas de consumo cultural, disponíveis e descartáveis, nos anos 80, como copiadoras, videocassetes, vídeos, videoclipes, videogames e controle remoto, seguidos posteriormente pelos cds e televisão a cabo.

Para a autora, a cultura das mídias possibilitava aos sujeitos a escolha entre produtos simbólicos alternativos, propiciado pela interação entre as diversas mídias a sua disposição através da mediação eletrônica. Dentro desse contexto, a produção das culturas midiáticas perpassa por níveis como o de conservação, o da circulação e difusão e o da recepção ou consumo de seus produtos pelos sujeitos.

Porém, as formas de difusão e recepção das informações e produtos culturais estão desde seu surgimento em processos de evolução. Desde os anos 90 a revolução digital passou a fazer parte desse cenário. O computador possibilita a conversão de todo tipo de informação em uma linguagem universal, afirma Santaella (2004). A autora ainda acrescenta que a tradução, manipulação, armazenamento, reprodução e distribuição das mídias produzem um fenômeno de convergência das mídias, e que fenômeno ainda mais contemporâneo é a difusão da informação em linguagem universal, através da ligação entre a informática e as telecomunicações:

[...] Fenômeno ainda mais impressionante surge da explosão no processo de distribuição e difusão da informática impulsionada pela ligação da informática com as telecomunicações que redundou nas redes de transmissão, acesso e troca de informações que hoje conectam todo o globo na constituição de novas formas de socialização e de cultura que vem sendo chamada de cultura digital ou cibercultura (SANTAELLA, 2004. p. 60).

Neste sentido, Santaella (2004) afirma que a emergência da cultura digital, ou ciberespaço, mediados pela rede global de informações: a internet, criando um novo

espaço de interação que liga as fontes de informações assim como os sujeitos mundo todo no ciberespaço.

Ao viajar pela rede em busca de assuntos de seu interesse, as pessoas acabam por encontrar outros indivíduos que compartilham dos mesmos gostos, formando assim grupos de interação, que poderiam ser chamados de comunidades. Verificamos durante o estudo, que o grupo dos Mods, presencial em Curitiba, Paraná, embora na prática tenha continuado a existir de forma menos visível, por precisar ceder à diversidade, tornava-se mais forte e participativo no ambiente virtual.

Grupos de discussão, como o Yahoo Grupos Rádio Luxemburgo⁴² (criado por Gabba), a Comunidade Curitiba Mods no website de relacionamentos Orkut⁴³ (atualmente mediado por Fabio Elias) e Mods Brasil entre outros websites⁴⁴ e blogs⁴⁵ fazem parte dos locais de discussão sobre os temas atinentes aos Mods, trocas de músicas e discografias da época, e propagandas de festas e brechós.

Podemos perceber assim, que os indivíduos já não se encontram localizados fixamente, as noções de espaço e tempo se perdem com a realidade virtual que se apresenta, corroborando com o que diz Santaella (2008), o que o ciberespaço e a cultura geram não se limitam ao desktop⁴⁶, mas influenciam a sociedade, fazendo inclusive uma mediação de nossas relações sociais, de nossa auto-identidade e de nosso sentido de vida social.

Muitos dos sujeitos do grupo dos Mods de Curitiba acabaram conhecendo o Mod pela interação na internet, ou mesmo após conhecer, aperfeiçoaram suas noções sobre o grupo através dela.

⁴² O Yahoo é um website informativo e interativo, no qual as pessoas podem ler notícias, entrar em bate-papos, criar endereços digitais (e-mails) ou grupos de interação. Os grupos funcionam como uma forma de reunir pessoas interessadas nas mesmas informações, os componentes do grupo podem postá-las ou buscá-las ao entrarem no grupo. As informações ficam disponíveis através de um link (signo na tela que leva o indivíduo a outra interface de informações) de anos e dias. No grupo criado por Gabba, chamado Rádio Luxemburgo, muitas informações sobre as festas e eventos Mods de Curitiba eram divulgados, e muitos temas discutidos.

⁴³ O Orkut é um website de relacionamentos. Os indivíduos que fazem parte do orkut criam seus perfis, convidam amigos para participar, deixam e recebem recados, e participam de comunidades. Existem várias comunidades Mods no Orkut, entre elas Mods Brasil e Curitiba Mods.

⁴⁴ Websites são interfaces (páginas na internet com ferramentas e links para uso e movimentação de sistemas de informação ou interação) dedicadas a determinadas temáticas.

⁴⁵ Blog é a abreviação de weblog, qualquer registro freqüente de informações pode ser considerado um blog, muitos blogs são utilizados como diários pessoais, nos quais os freqüentadores deixam comentários.

⁴⁶ Desktop significa parte de cima da mesa, e é o termo utilizado para fazer referência a primeira página que se abre nos computadores, onde ficam dispostas os ícones de programas ou pastas de documentos que podem ser movidos e organizados de acordo com a vontade.

Eu gostava muito de The Who, sou da geração que aprendia sobre as bandas na internet... Depois, com o Orkut, a velocidade com que podemos seguir por assuntos relacionados... Para conhecer bandas parecidas, da mesma cena. Assim acabei vendo as pessoas falando sobre “Mod”. Até que, um dia, vi um cartaz de uma festa, a “Pow!”, e, como seria meu aniversário, convenci minhas amigas a irem comigo. Fomos na festa e eu achei o máximo (Ângela).

Como a internet tava evoluindo ainda, né, nessa época, no Brasil, muitos sites começaram a sair, nascer e aí a informação começou a chegar realmente pra gente (André Mod).

O surgimento da internet foi o grande marco da difusão Mod, no final dos anos 90, nos anos 2000, e até hoje. Foi um novo boom assim, que o Mod surgiu, na verdade, na minha visão, quase que como movimento virtual. Se eu sair hoje de madrugada, não vejo ninguém reunido em grupo conversando sobre coisas que os Mods conversavam 20 anos atrás, não existe mais. Mas, se eu chegar em casa à noite, conectar o MSN ou ver no Orkut, tem um monte de gente falando sobre o que os pais deles nunca ouviram, os amigos muito menos. Eu tenho essa visão meio que virtual do mod assim... (Danimod).

Hoje em dia, se você vê uma molecadinha que ouve The Who, cabelinho tigelinha, gravatinha, e tal, a gente fala: “olha, o filho da Reles aí...” Mas, hoje em dia, tem mais comunidades no Orkut: Mods Brasil, Mods Paraná, Mods Rio de Janeiro, Mod não sei da onde... tem comunidade do Mod no Brasil inteiro. Naquela época, não tinha. Era o Ira! e a Reles. E o The Charts, Faces e Fases. Era bem doido, eram três bandas que levantavam a bandeira, se comportavam como Mod e tinha uma música, uma letra, que ia um pouco além da realidade.... A gente tinha uma coisa mais moderna, um cuidado maior com os arranjos (Fabio Elias).

Ainda, dentro dos grupos ou comunidades virtuais, alguns indivíduos acabam se conhecendo e até mesmo estabelecendo relações que saem do virtual para o presencial, tão forte é o processo de identificação que acontece na rede. Inclusive, na dissertação de Mestrado, temos como colaboradores de pesquisa um casal que se conheceu justamente devido à participação em Fórum de discussão sobre bandas, com influências Mods.

A Juliana é carioca. A gente se conheceu num fórum de internet falando sobre os Zombies, que é uma banda dos anos 60 que tem esse apelo Mod também. E... foi justamente por isso. Nunca ia passar pela minha cabeça que alguém no Rio de Janeiro, no começo dos anos 2000 gostasse de algo de 40 anos atrás, sendo que o Rio de Janeiro é o berço do samba, e do funk carioca, enfim. E virou meio que uma brincadeira que eu fazia com ela na internet: “É mentira, tu gosta é de cidade negra...” E a gente começou a conversar e viu que tinha muitas coisas em comum, e.... ela me contando que ela viajou pra Europa já, e conheceu muita coisa lá que eu queria ter conhecido e não tive oportunidade. E, desses nossos papos, a gente resolveu se encontrar e viu que tinha muito mais em comum do que simplesmente uma banda que a gente gostava. E resultou que a gente tem uma filha de um ano e pouco e outra de quatro anos (Danimod).

Daí, então, eu conheci muita coisa realmente sobre o Mod na internet. Conheci esse fórum do Gabba, me associei e começava a conversar com muita gente de várias partes do país nesse fórum, que se chama Rádio Luxemburgo, que é do Yahoo. E, dentro do Yahoo, tem um monte de fóruns assim de música negra, sobre comportamento e sobre um monte de coisa que tem uma referência Mod e não é do Orkut. Então, se não é do Orkut, tem um mínimo de brasileiros, porque o Orkut é dominado só por brasileiros (Danimod).

Concordamos desta forma com Fontanella & Prysthon (2004), quando dizem que a proliferação de comunidades virtuais, revistas de cultura digitais e blogs exercem papéis importantes de renovadores de estilos e tendências, de autoconsciência enquanto moda, e de reveladores de processos que regem a produção e o consumo de objetos culturais. Este último ponto, mais característico dos Mods, por preocuparem-se, segundo o próprio grupo, com o consumo de produtos culturais específicos, como roupas, música, cinema e design retrô.

Embora muitos indivíduos permaneçam no ambiente virtual, percebemos que os elementos de coesão do grupo são mais frágeis nele. Não há como apontar elementos significativos para reconhecimento de indivíduos que participam das comunidades virtuais, ou, critérios que possam excluir determinados indivíduos das referidas comunidades.

Para Santaella (2004) as personalidades no ciberespaço são mais fluidas, permitindo até mesmo uma criação consciente de novas, diferentes e até mesmo variadas personalidades no ambiente simulado, defendendo inclusive a utilização do termo incorporação ao invés de identificação, para o ciberespaço.

Sobre os sujeitos cibernéticos, citando Featherstone e Burrows, diz Santaella que:

Nessa mistura, a identidade do corpo humano se tornou altamente problemática na medida em que a corporificação da subjetividade se tornou algo variável e flexível, ultrapassando os "horizontes da carne" e os constrangimentos do corpo físico (SANTAELLA, 2008, p. 200).

Talvez por essa razão, pela característica da fluidez, que lembra as palavras de Bauman (2001) sobre o mundo contemporâneo, essas comunidades permaneçam ativas, mesmo quando a cena presencial torna-se mais enfraquecida, até porque, a exposição presencial se dá de forma diferente, possibilitando mais claramente a exclusão e o estigma, até mesmo por parte dos participantes do grupo.

Dessa forma, percebemos que, no ambiente virtual, a discussão é que garante a existência dos grupos, e é ela que integra mais ou menos o indivíduo aos grupos.

No contexto atual, portanto, percebemos que, mesmo enfraquecida a cena presencial, podemos dizer que a cena Mod continua existente, e que enquanto viva a discussão sobre o grupo, viva é a cena, que já não pode ser considerada apenas local, mas sim, desterritorializada. Com o decorrer da pesquisa, percebemos não ser mais possível tratarmos apenas da cena mod virtual curitibana, porque já não era apenas formada por pessoas dessa região. Ou seja, virtualmente, a cena torna-se sem sede alguma, transforma-se em um fenômeno em rede.

Lemos (2004) afirma sobre isso, baseado em vários teóricos, que pensar a sociedade é pensar em termos de territorializações e desterritorializações, de mobilidade urbana, de cidades globais, de sociedades em rede. Citando Castells, o autor defende que as redes constituem a nova morfologia social.

Essa sociedade em rede coloca a cena Mod curitibana no global ciberespaço, enquanto aproxima as demais cenas que acontecem no mundo dos sujeitos que constroem a cena presencial em Curitiba. Nesse sentido, Castells:

[...] De fato a internet tem uma geografia própria, uma geografia feita de redes e nós que processam fluxos de informação gerados e administrados a partir de lugares. Como a unidade é a rede, a arquitetura e a dinâmica de múltiplas redes são as fontes de significado e função para cada lugar. [...] Novas configurações territoriais emergem de processos simultâneos de concentração, descentralização e conexão espaciais, incessantemente elaborados pela geometria variável dos fluxos de informação global. (CASTELLS, 2003, p. 170).

Dentro desse contexto de novas configurações territoriais proporcionadas pelo ciberespaço, Trivinho apresenta o conceito de “glocal”, entendendo-as como uma mistura entre o global e o local, modo como passam a se organizar as interações dos Mods curitibanos com os Mods de outras cenas no Brasil e no mundo. Para ele:

[...] o fenômeno glocal é, do ponto de vista social-histórico, o selo original, o sinete genuíno da civilização mediática, a sua face inconfundível e inelidível, capaz de diferenciá-la, no fundamental, das outras fases sociotecnológicas. (TRIVINHO, 2001, p.76).

Os participantes da pesquisa tecem comentários sobre algumas cenas que conheceram na internet::

Então, tive muita referência assim de fora, de cultura Mod, de comportamento e tal, que eu vi na internet. E, num desses fóruns, eu achei uma comunidade de um pessoal português. Na verdade, eles me acharam, essa é a idéia. Acho que eles procuraram alguma coisa, me acharam e a gente começou a conversar e trocar informação [...] Eles mantêm um blog lá, na verdade... O endereço é <www.vespagang.blogspot.com>. O pessoal mergulhou mesmo, eles têm um grupo de *scooter* e, por isso, tem esse nome. E o pessoal faz todo final de semana *scooter*: vão pra Espanha, voltam, se reúnem, fazem festa à noite (Danimod).

[...] Portugal está na Europa, porém, não está. Tudo em Portugal demora um pouco pra chegar lá, pro pessoal assimilar. O meu pai, por exemplo, é português. Não era fácil exportar coisas da Inglaterra, da França e tudo mais. É claro que ir até esses lugares é muito mais fácil: pega um trem ou um avião e, num segundo, tá lá. Mas, existe uma fronteira, sabe? Portugal e Espanha ainda estão muito excluídos assim. Eles não estão no olho do furacão. Então, você pára pra pensar no pessoal. Eu acho que Portugal deu um salto nos últimos dez anos, é bacana. Tem várias lojas de discos, vários lugares legais pra sair à noite. Mas, isso é tudo muito recente, vem assim do começo da década de 90 pra cá. Antes, eles estavam totalmente ilhados, não tinha outra opção... ser jovem em Portugal devia ser uma tristeza. E aí o que acontece é que esse pessoal, claro, é uma nova geração que, graças à internet e tudo mais, eles estão muito mais próximos do que acontece na Europa inteira. Na comunidade européia, também facilita., mas isso tudo é novo assim. Então, eu acho ainda interessante ver o pessoal português conseguindo sair da fronteira, e esses amigos são bem legais, né? [...] Eles têm um grupo, todos têm a vespa. Estão juntos, vão a tal lugar. Você já consegue pela roupa também identificar, eles têm uma festa, tem banda, tem um monte de coisa (Juliana).

[...] um cara nosso amigo do Mato Grosso do Sul, de uma cidadezinha chamada Dourados, que trabalha com grãos de soja é Mod, é muito louco assim... e, no caso dele, eu até acho válido. Não é só uma coisinha virtual, uma moda assim de roupa, ele se interessa mesmo... (Juliana).

[...] e assim, a gente conheceu ele na internet, num desses fóruns e conheci meio que assim brincando com ele: "como é que tu é Mod no Mato Grosso do Sul?" E daí ele vinha com respostas assim que tinham uma referência mesmo, então o guri pesquisava. E a gente se conheceu aqui em casa, eu convidei ele pra vir pra Curitiba. Ele veio aqui em casa, tomar uma cerveja, saímos juntos, e ele teve um embasamento, mas é de busca, é de ir atrás [...] (Danimod).

Muitos movimentos de retorno no Brasil e no mundo acontecem principalmente pela organização de festas divulgadas na internet, sem contar os inúmeros grupos de scooterismo, jovens que compram scooters, lambretas e organizam passeios, viagens e encontros. Encontramos grupos de scooterismo⁴⁷ na Austrália, nos Estados Unidos, na Inglaterra, websites que divulgam festas e inúmeros blogs pessoais.

⁴⁷ <<http://www.australianscooterist.com/>>, <<http://www.vespaclubusa.org/as/backissues/2005/gsmemories.htm>>, <<http://vespa.org.uk/>>, respectivamente.

Além disso, o ciberespaço já não possibilita o estabelecimento de limites, como idade e gênero para a participação e o reconhecimento dos sujeitos pertencentes ao grupo. O ciberespaço proporciona liberdades aos indivíduos, que criam personalidades, através de representação e encenação do eu.

Percebemos que, muitas vezes, essa representação do eu virtual, acaba sendo assumida na cena presencial, como um fenômeno complexo onde a personalidade fluida dos indivíduos se transporta entre sujeito e representação, universo presencial e virtual.. Castells se refere a esse fenômeno, dizendo que:

[...] o espaço de fluxos e o tempo intertemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade (CASTELLS, 2003, p. 462).

Assim como acontece com o Mod, a tensão entre tempo-espaço acabam se apresentando e em alguns momentos se dissipando, já que no fluxo das redes, o presente o passado, o futuro, o aqui e o lá interagem entre si ao mesmo tempo

7 CIDADANIAS CULTURAIS: OS MODS APRESENTAM SEUS DILEMAS E CONTRADIÇÕES

Participar de grupos culturais na atualidade, como escolha subjetiva, significa partilhar dos pensamentos do grupo, e algumas vezes até mesmo questioná-los. Nas relações contemporâneas, que variam entre o presencial e o virtual, entre o espaço territorial e o ciberespaço, manter viva as discussões significa manter vivo o grupo.

Nesse sentido, Eagleton diz que:

[...] a tendência culturalista do pós-modernismo pode levar a um autêntico determinismo: o poder, o desejo, as convenções ou as comunidades interpretativas nos moldam, sem que possamos evitá-lo, a comportamentos e crenças específicas. [...] (EAGLETON, 1998, p. 89).

A discussão sobre o “ser cidadão” nos remete à época de Grécia, em que isso significava poder participar das decisões da cidade, o que era negado a mulheres, escravos e estrangeiros. Ampliando esse conceito, os romanos entendiam por cidadão aquele que estava acobertado pela lei.

Já o projeto Moderno de sociedade buscou a constituição de Estados Modernos de Direito, que garantiriam condições de igualdade, liberdade e fraternidade, e, portanto, adquirir cidadania se refletia na garantia de direitos fundamentais, através do Direito, que até então se encontravam renegados a uma grande maioria, e incentivou os nacionalismos, ou seja, o sentimento de pertença a uma nação.

Todavia, atualmente o Estado já não mais dá conta de proporcionar ao indivíduo o sentimento de pertença a este Estado, como comentamos anteriormente, as identidades nacionais encontram-se cada vez mais enfraquecidas, e a participação no Estado Liberal cada vez mais forte globalmente, dificulta a participação política.

Num Estado Liberal, os direitos que o Estado pode garantir são os mínimos, necessários à sobrevivência e dignidade humana, para uma parcela da população que é realmente excluída. Porém, sentir-se alguém já não significa apenas ter condições de vida, de sobrevivência, mas sim, poder consumir, poder fazer escolhas, poder participar de um grupo e ser reconhecido dentro dele.

Temos duas concepções de novas cidadanias que poderiam se aplicar ao Modos curitibanos, ou seja, a cidadania do consumo e a cidadania cultural. Isso porque entendemos o processo de identificação, dentro desse panorama, como uma das formas de construir posicionamentos dos sujeitos em relação ao grupo, aos outros e ao mundo.

Canclini (2005) coloca que essas apropriações e esse consumo de idéias e de formas de viver expressam uma nova cidadania, a cidadania do consumo. Para ele, a Europa, com a luta por Estados Modernos nos ensinaram a ser cidadãos, dentro da concepção moderna de cidadania, de garantia de direitos fundamentais pelo Estado. E ainda, os Estados Unidos nos ensinaram a ser consumidores. Dessa forma, entendemos que já não interessa aos indivíduos apenas a garantia dos meios de sobrevivência e dignidade humana, atualmente, na lógica do consumo, importa também consumir o que está sendo consumido por todos, para sentirem-se pertencentes à realidade global. Ou, dentro desta mesma lógica, consumir o que é consumido pelos grupos em que desejam se enquadrar.

Para este autor, as mudanças socioculturais afetam a própria prática da sociedade. A nova conjuntura se apresenta em grandes capitais globais que tiram o peso dos órgãos locais e nacionais, com excesso de trabalho e de distâncias diminuindo a convivência nas habitações, condomínios e vizinhança, reelaboração de padrões, redefinições de pertencimento cada vez mais direcionadas à comunidades desterritorializadas, e a mudança de um cidadão que representa uma opinião pública para aquele que está interessado em desfrutar uma certa qualidade de vida.

[...] O que ocorre é que a reorganização transnacional dos sistemas simbólicos, feita sob as regras neoliberais de máxima rentabilidade dos bens de massa, gerando a concentração da cultura que confere a capacidade de decisão em elites selecionadas exclui as maiorias das correntes mais criativas da cultura contemporânea (CANCLINI, 2005, p. 69).

Ainda, para Canclini (2005), os níveis de significação das práticas dos sujeitos são muitas, e até se escondem nas aparências de atos e discursos, sendo importante tecer alguns comentários sobre as colocações dos sujeitos participantes da pesquisa.

Corroborando com as idéias de Canclini, temos Touraine que defende a existência de direitos culturais, que refletem os direitos às diferenças, que cada vez mais emergem na sociedade em variados níveis:

[...] Os direitos culturais não visam apenas à proteção de uma herança ou da diversidade das práticas sociais; obrigam a reconhecer, contra o universalismo abstrato das Luzes e da democracia política, que cada um, individual ou coletivamente, pode construir condições de vida e transformar a vida social em função de sua maneira de harmonizar os princípios gerais da modernização com as “identidades” particulares (TOURAINÉ, 2006, p. 171).

Dessa forma, apenas a garantia de direitos já não produz a cidadania. A cidadania se torna cidadanias e é, dentro das subjetividades e dentro de grupos que os indivíduos passam a ser alguém, sentir-se alguém. Portanto, participar de grupos culturais, como o grupo dos Mods proporciona aos indivíduos uma espécie de segurança, bem como a condição de pessoa vista, poderíamos dizer, de cidadão.

A nosso ver, essa categoria, portanto, já não pode apenas ser entendida como a noção de cidadania proposta no Estado Moderno, como estamos acostumados.

De acordo com Romero:

[...] A cidadania é pertença a uma comunidade e um ideal que permite medir as conquistas na tendência da igualdade. Estabelece uma seqüência de consecução dos direitos civis no século XVII, direitos políticos no século XIX e direitos sociais no século XX. [...] A cidadania multicultural responde às demandas de reconhecimento de direitos de grupos e irá produzir versões mais ou menos fortes, umas críticas relativamente ao modelo de cidadania liberal e defendendo uma cidadania diferenciada (Young, 1989), outras que pretendem eliminar a homogeneidade cultural como suposto necessário para aquele modelo (Kymlicka, 1995). A cidadania complica-se com a política da identidade, da diferença ou do reconhecimento. Os novos movimentos sociais e políticos utilizam a linguagem da cidadania [...] A relação entre cidadania e cultura, a inclusão/exclusão cultural, serve igualmente de base para as demandas de extensão dos direitos de cidadania, entre outros, gays e lésbicas ou pessoas deficientes. A idéia de uma cidadania pós-nacional problematiza a equação da cidadania e da nacionalidade face a novas realidades: globalização, fluxos migratórios, problemas ecológicos. [...] (ROMERO, 2002, verbete “cidadania”, p. 04-05).

Canclini afirma que essas novas concepções vêm em direção da idéia de cidadania cultural que vem sendo estudada nos Estados Unidos:

[...] ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também

com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades (CANCLINI, 2005, p. 37).

Lipovétsky também concorda com tal posição:

[...] Já não basta sermos reconhecidos pelo que fazemos na condição de cidadãos livres e iguais perante os outros; trata-se de sermos reconhecidos pelo que somos em nossa diferença comunitária e histórica, pelo que nos distingue dos outros grupos. [...] (LIPOVÉTSKY, 2004, p. 95).

Nesse contexto de direitos culturais, os grupos produzem cidadania, e criam em seu interior, jogos de poder.

Para Foucault, o poder é exercido através de relações de forças e sua força se mede da seguinte forma: “Se ele é forte é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz (FOUCAULT, 1996, p. 175).

Percebemos então que no grupo dos mods de Curitiba, o saber, o conhecimento sobre a história e cultura dos Mods é que estabelece quem é mais reconhecido como Mod pelo grupo, tanto que a falta dessas noções é considerado pelos de dentro como forma de estigmatizar os novos integrantes que independente disso, chegam a ter um sentimento de pertença, que se expressa pelos atos de consumo característicos do grupo.

Porém, ao mesmo tempo em que essa postura rígida se coloca, no ciberespaço as discussões é que dão perpetuação ao grupo. Foucault diria que:

[...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder, podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 1996, p. 241).

Assim, verificam-se alguns posicionamentos relevantes entre os sujeitos do grupo, que demonstram a construção de cidadania cultural à medida em que estabelecem jogos de poder dentro do grupo:

Apesar que a cena tá bem fraca. Mas, é até melhor que continue assim, pelo menos não vira uma moda, que nem tava um tempo atrás e agora até melhorou um pouco. Satura. Muda gente, às vezes, o pessoal não sabe nada, vai pela moda. Vira uma moda e daí todo mundo quer ser. O lance retrô tá na MTV, tá não sei onde... aí fica um negócio meio saturado. Daí

morre. Tudo o que nasce e vira moda, morre rápido. Então, é preferível que fiquem só alguns e continue sempre. Eu mesmo saí um pouco desse lance de anos 60, porque tava uma modinha muito estranha em Curitiba... todo mundo tava usando paletó... e meio que parti pra um lado mais *skin*. Até meio que fugi disso, porque tava meio me estranhando no meio desse pessoal. O pessoal não sabia de nada, mas tava se vestindo como tal (André Mod)

O que eu tenho hoje de conhecimento musical, cultural, de tudo o que me interessa, tem a ver muito com a cena daqui de Curitiba, que o pessoal me mostrou. Fãs de cinema, o Nouvelle Vague, a parte literária, *beatniks*, é uma grande influência... tudo o que eu conheço, culturalmente eu devo a esse pessoal que eu acabei conhecendo ainda novinho, 16 anos. Eu tenho 28 hoje (André Mod).

Para André, participar do grupo desde os 16 anos é o reflexo do que ele mesmo é. Suas preferências culturais estão relacionadas com o Mod e quando os novos participantes passam a fazer parte da cena em Curitiba, sem ter o conhecimento sobre a cultura e a história Mod, isso chega a ser ofensivo. A informação, que Foucault chamaria de “saber” dentro do grupo, é o grande ponto de concordância entre os participantes da pesquisa, que acreditam enfraquecer o grupo e trazer desânimo para os participantes que não percebem nos novos integrantes o interesse que eles dedicam ao mesmo:

[...] eu acho meio decadente, até porque eu cansei de ir em festinha e chegava o pessoal pra conversar e diziam: “ah, conhece a banda tal?” Não dá, tu não conhece a banda, conheceu por causa da internet, nunca sentou num sebo e começou a vasculhar vinil. Nunca sentou num sebo pra procurar revista, é só pela internet, que dá esse jeito assim fácil de só digitar um nome no google e encontrar tudo o pessoal acha que: “ah, eu sou Mod porque existe o Google”. É meio que uma antítese assim (Danimod)

[...] e isso é engraçado porque eu acho o visual forte, mas eu acho meio limitado assim, sabe? As pessoas ficarem só nisso porque tudo bem. Você pega um ano, sei lá, 66, assim, se você tem um interesse pela época, a pessoa só tem pela estética, não pára pra pensar em tudo que estava acontecendo em cinema, em literatura... Moda também é importantíssimo, óbvio, mas tem muita coisa política acontecendo, que eu sempre achei que o pessoal nunca se ligou, sabe? E aí acho estranho, porque acho que as pessoas pesquisam muito música e tal, e esquecem de tanta coisa que tá junto assim, nessa bagagem... não sei, [...] não vejo ninguém desse pessoal se interessar assim. Eu acho estranho, você tá tão próximo da época nas coisas que você veste, nas coisas que você usa. Mas, você não tá em outros aspectos assim... (Juliana).

E também o pessoal que acha que é um negócio só musical, que tem The Who, Small Faces, Kings. E tem o pessoal que pensa que todo mundo que tem um cabelinho pra frente e um terninho é Mod. Agora, se tu for ver assim, é um movimento que surgiu muito forte nos anos 60. E tu vê: os Beatles usavam terninho; no começo dos Stones, eles usavam terninho assim, e não são Mods. Então, tu não pode se entregar a uma, seja estética ou música, e pronto. É isso aqui e pronto: Mods era o The Who, o Kinks, o

Small Faces, ou então era alguém que usava terninho na época e não é isso (Danimod).

E acho que tem que ir mais pra trás assim, qual é... quem os Stones ouviam, que aí você vai pra música negra. E aí o pessoal, às vezes, não chega lá. Aham que, um belo dia, Mick Jagger acordou e pensou: “é isso que vou fazer, vou criar o rock.” E não é assim, a coisa vem de antes. E, não sei, eu sempre fui de ter ídolos, e procurar saber o que meus ídolos escutavam, ou qual era a referência deles. Aí, vai ficando cada vez mais interessante, você vê o que tem por trás. E aí eu acho que o pessoal não chegava lá. A gente tinha isso: eu sempre fui louca pelos grupos de mulheres, eu sempre adorei. Isso é uma referência da Pow que era totalmente do *set* do Dani também. E eu via que o pessoal não tinha essa curiosidade. Não sei, eles pegavam esses grandes ícones, né, os Stones e tal... (Juliana).

Para estes jovens, ser mod tem sentidos diferentes, embora exista o sentimento de pertença:

Eu sou. Um verdadeiro Mod é aquele que não fala que é. É estereótipo, né? A pessoa vê, a pessoa fala. Você não pode sair por aí falando. O Mod que é Mod, não fala que é. Pelo menos é assim que eu vejo. [...] o Mod não tem essa parte ideológica. Assim, a coisa característica das idéias, né? A única característica do Mod é musical. É um lance que vem de sair, curtir um bom som à noite, dançar, conversar, tomar sua cerveja. A grande ideologia do Mod era essa, na época. Era trabalhar a semana inteira, ralar pra ter dinheiro pra chegar no fim de semana, colocar a única roupa boa que ele tinha, beber, se divertir pra, na segunda-feira, começar tudo de novo. Mas isso não era uma ideologia. Mas, a grande idéia do Mod era essa: era diversão. Ele não fugia disso. [...] O lance Mod é você sair dançar, curtir... não tem ideologia, não é roupa... qualquer um pode ser se você tiver um conhecimento básico. Se você se interessar, pesquisar, sabe? Não existe uma ideologia. Só não querer saturar o movimento e dizer aquilo que você não é. Não saia de casa dizendo aquilo que você não é, simplesmente pra fazer parte de alguma coisa. Vai acabar se queimando, né? (André Mod).

Lá na Europa, por exemplo, eu acho que o pessoal tem uma visão que é mais fiel. Basicamente, você ser Mod é: “Eu me divirto, eu gosto de arte, eu gosto de música e de cinema e de roupas e.... pago por isso, não preciso de ninguém” (Danimod).

Concordam em alguns momentos que ser mod é aproveitar a vida, ser independente financeiramente e consumir os produtos culturais que prefere, bem como freqüentar os lugares que preferem. Todavia, o discurso é contraditório, já que ao mesmo tempo que defendem tal idéia, também se frustram quando os novos participantes do grupo não se importam com as informações histórico-culturais dos Mods ingleses.

O estigma também preocupa, quando se vive num universo de fragmentação e diversidade. Quando André fala que os Mods não dizem que são, apenas são reconhecidos como tal, nos faz repensar as noções de Erving Goffman em relação

aos estigmas dos Mods que foram se construindo, assim como as idéias de determinadas referências, como já apresentamos. Muitos dos estigmas foram a violência e o uso de drogas, motivos pelos quais talvez os Mods que preferem a linha cultural desse grupo decidam não assumir o rótulo. Todavia, ao mesmo tempo, são capazes de sentirem-se ofendidos por não terem suas identidades reconhecidas, como aconteceu em um show da banda gaúcha Cachorro Grande em Curitiba: os Mods foram assistir ao show e posicionaram-se em frente ao palco, de onde cantavam “we’re the mods, we’re the mods...”, como no filme *Quadrophenia*. Em determinado momento do show, o vocalista da banda perguntou o que seria o Mod, e os mods retiraram-se do show como forma de protesto, por não terem sua identidade reconhecida.

Nesse sentido, percebemos fortemente a cidadania cultural, que busca acima de tudo ter as diferenças reconhecidas e valorizadas, até mesmo de forma instintiva nos sujeitos. Porém, muitas pessoas, mesmo apresentando muitas referências mods, não possuem o sentimento de pertença, como é o caso de Angela:

Um dia, a galera se abraçou, e pulavam gritando “We’re the Mods! We’re the Mods!”. Eu olhava e pensava “Meu Deus!”. O que eu gostava mesmo era das festas, das músicas e de curtir a banda. Eu ia lá, chegava meio tarde pra não precisar fazer “um social”, e ficava lá curtindo a banda. Não me envolvi com o pessoal, eu nem conseguia participar. [...] As pessoas que são Mods gostam de dizer que é uma coisa que vai além de roupas, músicas. Então, acaba sendo uma coisa bem vaga. Até conversei com algumas pessoas, ver se eu entendia a verdadeira razão, mas não falavam nada. Não vi ninguém que soubesse dizer porque era Mod (Angela).

Também sobre a internet, que potencializou a interação entre os grupos Mods de diferentes cenas e a participação de muitos indivíduos na cena mod curitibana, também existem as críticas. As principais novamente giram em torno da falta de informação histórico-cultural dos participantes das comunidades do Orkut em relação aos Mods ingleses:

Mas, eu vi que isso era muito ingênuo da minha parte assim, que muita gente ali não sabe, não gostava de fato ou que estava querendo se exibir, sabe? O Mods Brasil é um terror, né? (Juliana).

[...] o que acontece é isso: se você for usar a internet como base de busca Mod, eu acho que tem que tirar o Orkut dessa tua lista, porque é um negócio... (Danimod).

Então, o que aconteceu foi isso, né? Esse foi um negócio que eu bato na tecla, que virou um movimento virtual, pois o pessoal vinha e perguntava: “quem tá tocando? Ah, é o fulano de tal... Chega em casa, bota pra baixar

tudo desse cara e pronto, eu também toco agora ele.” Agora a diferença é que eu tenho um compacto de 60 anos, 68, que eu fiquei horas atrás em lugares diferentes do Brasil e hoje, as pessoas têm um Ipod, um arquivo de um mega e meio... (Danimod).

Outra situação que exemplifica o exercício de uma cidadania alternativa, diferenciada, cultural, é o distanciamento entre os mods André Mod e Danimod, que trabalharam juntos em festas Bangs. Muitas situações dentro do grupo são consideradas de valor inestimável e atingir tais valores significa atingir o sujeito, o cidadão que tem direitos dentro do grupo, direitos que já não são os garantidos pelo Estado, direitos que não podem ser pleiteados judicialmente, direitos culturais:

[...] Mas, o André é esse menino. André Mod também, como é conhecido. Ele era o menino que ia em todas as Pows, ele era o primeiro a chegar, ele era dos mais estudiosos assim, um rapaz muito esforçado... Morava longe, e ele assim, era muito dedicado ao negócio... Era uma figura que a gente conhecia de vista, mas que nunca tinha conversado. E aí o que acontece... quando o Gabba viajou e o Dani ficou aqui, sozinho assim, tendo que montar uma festa grande, pra atender esse público da Pow, foi feita a Bang, que foi uma filha da Pow, e aí ele falou: “vou chamar esse cara. Esse cara é tão fiel a festa e ele conhece”. E chamou... foi o que aconteceu assim, que ele ficou meio próximo da gente, até numa relação meio de adoração assim, sei lá, meio estranha. E aí, tudo o que o Dani colocava no *set* - porque claro que tem coisas que o Gabba toca, que o Dani toca uma outra música e tal, mas tem coisas que são do *set* dele, sabe? - o André começou a pegar tudo pra tocar ele e a ficar uma coisa meio doente... Não sei o que aconteceu, mas aí o Dani deu um toque nele... falou: “Cara, tu tá me mandando o *set*, que ele mandava o que ele ia tocar, mas você sabe que esse é o meu assim, sabe, é o que eu toco, vou até te sugerir outras coisas...” Ele ficou meio ofendido com isso. A atitude dele também reduziu o tempo que ele tocava na festa. E eu sei que ele se virou contra a gente ... eu imagino até que nos botecos ele fale mal assim. Mas, o que acontece é que ele também criou uma festa no Retro [...] (Juliana).

O que acontecia nas festas, há 40 anos atrás, que tocavam com compacto, era justamente isso. Tocava num *set* de meia hora com 10 compactos de 2 minutos e pouco, e aquilo ali era teu. Tu não tem uma banda, tu toca um compacto, tu não é dono daquilo. Porém, a tua exclusividade é tocar algo que seja uma referência tua. É pra isso que existem os DJs. Para os DJs, nos anos 60, nos compactos deles eram raspados o nome da banda, pra ninguém saber o que eles tocaram, porque aquilo ali é uma referência tua. E, justamente, na Pow, a gente manteve essa referência de “eu tenho meu *set*”. O Gabba tem o *set* dele. Daí, o convidado pode fazer o que quiser... mas, como a gente é anfitrião, eu tenho meu *set* e ele tem o *set* dele... Justamente essa referência, que o Gabba toca num horário e tu chega numa festa e tu conhece: “eu vou no horário do Gabba porque ele toca isso...” Ou então: “Não, eu vou no horário do Dani porque ele toca isso, e eu acho legal isso, quero dançar isso...” E essa cumplicidade assim, a gente manteve, o Gabba e eu. E isso é um negócio que é bem Mod assim. É uma característica que é bem mod. E a gente manteve essa cumplicidade de um respeitar o *set* do outro. E, embora a gente não seja uma banda, a gente toca músicas de uma banda em que, quem ouve aquilo tocando, tem uma referência... Isso é o que o Daniel toca na festa [...] a gente procurava sons entre os anos 70, franceses, alemães, italianos. Isso é uma referência

nossa porque ninguém mais tocava. O Gabba toca uma música de um cara da Alemanha que ninguém conhece nem na Alemanha. Eu toco coisas de um cara francês que ninguém conhece (Danimod).

Só que a gente entrou no Kitinete e tava tocando... é o Nino Ferrero, é um cara bem legal francês... então, já vinha um pensamento assim: “ai meu Deus, é lá de casa, né?” (Juliana).

Todavia, os grupos só existem na medida em que existem elementos comuns nos posicionamentos, que vão além da escolha por produtos culturais, mesmo que esses posicionamentos sejam contraditórios ao discurso anteriormente apresentado pelos próprios participantes.

André fala sobre alguns grupos culturais, criticando-os por não serem da Europa, e muitos participantes do grupo dos Mods entendem-os como originalmente ingleses. Porém, na própria fala de André, a raiz das músicas Mods e a busca por vanguarda desde a década de 60, que os fizeram direcionar-se para o cinema francês e as roupas de estilistas emergentes que nem sempre eram ingleses, já demonstram características de interculturalidade, o que não é mais nem menos do que o movimento hippie ou psicodélico que tenha chegado à Inglaterra:

Bem que depois veio o psicodelismo, o *hippysmo*, a idéia de paz e amor que era totalmente errada, que era um negócio americanizado. Não era um negócio da Europa, ou inglês. E um pouco nasceu esse grupo (revival) por causa disso, né? Porque essa ideologia fugia totalmente do cenário de 69. O pessoal trabalhava, ralava e você ficava lá, achando que aquilo era vida (André Mod).

Porém, a maior contradição percebida durante a pesquisa é a seguinte:

Se fosse pra ver a cena Mod como uma coisa rude, e é até meio pecado falar isso, sei que uma galera vai querer me matar depois, mas tudo bem. Como a idéia do Mod, na época, era uma coisa à frente, hoje, se fosse pra acontecer, seriam os “clubbers”, que é a coisa um pouco mais à frente, né? [...] Na época, existia um confronto com os Mods e Rockers por causa disso. Porque os Mods consideravam os Rockers ultrapassados visualmente, culturalmente, como uma música da década anterior, né? Anos 50, ou a cultura da década anterior. Rockers, Teddy Boys... então, existia essa briga por causa disso. Viviam brigando por causa disso (André Mod).

Então, eu vejo hoje a cena Mod muito forte com o pessoal eletrônico. Londres, principalmente, e com o pessoal da Alemanha. Se tu for ver mesmo, musicalmente, a própria filosofia Mod seria tender pro lado eletrônico. Se é pra ir pro moderno, nada mais moderno e atual que a cena eletrônica. Então, na Europa inteira, o pessoal que ainda tem essa referência Mod gosta muito de coisas eletrônicas, *house*, o pessoal ainda anda de terninho, um terninho mais colorido, com vinil, e a referência hoje meio que seguiu a linha. É que o pessoal de cá do outro lado do oceano, que teve contato com essa cultura anos depois, não tem essa atualização.

Acha meio que: “ah... o cara gosta de eletrônico, não são rock’n roll”. Mas ninguém, quando surgiu o Mod, falou que era um negócio rock’n roll. Era pra ser um estilo de vida e não era pra ser um estilo musical. Só que, como estilo de vida, teve a sua vertente que gosta de música... Só que existe Mod que não gosta de rock’n roll e gosta de música eletrônica. Tem uma banda da Holanda que se chama Frank Pop, que é uma banda que une *soul*, música *black*, rock’n roll e música eletrônica, que se denomina uma banda Mod. Usam terninho, andam de *scooters*, usam roupinhas coloridas, tem um apelo vanguardista meio *pop art* no trabalho deles, e essa cena existe. O pessoal que gosta de rock’n roll, de *punk*, que se dizem Mod, eu acho que na Europa tá enfraquecido porque, a gente tá em 2007, não tem como ter um negócio de 40 anos atrás vivo a vida inteira, sendo que as coisas mudam. Hoje a banda coloca tudo no computador e não precisa de baixo, bateria de nada.... E a tendência é essa: eu acho que daqui há 10 anos o pessoal vai continuar falando em Mods, só que meio que vai ficar inibido assim pelos vanguardistas que tiveram tanto cuidado há 40 anos atrás e vão ficar meio deturpados. [...] e foi o que eu te disse... ninguém escreveu em lugar nenhum que o movimento Mod tem alguma coisa a ver com rock’n’roll, até porque os primeiros Mods ouviam só *soul*, *black music*, não tinha nada de rock’n’roll propriamente dito, que surgiu com o gospel e tal e o pessoal meio que adotou aquilo assim. O que aconteceu foi que as bandas de rock dos anos 60 começaram a fazer versões do *soul* e que meio que viraram hinos no rock. Mas, a referência propriamente dita não existe: sou mod, sou roqueiro, isso não existe... ou então “sou mod, uso terninho, sou mod, uso vestidinho de bolinha”, isso é balela. Quem acha que é isso, está totalmente errado, né? (Danimod).

É estranho percebermos que, ao mesmo tempo em que os Mods curitibanos cultivam tradições do passado e consomem produtos culturais provenientes de épocas em que outros contextos Mods aconteciam, eles mesmos reconhecem que, enquanto os Mods ingleses eram vanguardistas, apreciavam o novo, eles, no Brasil, numa capital paranaense, retomam o estilo retrô, vintage, para música, decoração, roupas, cinema. Por esse motivo também percebemos uma apropriação de determinadas características Mods inglesas, e uma recriação dessa cultura, mesclada a outros valores, a outra realidade. Ainda, é importante lembrarmos, que para a juventude em fase de socialização, é importante ser diferente. Assim, no passado, ser diferente poderia significar a exploração da vanguarda, principalmente porque os movimentos artísticos como a pop-art nessa época eram fortalecidos. Todavia, no contexto atual, época de reprodutibilidade técnica, seguindo as idéias de Benjamim, o novo, por conta da propaganda, acaba se tornando homogeneizador, e, portanto, pode facilitar e influenciar os movimentos de retorno, como forma de garantir autenticidade.

Além disso, essa autenticidade traz para o indivíduo segurança, de ser alguém, de fazer parte de um grupo, de ter uma referência que pode fazer com que

o outro o veja e o reconheça como tal, podendo até mesmo ver no outro, seus próprios filhos:

E a gente continuou nisso, mesmo depois de casado. A gente tem filhas e... fica aqui em casa, e elas vão ouvindo as músicas que a gente gosta, embora não entendam muito ainda. E é legal quando elas vêem uma coisa que tem um apelo meio retrô ou apelo retrô futurista e elas associam a coisas que a Juliana e eu gostamos. Então, é sinal que segue assim. Eu não sei se elas vão gostar disso, até porque eu nunca vou impor isso, mas é legal. Como o que aconteceu com os nossos pais: muitos gostaram de música sertaneja, gaúcha, caipira. A gente tem essa referência infantil, quando a gente ouve rádio: “ah, parece coisa que meu pai ouvia.” E a expectativa nossa é que elas ouçam isso e, daqui há uns 10 anos, tenham essa referência, que era coisa que o meu pai ouvia em casa. Provavelmente, elas não vão entender, porque quando elas forem ouvir isso daqui a 10 anos, as músicas já vão ter quase 60 anos (Danimod).

Assim, com o estudo realizado, podemos perceber fortalecimentos e enfraquecimentos, pontos comuns e contraditórios nos discursos, mas mesmo assim, o grupo permanece existindo, e as cenas se multiplicando principalmente no universo virtual, em diferentes contextos, sempre com diferenças proporcionadas pela interculturalidade, pelas influências locais, e pelas subjetividades dos sujeitos participantes. Quanto tempo permanecerá existindo, não podemos dizer. Se ser Mod hoje, no Brasil, em Curitiba, é escolher produtos culturais característicos, é ser independente e pagar por sua diversão, é escolher as culturas do passado ou as vanguardas, não podemos dizer, o que podemos dizer é que atualmente, a diversidade e a fluidez estão presentes em todas essas relações, produzindo dessa forma, cidadanias culturais.

UM DESFECHO: ABERTURA PARA A DIVERSIDADE, PARA O OUTRO, PARA A COEXISTÊNCIA DE ESTILOS DENTRO DO CONTEXTO DAS CULTURAS JUVENIS

De acordo com o nosso estudo, podemos perceber que os Mods, tanto da Inglaterra, ou em outros contextos, como o dos curitibanos, contemporaneamente, são grupos juvenis identitários, principalmente porque existe um determinado estilo de vida a ser seguido por seus membros. Os processos de identificação dos sujeitos com o grupo, portanto, é complexo, e são vários os fatores relacionados a eles, assim como são mais variados os elementos de cooptação desses sujeitos, sendo o mais forte deles, a música.

Ao analisarmos o grupo, participarmos de festas e conversarmos com os sujeitos, percebemos que os processos de identificação acabam tentando firmar barreiras através do consumo de produtos culturais que são considerados, pelo grupo, como característicos seus. Dentre esses produtos teríamos a música, mais fortemente, filmes e óperas-rocks, roupas de brechó (principalmente ternos), bótons, tênis da marca “All Star – Converse”, vespas, livros de literatura *beatnik*, elementos de decoração com apelo retrô ou *vintage*, entre outros. Concordamos com Canclini, ao percebermos que o consumo é presente dentro do grupo, e quem possui mais elementos característicos, pode expressar mais sua identidade para o grupo e fora dele. Ainda, concordamos com Canclini que, embora o consumo seja a lógica das práticas culturais Mods, assim como de outros grupos juvenis, esse consumo já não pode mais ser considerado uma forma de alienação dos sujeitos.

Os Mods curitibanos, ao consumirem a música, as roupas, e os demais produtos culturais que consideram expressões de suas identidades, fazem escolhas e, com essas escolhas, assumem posições, de forma que se tornam sujeitos dentro dos processos de consumo e dentro dos processos de identificação. Além disso, o fato de se apropriarem de uma cultura já mesclada, que nasce em outro contexto de tempo e espaço, como a cultura Mod Inglesa, e recriarem-na de outra forma no Brasil (embora seguindo algumas influências que os próprios Mods decidem por manter, por entenderem importantes) já demonstra a tentativa de emancipação desses sujeitos que vivem na lógica do consumo.

Principalmente na área da música, é visível a busca de emancipação dos

sujeitos, sendo que muitas bandas curitibanas com influência musical Mod, se sobressaem nos cenários de sociabilidade juvenil, fazendo sucesso com músicas de autoria própria e com melodias que relembram sons dos anos de 1960 e 1970, considerem-se elas Mods ou não.

O presente estudo também nos fez compreender como são frágeis as relações humanas no contexto contemporâneo, e a fragilidade dessas relações também podem ser vistas nos grupos culturais. Os sujeitos dos grupos, que acreditam estar protegidos em uma comunidade, querem de toda forma fixar limites, barreiras, fronteiras, entre os de fora e os de dentro, entre quem é Mod e quem não é. Os indivíduos buscam uma fixidez, que mesmo tentando estabelecer delimitações claras de barreiras, acaba não acontecendo, devido à fluidez das trocas identitárias, que tentam dar conta das subjetividades.

A busca por uma limitação, uma fronteira entre os membros do grupo e os que não podem ser considerados Mods, pode gerar inclusive uma postura de intolerância dos sujeitos em relação aos demais. Essas posturas de intolerância são contrárias à realidade dos novos espaços de socialização juvenil, que procuram proporcionar ambientes de coexistência dos mais variados estilos e tribos urbanas.

Em Curitiba ainda, percebemos um ambiente propício para a juventude Mod, devido ao clima cultural do sul do Brasil, que reivindica origens imigrantes européias, e aos bares e casas noturnas, principalmente, no bairro São Francisco, e região. Bares como Empório São Francisco e Motorrad Bar fizeram história na cena Mod, além do Nico Bar, onde aconteciam as Festas “Pow” e “Bang”, entre os anos 2000 e 2006. Algumas festas com tendências rock’n roll, dos anos 1960 e 1970 continuam a acontecer, porém, não mais com a mesma frequência. Embora, nos ambientes noturnos de socialização, possamos encontrar sempre pessoas vestidas como Mods.

Dentro desse contexto, percebemos a existência de uma diferente cena de socialização, ou seja, um novo espaço Mod, que acaba desterritorializando a cena curitibana, que é o ciberespaço. Os Mods curitibanos criam grupos de discussão, espaços virtuais para divulgação de festas e eventos, comunidades virtuais em *sites* de relacionamentos, entre outras formas de encontro de jovens que também se identifiquem com os Mods, criem suas cenas, ou simplesmente consumam os produtos culturais que lhes são comuns.

Essas novas formas de sociabilidade, através do ciberespaço, não podem

passar despercebidas, pois proporcionam aos indivíduos maior mobilidade, maior acesso às informações e aos produtos culturais que consomem, e criam laços diferenciados que, embora temporários, não deixam de ser laços que se baseiam nas identidades dos sujeitos contemporâneos.

Porém, ao mesmo tempo em que percebemos que os grupos apropriam-se da cultura Mod Inglesa e criam uma nova cena Mod em Curitiba - com o consumo dessa cultura e de produtos culturais característicos desse grupo, de forma a buscar uma emancipação - vemos que apenas existe uma potencial emancipação, pois, em muitos comportamentos, os jovens continuam sendo conservadores.

Uma das grandes contradições do grupo é perceber que o próprio grupo vê o Mod como um grupo de vanguarda nas décadas de 1960/1970, e já bricolado com o *punk*, nas décadas de 1970/1980. Mas, ainda assim, era considerado um grupo que consumia novidades. Até mesmo a música consumida por eles, sempre foi a música que estava sendo lançada. E, da mesma forma, no próprio grupo atualmente, recriando essa cultura no contexto curitibano e no Brasil em geral, pode-se perceber, que o Mod tornou-se um movimento de retorno, de apreciação de produtos do passado, que não são atualmente “vanguarda”. Percebemos, porém, que para o grupo curitibano, ser vanguardista no mundo contemporâneo é ser autêntico, e não mais apreciar ou consumir novidades. E consumir novidades é conseguir encontrar algo com uma certa aura de originalidade, que veio do passado, como um vinil antigo. E, assim, os indivíduos poderiam ser vanguardistas no mundo de hoje, sendo diferentes, já que a indústria cultural tem uma tendência a lançar modismos que, em alguns momentos, tornam os indivíduos homogêneos. Tal situação é uma condição quase que inadmissível para alguns jovens que, nessa etapa da vida, querem se sobressair, serem vistos, e serem reconhecidos na sua diferença.

Ao mesmo tempo em que podem ser considerados vanguardistas por buscarem determinada autenticidade, acabam muitas vezes, em outros âmbitos de suas subjetividades, tomando uma postura que poderíamos dizer conservadora. A maioria deles, aproveita a vida, sai para se divertir, bebe, troca de parceiros nas festas e casas noturnas, que servem justamente para a paquera. Porém, quando se relacionam com alguém, em geral têm relacionamentos com o sexo oposto, aparentemente são monogâmicos, e vivem no seu dia-a-dia a busca constante da estabilidade profissional em carreiras reconhecidas na sociedade e da construção de uma família.

A questão de gênero é também presente no grupo. Embora existam mulheres, são menos visíveis nos ambientes de socialização do que os homens. A maioria define-se como tendo um estilo retrô, e não como Mods. Ser Mod para as mulheres também significaria assumir autenticidades e vanguardas como a independência econômica e a liberdade. A liberdade em geral, tanto no emprego, como nas roupas, como na postura familiar exigida, e principalmente, nos relacionamentos. Assumir essas posturas acabam gerando estigmas, que as mulheres não querem ou não suportariam carregar. Muitas garotas, Mods, ou não Mods, nos ambientes de sociabilidade, embora tenham determinadas posturas de liberdade, ainda a escondem. Todavia, algumas das garotas que se consideram Mods, acabam também não assumindo tal postura, são garotas que vivem principalmente a estética e a musicalidade, e não tanto o comportamento. Expressam suas feminilidades, tradicionais ou não, através de outros elementos de estetização, que não os padrões estabelecidos.

Percebemos também, que a identificação com um grupo cultural do passado britânico pode dizer muito sobre os brasileiros, que ainda têm uma visão hierarquizada da cultura. Ao apropriarem-se de uma cultura proveniente da Europa, mesmo recriando a cena de forma abasileirada, permanece dentro dela a referência à “civilização européia”. Relespública tem uma música que fala sobre isso, e expõe o pensamento dos indivíduos que pertencem ao grupo, sobre a visão dos brasileiros em relação a eles, e aos apreciadores do rock: “[...] rock no Brasil é diversão de maluco, mas onde ele surgiu, é profissão que dá lucro [...]”.

De certa forma, os estigmas estão presentes tanto nos brasileiros, em relação aos Mods ou roqueiros em geral, quanto dos roqueiros em relação aos demais grupos culturais, que não são provenientes da Europa.

Dentro dessa idéia ainda, percebemos que, no grupo dos Mods, estão presentes jovens das mais variadas faixas etárias, homens e mulheres, mas principalmente, de classe social conhecida como média. Nenhum deles é muito pobre, ou vive em bairros pobres, na maioria são universitários, ou as famílias são estáveis, quando ainda não têm idade universitária. Muitos são profissionais, e independentes financeiramente. Esses fatores facilitam para os indivíduos participarem do grupo, que consome produtos culturais que, de início, exigem acesso à informação, computadores, internet, tempo, dinheiro sobrando para festas e roupas diferenciadas. Também, a liberdade de escolher as roupas e cabelos,

perpassa pela possibilidade de trabalhar em empregos que possibilitem tal liberdade.

Além disso, alguns jovens que se consideram Mods, são artistas, relacionados à área do *design*, ou *web design*, da moda, ou da música. Principalmente, as pessoas relacionadas às artes percebem a necessidade do mundo contemporâneo de dar espaço às diversidades, de valorizá-las, já que dependem profissionalmente de um público, que cada vez mais torna-se aberto a variedade de estilos. Embora, sintam-se pertencentes ao grupo dos Mods, os artistas procuram atingir seu público além de suas influências pessoais, valorizando a coexistência.

Já os jovens que participam do grupo, sem depender profissionalmente deste, tentam, ao contrário dos artistas, criar limites e fronteiras mais fixas para o grupo, na tentativa de excluir e negar o que não pertence ao universo do grupo. Essas atitudes nos remetem às idéias de Hall, sobre as identidades de fronteira, fazendo-nos perceber o quanto é sutil a fronteira entre o que é e o que não é para os grupos culturais. Até porque, o ser ou não ser é um processo que está sempre em negociação com as subjetividades e os contextos de existência do próprio grupo.

Da mesma forma, como pesquisadora, pensei que iria encontrar um grupo fixo e apontar neste trabalho justamente seus elementos de cooptação e como o processo de identificação acontece. E percebi, conforme minha caminhada, que na realidade os processos estão sempre acontecendo, e que até mesmo os elementos de cooptação ou identificação podem se modificar, já que a fluidez tanto nas relações, como nos sujeitos e nos grupos, é uma característica do nosso tempo.

Nos ambientes em que freqüentei, e que ainda freqüento, vejo clara a necessidade da valorização da diversidade, já que a maioria dos bares cedeu a essa estratégia, até mesmo para sobreviverem na realidade atual da competitividade, do consumo cultural e da rapidez das mudanças identitárias e subjetivas.

Participamos, em trabalho de campo, de uma festa em Curitiba, eu, minha orientadora e uma colega, em que pudemos sentir essa dimensão. A festa iniciou com a banda Relespública tocando, numa noite de quarta-feira, que se tornou famosa justamente pela participação dessa banda. As influências da banda Relespública são Mods, desde *blues*, The Who, até suas próprias músicas, que têm esse apelo. Após o intervalo da banda, um público totalmente apreciador dessa banda e de suas influências musicais, permaneceu aguardando a próxima banda,

chamada Anacrônica.

A banda Anacrônica tocou músicas de sua autoria, juntamente com um repertório de sons que variavam de Mutantes a Michael Jackson. O nome da banda já frisava a atemporalidade fixa nas escolhas do repertório. E, para a nossa surpresa, o mesmo público que divertia-se com a banda Relespública, com influências específicas, divertia-se da mesma forma, com a banda Anacrônica.



Foto 35: Trabalho de Campo, Alexandra, Daniele e Andrea. E, banda Anacrônica.

Em Ponta Grossa, preparadas para ir a Curitiba, para trabalho de campo participativo. Preparando o clima para o ambiente de casa noturna, que é o bar Empório São Francisco, ouvimos discos de vinil dos Beatles e dos Rolling Stones, na casa de Andrea, orientadora dessa pesquisa. Cada uma vestida a seu estilo, viajamos até Curitiba, participamos da noite no Empório, onde assistimos às apresentações das bandas Relespública e Anacrônica, organizando o que Jacques Racière define com o conceito de “partilha do sensível”, em que forma estética e conteúdo formam os sentidos de comunidade a serem partilhados pelos sujeitos em contrução identitária e subjetiva no âmbito das relações cotidianas. Ao lado, imagem da banda Anacrônica, que, dentro do contexto da diversidade cultural, consegue adaptar seu repertório a vários estilos musicais, e agradar a muitos que participam das noites de quarta-feira no Empório. A banda é formada por Marcelo Bezerra, Marcelinho, Bruno Sguissardi e Sandra Piola.

Fonte: Arquivo pessoal de pesquisa, 2008; Trama virtual, 2008.

A participação da orientadora também nesse processo participativo de pesquisa foi fundamental para as análises de forma cooperativa. Percebemos que a construção desta pesquisa modificou muitas posturas em nós mesmas, principalmente em relação à forma que víamos os grupos culturais, suas interações,

posicionamentos, e em relação às nossas preferências e à valorização da diversidade também por nós.

Da mesma forma, a construção deste trabalho, que buscou complexificar o entendimento dos grupos culturais, a partir do entendimento dos processos de identificação dos Mods e de suas formas de sociabilidade, proporcionou uma ruptura para nós, como pesquisadora e orientadora, em relação aos trabalhos de pesquisa em geral. Buscamos produzir um conhecimento científico e cultural onde forma e conteúdo estivessem colados, e não mais pudessem ser separados. Um conhecimento no qual a forma é o conteúdo e o conteúdo, a forma. Nesse processo, batalhamos, cansamos, sofremos, rimos, nos divertimos, fizemos trabalhos de campo maravilhosos, trocamos informações e tivemos discussões. Foi um trabalho de união e cooperação, em que crescemos unidas, recriando nossas relações no cotidiano, e, nos apropriando das práticas acadêmicas de orientação e pesquisa e recriando-as, da mesma forma que visualizamos nos grupos culturais. A última parte de finalização e revisão do trabalho foi, particularmente, trabalhosa e desgastante, devido às distâncias entre Ponta Grossa e Pato Branco, além das inúmeras tarefas e atividades de ambas já que, nesse processo de formação na pós-graduação, além de já exercer a profissão de advogada em minha cidade, tornei-me professora em nível superior do Curso de Direito da Unioeste, em Engenheiro Francisco Beltrão. A curta duração do período de formação, pesquisa e elaboração da dissertação existentes nos Mestrados atualmente, somados à sobreposição de atividades, os problemas pessoais e profissionais de ambas – pesquisadora e orientadora – foi muitas vezes, no encerramento desse trabalho, motivo de conflito e de stress, próprios da finalização de um ciclo da vida acadêmica e profissional. Tudo isso também nos leva a refletir sobre as possibilidades de produção de conhecimentos científicos e culturais emancipadores e interdisciplinares, em condições mínimas de valorização das atividades de pesquisa sobre realidades complexas, no contexto da chamada pós-modernidade. Nesse contexto de permanentes transformações e contradições, nos colocamos como sujeitos que se vêem permanentemente entre o dilema de querer refletir sobre sua condição e sua cultura, e a urgência de garantir sua sobrevivência e sua independência econômica - realizando tarefas produtivas demandadas por suas ocupações e não apenas pelos seus interesses - para ser cidadão numa sociedade em que a capacidade de ser reconhecido como consumidor, como diz Canclini, é que define quem pertence ou não a algum grupo

cultural, social, político ou economicamente reconhecido.

Acreditamos, hoje, nessa postura diferenciada da pesquisa e do trabalho acadêmico, que nos desvela uma realidade em relação ao objeto de pesquisa, mas que também desvela nossa própria realidade, nossas visões de mundo, e nos proporciona aprender, e transformar nossa própria realidade. Uma realidade que encara e assume, como Rancière, a partilha do sensível como ato teórico e prático, sobretudo estético e político, que dá forma às comunidades na contemporaneidade: “Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre o conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas.” (RANCIÈRE, 2005, p. 7)

Podemos dizer que nossa experiência de pesquisa, confirmou o que as palavras de Rancière já haviam consagrado sobre o reconhecimento do dissenso e do desentendimento como base das novas formas de subjetividade política e dos novos modos de sentir, fundados em atos cotidianos estéticos que configuram as experiências contemporâneas (RANCIÈRE, 2005, p. 11), onde a cultura assumiu centralidade e a partilha do sensível tornou-se o cerne da política e da economia, com a fusão da arte com a vida cotidiana, construindo comportamentos individuais e coletivos que podem ou não servir à criação de novas cidadanias ou processos de emancipação social, cultural, econômica e política, que não mais se separam em esferas estanques.

As estetizações cotidianas dos sujeitos que tentam criar formas de cidadania nos atos de consumo e na busca de reconhecimento em grupos culturais que observamos e analisamos, as recriações que percebemos, nos fez também reestetizar e recriar nossas relações acadêmicas, motivo pelo qual, atribuímos nós, um novo significado ao trabalho, além de solucionar a problemática proposta: renovar as relações acadêmicas e a pesquisa através dos processos que envolvem o cotidiano de professores e alunos envolvidos com a produção do conhecimento, renovando assim, as visões de mundo que temos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Yara Rondon Guasque. **Telepresença**: interação e interfaces. EDUC: São Paulo, 2005.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução: Maria Lúcia Pereira. 5 ed. Papirus: Campinas, SP, 2005.

Australian Scooterism. Disponível em: <www.australianscooterist.com/>. Acesso em: set 2008.

Bar James. Disponível em: <www.barjames.com.br/sobre.htm>. Acesso em: set 2008.

BARNES, Richard. **Mods!** 2 ed. Londres, Inglaterra: Plexus Publishing, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BARBOSA, Márcio Ferreira. **Experiência e narrativa**. Salvador: EDUFBA, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

Bitlounge. Disponível em: <www.bitlounge.net/retrolounge/fashion.htm>. Acesso em: set 2008.

Britkamo. Disponível em: <http://www.britkamo.com/bkmtxhtml_2008/port_pages/slsf.html>. Acesso em: set 2008.

CAMPOY, L. C. Esses camaleões vestidos de noite: uma etnografia do underground heavy metal. **Sociedade em estudos**, Curitiba, v.1, ano 1, UFPR, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **Culturas híbridas**. México, DF: Grijalbo, 1989.

_____, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; RODRIGUEZ, Juan Manuel Lopes; RAMIREZ, Francisco Gerardo Toledo. **La inquietante ambigüedad de la imagen**. Azcapotzalco – México. 2004.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. 2 ed. São Paulo: SENAC, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. 1. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **O poder da identidade**. (A Era da informação: economia, sociedade e cultura, vol. 2) 3a ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHARTIER, Roger. A nova história cultural existe? In: **História e linguagem**. LOPES, Herculano Antonio; VELLOSO, Mônica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). p. 29-43. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

Chinasky. Disponível em: <<http://www.chinasky.com.br/textodinamite.htm>>. Acesso em: 11 set 2008.

Cliquemusic. Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ira!.asp>>. Acesso em: ago 2008.

COELHO, Maria das Graças Pinto. Cidadania cultural: uma lícita reinvenção da rede imaginária global. Comunicação apresentada no XXVI INTERCOM - **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, BH/MG, 2 a 6 set 2003.

COELHO, Teixeira. **Cultura e imaginário**: dicionário crítico de política cultural. FAPESP. São Paulo. 2004.

COSTA, Antônio Firmino da. **Identidades culturais urbanas em época de globalização**. IN: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Volume 17, n. 48, São Paulo, fev./2002.

COUTINHO, Higor. Música Mod. **Speculum**. Disponível em: <http://www.speculum.art.br/module.php?a_id=1676>. Acesso em: jun 2007.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC. 2002.

DELLEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. 1 ed.: 1997. 2ª. reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2005.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio e Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.

_____. **Depois da teoria**. Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais**: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte – MG: Editora UFMG, 2004.

Faichecleres. Disponível em: <http://www.faichecleres.com.br/>. Acesso em: ago 2008.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Studio Nobel, 1995.

FERNANDES, Gisele Manganelli; Verbete "Pós Moderno". In: **Conceitos de Literatura e Cultura**. Eurídice Figueiredo (Org.). p. 367 e ss. Juiz de Fora: UFJF/Eduff, 2005.

Flickr. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/hiddendimension/350413589/>>. Imagem carregada em jan 2007. Acesso em: set 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.

_____. **A ordem do discurso**. 11 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GRAU, Oliver. **Arte Virtual**: da ilusão à imersão. São Paulo: UNESP, 2005.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 15 ed. Campinas – SP: Papyrus, 2004.

_____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 1 ed. 5ª. reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 14 ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HEARTNEY, Eleanor. **Pós-modernismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip hop invadem a cena**. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação. In: **Horizontes Antropológicos**, Jul/Dez. 2005, vol.11, no.24, p.155-184.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos**. 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. 2 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004.

Innercity. Disponível em: <www.innercity.freereserve.co.uk/new_blast_past.htm>. Acesso em: ago 2008.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural**. Reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Pós-Modernismo**. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. In: **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan/jul 2006.

LEÃO, Lucia (org.). **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume Editora, 2004.

LESSA, Sérgio. Identidade e individuação. In: **Katalysis**. V 7, n 2, jul/dez. 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2005.

LEVY, Shawn. **Ready, steady, go: the smashing rise and giddy fall of swinging London**. Broadway Books – USA. 2003.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sebastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOPES, Daniel. **Public.Fotki**. Disponível em: <http://public.fotki.com/8pow/12_festa_pow!/12poow_009.html> Acesso em: 13 ago 2008.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 7 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **A história cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais**. São Paulo vol 34, 1992, p. 9-24.

Mod culture. Disponível em: <www.modculture.co.uk>. Acesso em: set 2008.

Modernist. Disponível em: <www.modernist.com>. Acesso em: set 2008.

MTV. Disponível em: <<http://mtv.uol.com.br/noticias08/node/89469>>. Acesso em: ago 2008.

My Brighton. Disponível em: <www.mybrightonandhove.org.uk/page_id__8300_path__0p116p167p.aspx>. Acesso em: set 2008.

Myspace. Disponível em: <http://profile.myspace.com/index.cfm?fuseaction=user.viewprofile&friendid=195640145>. Acesso em: ago 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música**. 2 ed. Autêntica editora: Belo Horizonte – MG. 2005.

NME Originals. MOD. Interviews, reviews and rare photos. Editor: Chris Hunt. London: UK. Copyright: IPC Ignite. 2006.

O Profeta. Disponível em: <<http://oprofeta.globo.com/Novela/OProfeta/0,,AA1427629-7323,00.html>>. Acesso em: set 2008.

Ordinária Hit. Disponível em: <www.ordinariahit.net/body.htm>. Acesso em: set 2008.

Orkut. Comunidade Mods Brasil e comunidades relacionadas. Disponível em: <www.orkut.com.br>. Acesso em: set 2008.

Overmundo. Disponível em: <www.overmundo.com.br>. Acesso em: set 2008.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre o universal e a diversidade. In: **Revista Brasileira de Educação**. V. 12. n. 34. jan./abr. 2007.

PAIS, José Machado. Jovens, bandas musicais e revivalismos tribais. In: **Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades**. Coordenadores: José Machado Pais e Leila Maria da Silva Blass. Anablume Editora: São Paulo. 2007.

PALMA, Angela Zolet. [**Participante da pesquisa**]. 2007. Fotografia Digital.

PASOLD, César Luiz. **Metodologia da comunicação nos trabalhos científicos**. Conceito Editorial. São José: Santa Catarina. 2006.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. **AIDS**: os sentidos do risco. São Paulo: Ed. Veras, 1999.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 5, ano 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História**: Revista de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, EDUC. n. 15, p. 13 a 50. 1997.

PORTO, Marta. Recuperar a dimensão política da cultura: nosso principal desafio. In: **Pensar Iberoamérica**: Revista de Cultura de la OEI. N. 07. set./dez. 2004.

QUADROPHENIA. Diretor: Franc Roddam. Diretores Musicais: John Entwistle e Pete Townshend. Produtores: Roy Baird e Bill Curbishley. Produtores Executivos: The Who. Universal Pictures, 1979. 115 minutos. Tema: Vida em gangue. Roteiro: Dave Humphries, Martin Stellman e Franc Roddam. Polydor Intl. Gmbh.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. São Paulo: EXO Experimental org./Ed. 34, 2005.

RAWLINGS, Terry. **Mod**: A very British phenomenon. Clean Living under difficult circumstances. London – UK: Omnibus Press, 2000.

REY, Fernando González. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

Rockinbeat. Disponível em: <http://www.rockinbeat.de/img/releases/RB%20252_id_sm_727.jpg>. Acesso em: set 2008.

ROMERO, Maria Xosé Agra. Verbetes **Cidadania**. In: Dicionário de Filosofia, Moral e Política. Instituto de Filosofia da Linguagem. Projeto em curso da Universidade Nova de Lisboa. 2002. Disponível em: http://www.ifl.pt/ifl_old/actividadesrealizadas.htm, acesso em: 13 de setembro de 2008.

ROSA, João. **Imagens de seu arquivo pessoal**. 1998.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 3 ed. São Paulo: PAULLUS, 2008.

_____. ARANTES, Priscila. (Org.) **Estéticas Tecnológicas**: novos modos de sentir. São Paulo: Educ. 2008.

SANTOS, Andrea Paula dos. **Ponto de vida**. Cidadania de mulheres faveladas. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

_____. **Imagens** e sons de histórias do tempo presente e do imediato: identidades e concepções de sujeito, memórias e subjetividades em (des)construção no cotidiano da História. In: **Revista de História Regional** 12(1): 101-129, Verão, 2007

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de alice**: o social e o político na pós-modernidade. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na argentina. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

Scooterwest. Disponível em: www.scooterwest.com/item_detail/Bajaj-logo-pin/799/. Acesso em: ago 2008.

SILVA, Rubens Alves da. **Entre artes e ciências**: a noção de performance e drama no campo as ciências sociais. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. Ano 11, n. 24, p. 35-65, jul./dez. 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Hall, S. Woodward, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. São Paulo: Vozes, 2000.

Trama Virtual. Website de bandas locais independentes. Disponível em: <http://tramavirtual.uol.com.br/artista.jsp?id=1346>><http://tramavirtual.uol.com.br/artista.jsp?id=588>><http://tramavirtual.uol.com.br/galeriaArtista.jsp?id=757276>>. Acesso em: ago 2008.

The Scene. Disponível em: www.thescene.de/start.htm>. Acesso em: ago 2008.

The Who. [Imagem 1965]. Disponível em: www.thewho.com>. Acesso em: 07 set 2008

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVINHO, Eugênio. Erosões do identitário, transparência do efêmero na cibercultura. In: **Sociedade da informação e novas mídias**: participação ou exclusão? Organizado por Cicília M. Krohling Peruzzo e Juçara Brittes. São Paulo: Intercom, 2002. p. 79-101 Coleção Intercom de Comunicação, v. 14.

_____. Glocal: para a renovação da crítica da civilização mediática. In: FRAGA, D. e FRAGOSO, S. (Org.). **Comunicação na cibercultura**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VAGALUME. **Entrevista com o Grupo IRA!**. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/especiais/entrevista-ira.html>>. Acesso em: 21 out 2006.

Vespangang. Disponível em: www.vespagang.blogspot.com. Acesso em: set 2008.

Vespa Club USA. Disponível em: <www.vespaclubusa.org/as/backissues/2005/gsmemories.htm>. Acesso em: set 2008.

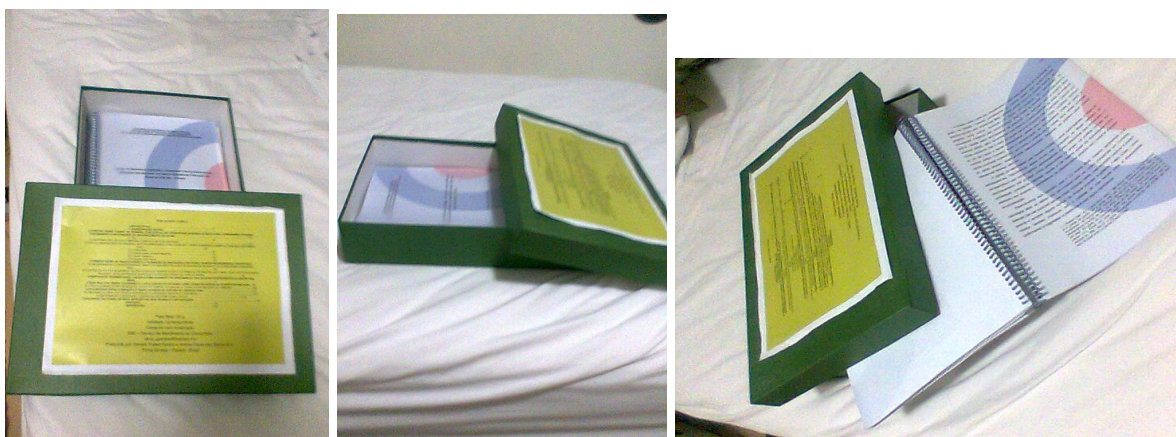
VARGAS, Raul Osório. A busca permanente das outras vozes. In: **Jornal da USP**. Ano XV, n. 600. 10 a 16 de junho de 2002. Disponível em <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2002/jusp600/pag06.htm>, acesso em 14 de agosto de 2008.

VALDEVINO, André. [**Participante da Pesquisa**]. Fotografia digital.

VERGUREN, Enamel. **This is a modern world: the 1980s London mod scene**. London. UK: Helter Skelter Publishing, 2004.

ANEXOS

De acordo com o apresentado nas considerações iniciais, o presente trabalho foi apresentado em caixa, representando um produto científico-cultural. As páginas continham o alvo mod pela metade, demonstrando a desconstrução do grupo através da análise realizada pela pesquisa.



A página de apresentação da caixa, e a ilustração do alvo Mod na página também seguem em anexo.

Além disso, a defesa da dissertação para a banca foi somada à performance de exposição de imagens Mods, do passado e do presente:



Este produto científico-cultural contém:

LISTA DE FOTOS.....	10
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2 QUEM SÃO ESSES “CARAS” DE TERNINHO, ESTILIZADOS, QUE FREQUENTAM OS BARES DE ROCKNROLL CURITIBANOS? OS MODS CURITIBANOS E A NECESSIDADE DO RECONHECIMENTO DO OUTRO.....	17
2.1 EU.....	17
2.2 HISTÓRIA ORAL DE VIDA E MEMÓRIA: CIÊNCIA E ARTE DO INDIVÍDUO.....	24
2.3 OS COLABORADORES DA PESQUISA, QUE FALARAM SOBRE A “SUA GERAÇÃO”, SOBRE SI MESMOS E SOBRE A CENA MOD CURITIBANA: ELLES.....	31
2.3.1 Fabio Elias.....	31
2.3.2 Daniel Lopes e Juliana Negreiros.....	32
2.3.3 André Valdevino.....	33
2.3.4 Angela Zolet Palma.....	34
3 TENSÕES ENTRE AS SUBJETIVIDADES E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS: OS MODS EM DIFERENTES CONTEXTOS.....	37
3.1 MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: BASES DE ANÁLISES CRÍTICAS DAS MUDANÇAS SOCIAIS E CULTURAIS PARA O UNIVERSO MOD.....	37
3.2 OS INDIVÍDUOS PÓS-MODERNOS, OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E A FORMAÇÃO DE GRUPOS CULTURAIS: DOIS CONTEXTOS MODS INGLESES, SEUS DIFERENTES SENTIDOS E A CHEGADA DESSA CULTURA AO BRASIL.....	44
4 IDENTIDADES FRAGMENTADAS: A MÚSICA COMO ELEMENTO DE APROXIMAÇÃO DOS SUJEITOS PERTENCENTES AO GRUPO DOS MODS.....	79
5 CENA MOD CURITIBANA: O CONSUMO E A ESTETIZAÇÃO DO COTIDIANO COMO FORMA DE ALÍMIAR AS TENSÕES DO DIA-A-DIA.....	87
5.1 PONTO COMUM ENTRE OS MODS DE TODOS OS TEMPOS: O CONSUMO E A BUSCA POR UM ALÍVIO DE TENSÕES.....	87
6 DISCONEXÕES ENTRE O ESPAÇO E O TEMPO: OS MODS DE CURITIBA NA CIBERCULTURA.....	111
6.1 MUDANDO A CENA: A FLUIDEZ DA EXPRESSÃO CURITIBANA PRESENCIAL DOS MODS.....	111
6.2 INFORMAÇÃO E INTERAÇÃO: CIBERMODS DESTERRITORIZADOS.....	116
7 CIDADANIAS CULTURAIS: OS MODS APRESENTAM SEUS DILEMAS E CONTRADIÇÕES.....	124
DESFECHO.....	135
REFERÊNCIAS.....	143
ANEXOS.....	150

Peso Neto: 50 g.

Validade: contemporânea

Consumir com moderação

SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor:

dany_ppereira@hotmail.com

Produzido por Daniele Prates Pereira e Andrea Paula dos Santos S.A.

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO MULTIDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**ENTRE OS BRECHÓS E A INTERNET: CIDADANIAS FLUIDAS E IDENTIDADES
MEDIADAS POR PRÁTICAS CULTURAIS PRESENCIAIS E VIRTUAIS DOS
MODS DE CURITIBA – PARANÁ**

DANIELE PRATES PEREIRA

**PONTA GROSSA – PARANÁ
2008**

Eu, ANGELA ZOET PALMA, de estado civil SOLTEIRA, idade 22, sob número de identidade 10609291-9, atualmente residindo no endereço R. Xingou, 1350 - Pato Branco, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em 26/04/08 para o trabalho de pesquisa intitulado "O indivíduo na pós-modernidade: o "revival" da *mod culture* como busca de identidades" a ser realizado pela pesquisadora Daniele Prates Pereira, em função do curso de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa no período de agosto de 2006 a agosto de 2008. Assim, o material poderá ser usado (X) integralmente ou (X) em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para: ouvir as gravações e usar citações das transcrições, ficando vinculado ao controle da pesquisadora.

Obs: A entrevista efetuada será transcrita, textualizada pela pesquisadora, em seguida revisada pelas pessoas entrevistadas como forma de segurança de conteúdo. Qualquer dúvida, entre em contato com pesquisadora responsável pela pesquisa (46) 3225-6400 ou (46) 9917-7328 ou com a Comissão de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações pelo telefone: (42) 3220-3262. Destaca-se ainda que se houver gastos adicionais estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa e sempre que forem tidas informações atualizadas, obtidas durante o estudo, os entrevistados serão comunicados.

Daniele P. Pereira

Daniele Prates Pereira

[Assinatura]
Assinatura

ANGELA ZOET PALMA
Nome do entrevistado (a)

[Assinatura]
Assinatura

Observações do participante/entrevistado:

Autoriza a utilização de imagem

MAI-28-2008 15:10 De:BARIGUI TORRES SROOM 30177524

Para:225 6400

P.1

Eu, DANIEL LOPES COELHO, de estado civil solteiro, idade 26, sob número de identidade 12 467 523 -1, atualmente residindo no endereço R. Atilio Boraso 400/24 Curitiba, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em _____ para o trabalho de pesquisa intitulado "O indivíduo na pós-modernidade: o "revival" da *mod culture* como busca de identidades" a ser realizado pela pesquisadora Daniele Prates Pereira, em função do curso de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa no período de agosto de 2006 a agosto de 2008. Assim, o material poderá ser usado () integralmente ou () em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para: ouvir as gravações e usar citações das transcrições, ficando vinculado ao controle da pesquisadora.

Obs: A entrevista efetuada será transcrita, textualizada pela pesquisadora, em seguida revisada pelas pessoas entrevistadas como forma de segurança de conteúdo. Qualquer dúvida, entre em contato com pesquisadora responsável pela pesquisa (46) 3225-6400 ou (46) 9917-7328 ou com a Comissão de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações pelo telefone: (42) 3220-3262. Destaca-se ainda que se houver gastos adicionais estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa e sempre que forem tidas informações atualizadas, obridas durante o estudo, os entrevistados serão comunicados.

Daniele P. Pereira

Daniele Prates Pereira

[Assinatura]
Assinatura

DANIEL LOPES COELHO
Nome do entrevistado (a)

[Assinatura]
Assinatura

Observações do participante/entrevistado.

Autorizo utilizar as fotos no website da Bau

I-28-2008 15:14 De:BARIGUI TORRES SROOM 30177524

Para:225 6400

P.1

Eu, Juliana Heizer Nogueiras, de estado civil solteira, idade 34, sob número de identidade 11122951-4 IFP, atualmente residindo no endereço R. Atílio Borio 400/24 Curitiba, declaro para os devidos fins que cedei os direitos de minha entrevista gravada em _____ para o trabalho de pesquisa intitulado "O indivíduo na pós-modernidade: o "revival" da *mod culture* como busca de identidades" a ser realizado pela pesquisadora Daniele Prates Pereira, em função do curso de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa no período de agosto de 2006 a agosto de 2008. Assim, o material poderá ser usado () integralmente ou () em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para: ouvir as gravações e usar citações das transcrições, ficando vinculado ao controle da pesquisadora.

Obs: A entrevista efetuada será transcrita, textualizada pela pesquisadora, em seguida revisada pelas pessoas entrevistadas como forma de segurança de conteúdo. Qualquer dúvida, entre em contato com pesquisadora responsável pela pesquisa (46) 3225-6400 ou (46) 9917-7328 ou com a Comissão de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações pelo telefone: (42) 3220-3262. Destaca-se ainda que se houver gastos adicionais estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa e sempre que forem tidas informações atualizadas, obtidas durante o estudo, os entrevistados serão comunicados.

Daniele P. Pereira

Daniele Prates Pereira

[Assinatura]
Assinatura

Juliana Heizer Nogueiras
Nome do entrevistado (a)

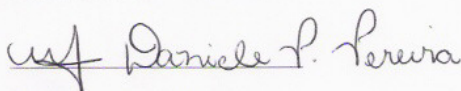
Juliana Heizer Nogueiras
Assinatura

Observações do participante/entrevistado:

autorizo utilizar as fotos no website da PGG AN

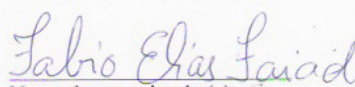
Eu, FÁBIO ELIAS, de estado civil SOLTEIRO, idade 32, sob número de identidade 5.922.208-0, atualmente residindo no endereço R. João Américo de Oliveira 47 ap. 02, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em 06/02/07 para o trabalho de pesquisa intitulado "O indivíduo na pós-modernidade: o "revival" da *mod culture* como busca de identidades" a ser realizado pela pesquisadora Daniele Prates Pereira, em função do curso de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa no período de agosto de 2006 a agosto de 2008. Assim, o material poderá ser usado ☒ integralmente ou ☐ em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para: ouvir as gravações e usar citações das transcrições, ficando vinculado ao controle da pesquisadora.

Obs: A entrevista efetuada será transcrita, textualizada pela pesquisadora, em seguida revisada pelas pessoas entrevistadas como forma de segurança de conteúdo. Qualquer dúvida, entre em contato com pesquisadora responsável pela pesquisa (46) 3225-6400 ou (46) 9917-7328 ou com a Comissão de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações pelo telefone: (42) 3220-3262. Destaca-se ainda que se houver gastos adicionais estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa e sempre que forem tidas informações atualizadas, obtidas durante o estudo, os entrevistados serão comunicados.



Daniele Prates Pereira


Assinatura



Nome do entrevistado (a)


Assinatura

Observações do participante/entrevistado:

→ Autoriza uso imagens da internet.

Eu, ANDRÉ VALDEVINO, de estado civil SOLTEIRO, idade 28, sob número de identidade 3.522.149-2, atualmente residindo no endereço R. Osório, 455 AP. 54 CTBA - PR, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em 10/12/07 para o trabalho de pesquisa intitulado "O indivíduo na pós-modernidade: o "revival" da *mod culture* como busca de identidades" a ser realizado pela pesquisadora Daniele Prates Pereira, em função do curso de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa no período de agosto de 2006 a agosto de 2008. Assim, o material poderá ser usado ☒ integralmente ou ☒ em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para: ouvir as gravações e usar citações das transcrições, ficando vinculado ao controle da pesquisadora.

Obs: A entrevista efetuada será transcrita, textualizada pela pesquisadora, em seguida revisada pelas pessoas entrevistadas como forma de segurança de conteúdo. Qualquer dúvida, entre em contato com pesquisadora responsável pela pesquisa (46) 3225-6400 ou (46) 9917-7328 ou com a Comissão de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações pelo telefone: (42) 3220-3262. Destaca-se ainda que se houver gastos adicionais estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa e sempre que forem tidas informações atualizadas, obtidas durante o estudo, os entrevistados serão comunicados.

Daniele P. Pereira

Daniele Prates Pereira

[Assinatura]
Assinatura

André Luiz Valdevino
Nome do entrevistado (a)

[Assinatura]
Assinatura

Observações do participante/entrevistado:

→ Autoriza utilização de imagens da internet.